

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANDERSON PATRICK RODRIGUES

**SOCIABILIDADES ADOLESCENTES NA ESCOLA BÁSICA: UM ESTUDO SOBRE
AS TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NOS CURSOS DE PÓS-
GRADUAÇÃO DO BRASIL ENTRE 2004 E 2013.**

BELÉM-PA
2017

ANDERSON PATRICK RODRIGUES

**SOCIABILIDADES ADOLESCENTES NA ESCOLA BÁSICA: UM ESTUDO SOBRE
AS TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NOS CURSOS DE PÓS-
GRADUAÇÃO DO BRASIL ENTRE 2004 E 2013.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora com vistas à obtenção parcial do título de Mestre em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Área de concentração: Formação de Professores, Trabalho Docente, Teoria e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wilma de Nazaré Baía Coelho

ANDERSON PATRICK RODRIGUES

**SOCIABILIDADES ADOLESCENTES NA ESCOLA BÁSICA: UM ESTUDO SOBRE
AS TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NOS CURSOS DE PÓS-
GRADUAÇÃO DO BRASIL ENTRE 2004 E 2013.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora com vistas à obtenção parcial do título de Mestre em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Área de concentração: Formação de Professores, Trabalho Docente, Teoria e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wilma de Nazaré Baía Coelho

Orientadora: _____
Prof^a. Dr^a. Wilma de Nazaré Baía Coelho (IFCH/UFPA)

1º Examinador (a): _____
Prof^a. Dr^a. Lucélia de Moraes Braga Bassalo (CCSE/UEPA)

2º Examinador (a): _____
Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão (ICED/UFPA)

AVALIADO EM: ___/___/___

CONCEITO: _____

A meus pais, em retribuição ao bem que me fazem.

Para compreender o que se passa em lugares como estabelecimentos escolares, que aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem, não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente. É necessário também confrontá-los como eles o são na realidade, não para os relativizar, deixando jogar até o infinito o jogo das imagens cruzadas, mas, ao contrário, para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta do confronto de visões de mundo diferentes ou antagônicas: isto é, em certos casos, o trágico que nasce do confronto sem concessão nem compromisso possível de pontos de vista incompatíveis, porque igualmente fundados em razão social (BOURDIEU: 1988, p.11)

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos acumulei um bom número de dívidas de gratidão: agradeço primeiramente a **DEUS**, pela vida maravilhosa que tenho, por seus ensinamentos, nem sempre prontamente assimilados, mas necessários e sempre muito bem vindos. Por senti-lo a cada dia de minha existência, principalmente em cada uma de minhas superações. Agradeço a meus pais **FÁTIMA** e **WALTER** pelo incentivo aos estudos e por mostrarem, a mim e a meu irmão **ANDREI**, que viver uma vida digna, por mais difícil que seja, é sempre melhor que as facilidades sedutoras e perigosas tão comuns em comunidades carentes como a que nascemos, nos criamos e na qual vivemos até hoje (Cremação, bairro periférico da cidade de Belém do Pará).

Por falar em meu mano, também agradeço a ele por tudo o que passamos juntos nesses anos todos de amizade, fraternidade e por ter me dado os maiores de meus amores que são **LETÍCIA** e **SOFIA**. Agradeço a energia espiritual dos(as) amigos(as) dos quais não poderei receber o abraço forte que sempre trocávamos, mas que continuam presentes em meus caminhos a me proteger e fortalecer. Agradeço aos amigos cotidianos e aos que voaram para longe, pois sinto todos comigo, felizes e em festa, onde quer que suas asas os tenham levado.

Meus profundos agradecimentos à professora **Wilma Baía**, primeiro por aceitar o desafio de me orientar sem mesmo me conhecer, pela firme e doce forma de ensinar e nos preparar para a vida; por me incluir ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais (Núcleo GERA), fundamental para minha formação continuada; por incluir-me entre os tutores da Especialização ofertado pelo GERA – UFPA em parceria com a UNIAFRO, pela bolsa proveniente desta tutoria, por toda a paciência e tempo dedicados a mim nestes dois anos de convivência. Sinto-me profundamente orgulhoso de ser seu orientando, de trazer comigo este selo de qualidade, de trazer um pouco dela comigo para a vida toda, o que de pronto me torna não apenas um profissional diferenciado e preparado para encarar e vencer os desafios que encontrarei dentro e fora dos muros universitários, mas um ser humano melhor e atento às necessidades dos(as) outros(as).

Agradeço os professores **Lucélia Bassalo** e **Carlos Paixão** por aceitarem dedicar tempo e capital à leitura e avaliação deste trabalho. Agradeço de coração às sugestões para aprimoramento desta pesquisa que é nossa.

Aos amigos de batalha, desejo a todos muita sorte, paciência e perseverança. Obrigado pelo carinho, pela confiança, pelas alegrias, pela companhia, pelas confusões e pelas reprovações, se existiram, mas a cima de tudo obrigado pela AMIZADE E CUMPLICIDADE de sempre. Agradeço por tudo de coração. Sem vocês talvez meu caminhar na pós-graduação não teria sido completo. Se hoje sou uma pessoa de múltiplas habilidades, qualidades e alguns novos defeitos devo-os todos a vocês, meus oleiros.

Agradeço em especial ao **DANIEL**, um presente que Santo Antônio me deu, meu amigo, meu companheiro e Amor da minha vida. Obrigado por fazer de mim um homem melhor e mais feliz a cada dia. Agradeço por me aturar e por me ajudar a evoluir enquanto pessoa e enquanto espírito. Espero ser para ti a mesma fonte de amor e bondade que és para mim e que Deus nos permita seguirmos juntos por longo tempo, quem sabe por toda a vida.

E por falar em vida, chegamos à conclusão de um trabalho de vida, vencedor de algumas pedras no caminho que nos fizeram modifica-lo algumas vezes. Não foi um trabalho fácil, mas se o fosse, não seria para mim... Só posso, portanto, transbordar agradecimentos. Obrigado a todos e todas que presenciaram de perto minhas angústias durante a composição desta pesquisa, aos que acompanharam de perto a batalha com a saúde de meu pai, aos que compreenderam minhas ausências, minhas falhas, aos que dividiram comigo os espinhos de estudar e trabalhar simultaneamente, aos que viveram comigo as contradições e necessidades a superar da Pós-graduação em Universidade Pública; e, finalmente, aos que contribuíram direta ou indiretamente com a construção deste trabalho.

Dois anos se passaram e é chegada a hora de comemorar mais uma vitória... Essa é coletiva. É nossa! Muito, muito, muitíssimo obrigado a tod@s!

RESUMO

Trata-se de estudo sobre as Sociabilidades de Adolescentes em idade escolar, ou seja, sobre a forma como estudantes engendram, sofrem ou medeiam influências sobre (ou de) seus pares no interior da Escola Básica brasileira. Em relação à metodologia da pesquisa, adotamos como orientação teórica a abordagem qualitativa, e como estratégia de investigação o estudo bibliográfico, que nos permitiu refletir sobre o fenômeno da sociabilidade adolescente na Escola Básica, a partir do conhecimento apresentado em vinte e uma pesquisas disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDBTD. Interessa-nos, pois, investigar as diferentes formas de sociabilidades adolescentes na Escola Básica, mais especificamente os pensamentos teóricos que permeavam a produção de conhecimento sobre esta temática nos Programas de Pós-graduação brasileiros, defendidas entre 2004 e 2013. Para tal, realizamos o mapeamento dos trabalhos sobre a temática e categorizamos o que dizem as produções acadêmicas sobre sociabilidades adolescentes neste recorte temporal. Recorremos à análise de conteúdo de Bardin (2011) como aporte metodológico; e aos conceitos de campo em Bourdieu (1989, 1996, 2003 e 2014); e sociabilidades adolescentes de Coelho (2009, 2016A, 2016B) enquanto aporte teórico. Os resultados nos revelam que o estudo sobre as sociabilidades adolescentes no campo da educação está voltado para as relações estabelecidas por estudantes de escolas públicas de periferias brasileiras, tendo a violência como principal agente influenciador de sociabilidades, além de indicar a escola como lugar social voltado para as sociabilidades e, portanto, passível de rearranjos nas relações de poder presentes na mesma, o que ratifica a importância sobre o estudo das sociabilidades adolescentes na Escola Básica.

Palavras-chave: Sociabilidades. Adolescentes. Escola Básica. Mapeamento. Agentes influenciadores.

ABSTRACT

This is a study about the Adolescents Sociabilities of school age, that is, about how students engender, suffer or mediate influences on (or from) their peers within the Brazilian Basic School. Regarding the methodology of the research. We adopted as theoretical guidance the qualitative approach, and as a research strategy the bibliographic study, which allowed us to reflect on the phenomenon of adolescent sociability in the Basic School, from the knowledge presented in twenty-one research available in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations - BDBTD. It is therefore interesting to investigate the different forms of adolescent sociability in the Basic School, more specifically the theoretical thoughts that permeated the production of knowledge about this subject in the Brazilian Postgraduate Programs defended between 2004 and 2013. To do this, we performed the Mapping the work on the theme and categorize what academic productions say about teenage sociabilities in this temporal cut. We used the content analysis of Bardin (2011) as a methodological contribution; and to the field concepts in Bourdieu (1989, 1996, 2003 and 2014) and adolescent sociabilities of Coelho (2009, 2016A, 2016B) as a theoretical contribution. The results show that the study of adolescent sociabilities in the field of education is focused on the relations established by students from public schools in the Brazilian peripheries, with violence as the main agent influencing sociability, besides indicating the school as a social place aimed at The sociabilities and, therefore, capable of rearrangements in the relations of power present in the same, which ratifies the importance on the study of the adolescent sociabilities in the Basic School.

Key-words: Sociability. Primary School. Mapping. Influencers Agents.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráficos

Gráfico 01	Predominância de autores por Gênero	52
Gráfico 02	Pesquisas sobre Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica, no período de 2004 a 2013	52
Gráfico 03	Área de Atuação Profissional dos(as) autores(as)	54
Gráfico 04	Produção na Temática (2004- 2013)	55
Gráfico 05	Produção Por Programa de Pós-Graduação (2004-2013).	57
Gráfico 06	Procedimentos Metodológicos	60
Gráfico 07	Fatores Apontados como Influenciadores de sociabilidades (2004- 2013)	62
Gráfico 08	Categorias apontadas como influenciadoras das Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica	71

Quadros

Quadro 01	Teses e Dissertações sobre Sociabilidades Adolescentes - Temas e Debates entre 2004 e 2013	48
Quadro 02	Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes	83
Quadro 03	Quadro Matricial das categorias relacionadas às “Sociabilidades Adolescentes”: Formação de Professores; e Práticas Pedagógicas	84
Quadro 04	Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: Educação Física; Esporte e Escola; e Lazer	85
Quadro 05	Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: identificação.	86
Quadro 06	Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: Escola e Escolarização	87
Quadro 07	Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: Escola e Escolarização	89

- Quadro 08** Quadro Matricial das categorias relacionadas às 91
“Sociabilidades Adolescentes”: Família e Violência;
Preconceito; e Relações Raciais e de Gênero.
- Quadro 09** Quadro Matricial das categorias relacionadas às 93
“Sociabilidades Adolescentes”: Violência e escola
- Quadro 10** Quadro Matricial das categorias relacionadas às 96
“Sociabilidades Adolescentes”: Violência e escola.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDBTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EF - Educação Física
FCLA - Faculdade de Ciências e Letras de Assis
FINEP - Financiadora de Estudos e Pesquisas
FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.
GEPTE - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação
GERA - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PPGA - Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPGC – Programa de Pós- Graduação em Comunicação
PPGEEC – Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGEF - Programa de Pós-Graduação em Educação Física
PPGFCH – Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ciências Humanas
PPGH - Programa de Pós- Graduação em História
PRAP - Programa Rotativo de Aprendizagem Progressiva
PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UEA – Universidade do Estado do Amazonas
UEPA – Universidade do Estado do Pará
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de São Carlos

UFPA – Universidade Federal do Pará

UNESP – Universidade do Estado de São Paulo

UNICAMP – Universidade de Campinas

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Construção das Sociabilidades Adolescentes na escola Básica no campo da produção Acadêmica.....	30
SEÇÃO I – SOCIABILIDADES ADOLESCENTES: ESTADO DA ARTE 2004 -2013	34
1.1. Para Compreender a Sociabilidade.....	35
1.2. Pesquisas sobre Sociabilidades Adolescentes coletadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBTD.....	50
1.3. Concepções de Adolescentes nos Trabalhos Encontrados.....	62
1.4 Concepções de Sociabilidade nas pesquisas produzidas no Brasil entre 2004 e 2013.....	66
SEÇÃO II- SOCIABILIDADES E EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRELINHAS	81
2.1. O que dizem as Teses e Dissertações defendidas nos programas de Pós-graduação brasileiros, no período de 2004 a 2013?.....	82
2.2. Os “não ditos” das Teses e Dissertações sobre Sociabilidades Adolescentes defendidas entre 2004 e 2013.....	97
2.3. Caminhos possíveis para a produção de conhecimento sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	121

INTRODUÇÃO

Pensar em adolescentes ou em adolescência(s), normalmente nos conduz a um estereótipo de transição, caracterizado por constantes conflitos, estresse e impulsos sexuais. Este estereótipo é, pois, fruto de uma visão naturalizada pela Ciência, em especial pela Psicologia, facilmente assimilada e ratificada pela cultura ocidental (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002).

Esta visão naturalizada dos conceitos de adolescência e de adolescente marca aquela como um estado, ou seja, um período transitório entre infância e maior idade; e este, como um ser em construção, tendencioso ao desprendimento da infância, mas sem “lugar temporal”, ainda que dentro de um delimitado espaço de tempo, que finda na fase adulta. Autores como Debesse (1946), Aberastury (1980) e Aberastury e Knobel (1981), Santos (1996), no entanto, enfatizam a necessidade de encarar a adolescência e suas contradições não como um estado e sim como uma construção social (BECKER, 1989). Isso implica reconhecer adolescentes não apenas por características biológicas, ou marcas temporais, mas também por características psicológicas, sociais, culturais e suas sociabilidades respeitando as diferenças que permeiam estas relações.

O grande problema de naturalizar a imagem ou conceito de adolescência e adolescente é a homogeneização dos conflitos existentes nesta fase da vida, pois considerar tal homogeneidade como regra, pressupõe que todos os adolescentes são iguais¹, têm as mesmas condições sociais, culturais, raciais, sexuais, econômicas, etc., o que na realidade não acontece.

A tradição dos estudos sobre adolescentes, especialmente no Brasil, ocupa-se majoritariamente de problematizar esta condição por duas categorias-chave: a violência e a sexualidade². Recentemente outras categorias surgiram para ampliar

1 Margareth Mead já atentava, em 1945, para o problema da universalidade dos conflitos adolescentes. Para a autora, antes de se entender a origem dos conflitos adolescentes, era preciso entender quem era o adolescente agente do conflito. Portanto, o lugar social e histórico que ocupa, pois, tratar os conflitos que ocorrem na adolescência de forma universal e genérica desconsidera as diversidades sociais, dos diferentes sujeitos adolescentes, como se todos fossem iguais, tivessem as mesmas oportunidades, pertencessem às mesmas classes sociais e possuíssem o mesmo *status* econômico e mesmo nível cultural.

2 Sobre os autores que estudam estas categorias de sociabilidade, ver os trabalhos de: CECCHETTO, Fátima; MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane. Sociabilidade Juvenil, cor, gênero e sexualidade no baile charme carioca. Cadernos de Pesquisa. V. 42. n. 146. p. 454-473. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/27>>. Acesso em: 12 set. 2015. KOLLER, Sílvia H. Educação para Pró-Sociabilidade: uma lição de cidadania? Paidéia FFCLRP- USP, Rib Preto. Fev/ago 1997. Disponível em:

os estudos sobre a adolescência e sobre adolescentes no Brasil, ancoradas principalmente nas Ciências Sociais, dentre elas o estudo das *Sociabilidades Adolescentes*³, ocupada de entender como as relações sociais interferem na construção da condição adolescente.

O interesse pela pesquisa sobre sociabilidades adolescentes nos levou para a investigação da realização deste fenômeno nos ambientes da Escola Básica brasileira, pois, tradicionalmente, a escola vem se firmando um ambiente de tensões e conflitos (BOURDIEU, 2014A) especialmente entre adolescentes, muitas vezes motivados por intolerância às diversidades, muitos deles inclusive chegando a violências extremas⁴, que podem ser entendidas como consequências de um quadro mundial, igualmente preocupante, e motivado pelo sucateamento da educação brasileira, acrescido pela ascensão de grupos radicais que utilizam-se dos meios digitais para disseminarem seus ideais de ódio para cativar novos seguidores (RODRIGUES, 2013), em maioria jovens em idade escolar, como afirmam Contini, Koller e Barros (2002, p. 28).

O que ocorre é um desencontro entre as esperanças construídas pelas famílias em torno do valor da escola e as aspirações juvenis – ascensão social, melhoria das condições de vida. Para o jovem, o desencontro das expectativas iniciais gestadas na família e a experiência cotidiana vivida nas escolas, que nega essas aspirações, pode gerar desinteresse, indisciplina e

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1997000100004>. Acesso em: 12 set. 2015.

MONTEIRO, Simone *et. al.* Identidades, trânsitos e diversidades em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro. Caderno Pagu n. 35. jul/dez de 2010. p. 79-109. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332010000200004&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 12 set. 2015.

PIMENTA, Melissa de Matos. Masculinidades e sociabilidades: Compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 7 - no 3 - JUL/AGO/SET 2014 - pp. 701-730. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-7-3-Art4.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2015. Dentre outros.

3 Para aprofundar na temática das sociabilidades adolescentes, sugerimos os trabalhos de: RIBEIRO, Célia Carlota Rodrigues Pereira Marques. Relações de sociabilidade, entre adolescentes, em contexto escolar. Porto: [ed. autor], 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - Especialização em Educação Especial). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Disponível em: <<http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/416>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

CARVALHO, Jatene Magalhães. Produção Cultural e Redes de Sociabilidade no Currículo e no Cotidiano escolar. Revista Brasileira de educação. v. 18. n. 53. abr-jun. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27527553009>>. Acesso em: 12 set. 2015. Dentre outros.

4 Está cada vez mais comum a divulgação midiática de violência adolescente dentro e fora das escolas de todo o Brasil. Os motivos são, na maior parte das vezes, os mais fúteis possíveis, como disputas esportivas, fofoca, disputa por namorados(as), por beleza, por coragem, etc., mas também por outros motivos mais complexos como por exemplo, por racismo, intolerância religiosa e homofobia. Independente do motivo, os resultados são sempre desastrosos e revelam a crise em que se encontra a Escola Básica brasileira.

violência, na medida em que a trajetória na escolarização gera insucesso e exclusão.

Não queremos aqui responsabilizar a escola pelos constantes casos de violência entre seus alunos adolescentes, mas também não podemos fechar os olhos para o fato de a violência entre adolescentes tratar-se de um problema constante; e que a escola precisa confrontá-lo urgentemente. A saída talvez esteja em desenvolver um currículo voltado para a valorização das diversidades de seus alunos e suas alunas, visto que o ensino tradicional não contempla uma ação socializadora para a maioria destes (CONTINI; KOLLER; BARROS; 2002; COELHO, 2016a, 2016b), e cada vez mais resulta em casos como o do aluno que morreu após uma briga com um colega de escola, em Belo Horizonte⁵; do adolescente de 12 anos, que morreu após ter sido espancado em uma escola pública da cidade de Belém do Pará⁶, ou da adolescente de quatorze anos, candomblecista, agredida por uma colega de turma, motivada por intolerância religiosa⁷ ou, ainda, do adolescente, aluno de uma escola estadual na zona sul de São José dos Campos (SP), espancado a pauladas por adolescentes em frente à escola, motivados por homofobia⁸, dentre tantos outros, que, infelizmente, estão cada vez mais comuns no âmbito escolar e publicizados em noticiários Brasil a fora.

Entender as influências da Escola Básica no contexto de violência que acompanha adolescentes, aliado ao contato com as pesquisas da Professora Wilma Baía Coelho⁹ sobre sociabilidades adolescentes, possibilitaram-me construir

5 Portal R7. **Adolescente morre após passar mal durante briga na porta de escola da Grande BH.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/minas-gerais/adolescente-morre-apos-passar-mal-durante-briga-na-porta-de-escola-da-grande-bh-15042016>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

⁶ Portal G1 Pará. **Escola diz que morte de menino de 12 anos foi acidente; polícia investiga.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/08/escola-diz-que-morte-de-menino-de-12-anos-foi-acidente-policia-investiga.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2016.

⁷ BOECHAT, Breno. **Estudante agredida por intolerância religiosa dentro de escola não quer voltar ao colégio.** Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/estudante-agredida-por-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-nao-quer-voltar-ao-colegio-17650415.html#ixzz48gdLQpCr>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

⁸ Portal G1 vale do Paraíba e Região. **Aluno é agredido a pauladas na porta de escola na zona sul de São José.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2016/02/aluno-e-agredido-pauladas-na-porta-de-escola-na-zona-sul-de-sao-jose.html>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

⁹ A Professora Wilma de Nazaré Baía Coelho é Doutora em Educação pela UFRN, Coordenadora do NEAB/UFGA - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais (GERA/UFGA), Coordenadora do Curso de Especialização Relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental (UNIAFRO). Integra a equipe Editorial da Revista da Associação Brasileira de pesquisadores (as), também é Bolsista Produtividade CNPq e Coordena a Pesquisa sobre “Sociabilidades Adolescente: cor e hierarquias no ambiente escolar”, ao qual estou vinculado atualmente.

conhecimento prévio e indagações sobre a temática que, juntas, culminaram na realização da pesquisa aqui apresentada.

Enquanto adolescente, também passei por diversas situações de violência das quais não tinha a maturidade necessária para entender que eram motivadas por preconceito contra minha condição sexual que, naquela altura, ainda não compreendia. Agressões físicas, verbais, exclusão das atividades cotidianas, assédios nos banheiros, cadernos e carteiras riscadas com meu nome ligado à expressões depreciativas e homofóbicas, exclusão dos grupos e jogos escolares, etc. Por muitos anos fui alvo de escárnio de vários grupos e até de alguns professores durante minha vida escolar. Fui apontado como a piada de algumas escolas nas quais estudei e isso permeou durante muito tempo a imagem que eu tinha sobre mim mesmo, sobre as relações sociais que buscava, sobre minha postura passiva e pessimista sobre a vida e, principalmente, sobre minha autoestima. Hoje percebo que isto, inconscientemente, também influenciou voltar-me os esforços para os estudos das sociabilidades adolescentes na Escola Básica, aliado ao fato de, já como professor, presenciar e também atuar no combate a algumas situações de intolerância e violência entre adolescentes escolares nas escolas em que trabalhei.

Não se trata, pois, de um interesse novo em minha trajetória acadêmica. Em meu trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física¹⁰, pela Universidade do Estado do Pará - UEPA, investiguei as realizações da Homofobia na Educação Física, com alunos adolescentes de uma Escola Federal de Nível Médio Técnico, da cidade de Belém do Pará, onde pude entender como estes se relacionavam entre si e com os demais alunos não-homossexuais, com ênfase para o registro das violências motivadas pela intolerância à identidades homossexuais naquele universo.

Ao ingressar no Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Pará¹¹, objetivava seguir a mesma linha de investigação de meu Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física, no entanto, decidimos, minha orientadora e eu, mergulhar mais a fundo nas pesquisas sobre sociabilidades adolescentes em

10 RODRIGUES, Anderson Patrick. **“QUE TIME É TEU?”**: um debate sobre homofobia nas aulas de Educação Física. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Pará, 2013.

11 Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Trabalho Docente, Teoria e Práticas Pedagógicas.

todas as suas ocorrências dentro da Escola Básica, pois, delimitar apenas uma forma de sua realização não nos proporcionaria um entendimento pleno deste fenômeno, que é o que buscamos. Para isso, articulamos o conteúdo de Teses e Dissertações sobre Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica, produzidas entre 2004 e 2013.

Acreditamos que a pesquisa sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica pode contribuir para tornar os momentos disciplinares e a própria escola, espaços verdadeiramente inclusivos, contrários à violência, aos preconceitos e discriminação de todas as ordens, para valorizar as diversidades na diversidade, sob uma perspectiva cultural contrária ao atual momento político brasileiro; que não pode ser unilateral e verticalizada, do dominante para o dominado.

O contato com os trabalhos analisados nos permitiu uma visão global sobre os discursos correntes a respeito das sociabilidades adolescentes no período por nós determinado no recorte temporal desta pesquisa, conseqüentemente, nos permitiu entender o pensamento teórico a respeito desta temática nas teses e dissertações analisadas e, também, pudemos inferir os “não ditos” presentes na produção do conhecimento sobre a temática, buscando, assim, a identificação e superação de possíveis lacunas sobre a mesma, em diversos *campos* do conhecimento, e a constituição de um *capital cultural*, isto é, de estruturas simbólicas que não se dissociam dos efeitos de dominação e podem manifestar-se de três formas diferentes: incorporado, objetivado e institucionalizado, necessário para o combate de qualquer forma de violência e exclusão entre adolescentes dentro e fora da Escola Básica.

Os estudos sobre a adolescência e adolescentes existem em diversos campos do conhecimento. Diversos autores debruçaram-se sobre este estudo e alguns, inclusive, tornaram-se referência no tocante a esta temática¹². Grande parte destes autores indicam a adolescência como uma fase ou estado diferenciado do desenvolvimento humano, onde o indivíduo vê-se dividido pela necessidade de expressar sua individualidade e, ao mesmo tempo, inserir-se em grupos sociais que compartilhem os mesmos valores e interesses buscados por ele(a); sendo esta,

12 Dentre os(as) autores dedicados ao estudo das Sociabilidades Adolescentes, destacamos os estudos da professora Dr.^a Wilma de Nazaré Baía Coelho (2012, 2013a, 2013b, 2014, 2015a, 2015b, 2016a, 2016b), que relaciona sociabilidades à questões étnico-raciais e da professora Dr.^a Lucélia Bassalo (2007; 2009; 2010; 2013; 2015) que relaciona sociabilidades à questões de gênero e sexualidade. Ambas são referências na produção de conhecimento, na região norte do país, sobre a temática das sociabilidades adolescentes na Escola Básica e sobre questões atreladas a esta.

portanto, uma fase importante no processo de ressignificação das vivências infantis e para a (re)construção de um novo indivíduo (MONTEIRO, 2011).

Como já adiantado, dentre os estudos sobre adolescentes, em suas diferentes abordagens, interessa-nos investigar as diferentes formas de sociabilidades adolescentes na Escola Básica, mais especificamente, os pensamentos teóricos que permeavam a produção de Teses e Dissertações defendidas entre 2004 e 2013, nos Programas de Pós Graduação brasileiros sobre esta temática, em diferentes campos do conhecimento, em especial no campo da formação de professores.

O período simbólico por nós determinado inicia em 2004, ano em que iniciei minha primeira formação de professor, na área das Letras, pela Universidade Federal do Pará, a qual conclui sem a menor referência curricular específica para o ensino de adolescentes na Escola Básica; e termina em 2013, ano de conclusão de minha segunda formação de professor, agora em Educação Física, pela Universidade do Estado do Pará; onde, mesmo tratando-se de um curso que apresenta entre seus conteúdos o desenvolvimento da consciência dos saberes corporais, também não tive referência curricular específica para o trabalho com adolescentes e as questões que permeiam suas relações sociais nesta fase da vida humana.

Por acreditar que a adolescência constitui um período especial do desenvolvimento humano, nos dedicamos a estudá-la e a defender seu entendimento como necessário para o exercício docente, visto que grande parte dos alunos da Escola Básica está entrando ou saindo da adolescência.

Ao percebermos a Escola é um importante espaço de sociabilidades para seus estudantes, faz-se necessário refletir como as reproduções conceituais que permeiam esta instituição interferem no cotidiano dos mesmos, no sentido de estabelecer rearranjos sociais no espaço escolar que possibilitem interação e diferenciação, ou seja, “marcar território”, muitas vezes, por meio de quebra às regras institucionais, isto é, pelo uso de provocações em relação aos outros estudantes e aos educadores; do isolamento e da sociabilidade com outros adolescentes em espaços oficialmente não formativos.

Segundo o Censo escolar de 2014, o Brasil conta hoje com 248.540 (duzentos e quarenta e oito mil quinhentos e quarenta) escolas urbanas e rurais, nas redes estaduais e municipais, onde, deste total, ao excluirmos as escolas de ensino

infantil, temos 134.218 (cento e trinta e quatro mil duzentos e dezoito) escolas voltadas para o ensino de adolescentes, na Escola Básica, em todo o território nacional. No que tange ao Norte do Brasil, só o estado do Pará possui 9.938 (nove mil novecentos e trinta e oito) escolas voltadas para o ensino de estudantes adolescentes (INEP, 2014)¹³.

Ocupar-se das relações estabelecidas por adolescentes na Escola Básica é necessário e urgente para a busca do entendimento sobre como um espaço responsável pelo desenvolvimento da formação humana de seus e suas estudantes, que deveria ser democrático e libertador, muitas vezes pode atuar como instrumento de manutenção de mecanismos de reprodução social (BOURDIEU, 2007) que sustenta a dominação de um grupo dominante sobre outro; e reflete as mudanças impostas por determinado(s) grupo(s) à sociedade, como as atuais Reformas da Educação brasileira que resultaram na mudança do Ensino Médio, no qual passa a vigorar a desobrigação do ensino das disciplinas história, Sociologia, Artes e Educação Física na Educação Básica; disciplinas estruturais para o desenvolvimento do pensamento crítico e da construção da cidadania dos estudantes deste nível de ensino; reproduzindo, assim, as hierarquias arbitrárias que determinam quem são os agentes mais influentes e detêm o poder de decisão sobre o futuro e o lugar social dos(as) outros(as).

Na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a “diferença” se dá em conexão com relações de poder. São as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um sinal, que o “diferente” seja avaliado negativamente em relação ao “não-diferente”. Inversamente, se há sinal, se um dos termos da diferença é avaliado positivamente (o “não-diferente”) e o outro negativamente (o “diferente”), é porque há poder. (NEIRA; NUNES, 2008, p. 150).

Problematizar as sociabilidades adolescentes na Escola Básica, portanto, é investigar as constituições de hierarquias resultantes do processo de interação humana, em seus diversos processos históricos, atuam na manutenção do poder de um grupo específico sobre os demais dentro do espaço escolar; é investigar os espaços utilizados para a materialização destas sociabilidades na escola, quem neles pode permanecer e quem deles é excluído; é compreender os sistemas simbólicos que as determinam, é reconhecer os capitais culturais privilegiados; que, por sua vez, podem ser definidos como:

13 Dados extraídos Censo escolar do INEP no ano de 2014.

uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. Com efeito, uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura - num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. - que decorre das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora. Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca - no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial - de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. (SILVA: 1995, p. 24).

Pierre Bourdieu (2014A) afirma que o **capital cultural** pode existir sobre três formas: “no estado incorporado”; “no estado objetivo”; e “no estado institucionalizado”. O primeiro está ligado à incorporação de capital, custa tempo, não pode ser transmitido de forma instantânea e é um trabalho que o sujeito exerce sobre si mesmo, de forma inconsciente; o segundo está atrelado às relações do sujeito com o capital cultural, este, incompleto, autônomo e ao mesmo tempo resultado de ações históricas sem, no entanto, perder suas leis próprias e independentes da vontade dos indivíduos; o terceiro liga-se à forma do diploma que confere ao portador determinado reconhecimento, valor e, conseqüentemente, poder.

Para o autor, o **capital cultural** é transmitido direta e indiretamente pela família aos filhos para desenvolver nestes o sistema de valores privilegiados implicitamente ou não, mas profundamente reconhecidos e reproduzidos como modelo a seguir, definindo dessa forma o caráter e as atitudes que a família espera que seus herdeiros reproduzam socialmente. Trata-se de uma herança deixada aos filhos, que se realiza de acordo com a classe social de cada indivíduo. Normalmente é utilizada na escola como marca diferencial de estudantes relacionando-a direta ou indiretamente ao sucesso ou ao fracasso escolar dos mesmos (BOURDEIU, 2014).

Como podemos perceber, a escola pode realizar-se cotidianamente como um campo voltado para a manutenção de diferenças e disputas hierárquicas, assumindo dessa forma um posicionamento ativo “no processo de reprodução das desigualdades sociais. Mais do que isso, ela cumpriria o papel fundamental de legitimação dessas desigualdades” (NOGUEIRA, 2002). Podemos constatar essa

afirmativa em diversas características cotidianas tais quais: a escolha arbitrária do currículo, os conteúdos privilegiados em detrimento de outros, as metodologias e o **capital cultural** privilegiados por seus agentes nas relações de poder do dominante sobre os dominados; e na recente tentativa de implementação de uma reforma educacional, a partir de um “movimento” radical, de cunho patriarcal, religioso cristão-evangélico, que visava excluir do atual currículo da Escola Básica o ensino de conteúdos considerados subversivos, leia-se pervertidos e comunistas, logo, as diversidades religiosas, raciais e de gênero; o que, segundo este pensamento, faria da Escola Básica uma instituição “apolítica” ou, remetendo-nos ao *slogan* de tal movimento, uma “escola sem partido”¹⁴. A partir desta proposta de reforma, as disciplinas *História, Sociologia, Artes e Educação Física* deveriam ser retiradas do currículo obrigatório da escola Básica, ou seja, apenas as disciplinas voltadas para o estímulo ao pensamento crítico, ao desenvolvimento da afetividade e à consciência do corpo, dos sujeitos sociais e do mundo.

Ao debatermos as relações de sociabilidades entre adolescentes na Escola Básica, ocupamo-nos também da tessitura de hierarquias existentes neste *segmento*. Para melhor construirmos nossas ideias a respeito da Escola Básica como **campo** de conhecimento, utilizaremos a noção de **campo** cunhada por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, cuja produção apesar de contemporânea, é respeitada dentre os clássicos das Ciências Sociais e que, dentre os temas estudados por este autor, destaca-se a crítica contra os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais presentes na escola. Sua Sociologia, portanto, é caracterizada, dentre outros tópicos, pelo engajamento social de denúncia dos mecanismos de dominação que permeiam as sociedades contemporâneas, buscando, portanto, interpretar as relações de poder que sustentam as hierarquias existentes nas sociedades.

A cultura individual dos sujeitos sociais foi um de seus conceitos mais polêmicos. Segundo o qual, as experiências, competências e gostos culturais não eram questão de opção como compreendidos e defendidos anteriormente, mas sim

¹⁴ O movimento “Escola sem partido” existe desde 2004, foi criado por entidades da sociedade civil, culminando em 2015-2016, em uma proposta de lei, que previa a necessidade de uma escola livre de conteúdos considerados “subversivos” tais como ideologia de gênero e “doutrinação política e ideológica” e, simultaneamente, favorecer a decisão dos pais sobre o que seus filhos devem ou não aprender na escola, principalmente no que diz respeito a questões morais e religiosas dos seus filhos e filhas. O que este movimento não percebe, ou finge não perceber, é que não existe educação neutra. Paulo Freire já apontava isto em ao dizer que toda educação é política, logo, toda prática de ensino, incluindo-se esta que se diz neutra e sem partido, é carregada de doutrinação e ideologia política.

resultantes de um jogo de poder dominado por determinado grupo que o ratifica e inculca nos demais grupos, por meio de instituições culturais detentoras de sua transmissão: o Estado, a Igreja, a família e a escola que, juntas, favorecem a formação do **capital cultural** que, por sua vez, facilita o entendimento do **habitus** de cada um.

A escola, portanto, para Bourdieu, atua diretamente na formação cultural de seus estudantes, ainda que não possamos desconsiderar o abismo existente entre o saber ensinado pela escola e o saber ensinado pela família da maioria destes(as) mesmos(as) estudantes, já que a escola propõe um conhecimento padronizado, a partir do capital cultural dominante, como se todos os seus estudantes pertencessem às mesmas classes sociais e gozassem do mesmo capital cultural. O que na prática não acontece e reside aqui, o que o autor denomina de **Violência simbólica**, pois além de limitar o acesso de estudantes de baixa renda à escola, também dificulta o aproveitamento pleno do conhecimento escolar para os mesmos dentro da própria escola.

A escolha por Pierre Bourdieu como referencial teórico deste trabalho justifica-se, portanto, em sua importância para a pesquisa sociológica, nos estudos de Sociologia da Educação e na Educação em geral, não apenas por evidenciar a escola como um lugar de herdeiros, econômicos e culturais, mas também por apontar fatos importantes para o estudo sociológico, e por contribuir com a mudança no modo de pensar, indagar os estudos sociológicos, além de romper com a lógica de transmissão de capital estabelecida por ele mesmo em seus estudos iniciais (WACQUANT, 2012).

Seus estudos nos ajudaram a compreender a escola implícita nos trabalhos analisados; os sistemas simbólicos que constroem uma realidade estruturada e ao mesmo tempo estruturante (BOURDIEU, 1989) dentro desta instituição e que determinam as relações de poder que asseguram a naturalidade dominante de um grupo sobre o outro por meio de um **habitus** que compreende um sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto seu conjunto de capitais (BOURDIEU, 2006), que, segundo Setton (2002), surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre comportamentos e estruturas sociais que auxiliam na construção de características do corpo e da alma adquiridas através da aprendizagem, ou seja, através da

internalização de estruturas sociais incorporadas socialmente de acordo com a posição social de cada indivíduo no campo em que estão inseridos (SOUZA, 2014).

As discussões e debates pretendidos nesta pesquisa têm como objetivo principal investigar as diferentes formas de sociabilidades adolescentes na Escola Básica, mais especificamente, os pensamentos teóricos que permeavam a produção de Teses e Dissertações defendidas entre 2004 e 2013, nos Programas de Pós Graduação brasileiros sobre esta temática, em diferentes campos do conhecimento, em especial no campo da formação de professores. E como objetivos específicos, realizar o mapeamento dos trabalhos sobre a temática e identificar possíveis lacunas presentes no caminho investigativo deste fenômeno no referido período.

Esta pesquisa apresenta o desafio de mapear Teses e Dissertações sobre *Sociabilidades Adolescentes*, nos cursos de Pós-graduação brasileiros, no período compreendido entre 2004 e 2013, em diferentes campos do conhecimento. As pesquisas encontradas neste intervalo específico de dez anos distribuem-se em 29 (vinte e nove) trabalhos de conclusão de curso, produzidas em diversos Programas de Pós-Graduação no Brasil, a debater a temática das “sociabilidades adolescentes” e disponibilizadas no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, de onde selecionamos para análise apenas 21 (vinte e uma) pesquisas, por vincularem seus estudos ao campo específico das sociabilidades adolescentes na Escola Básica.

Este tipo de pesquisa, segundo Ferreira (2002, p. 258) também pode ser chamado de “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento”, pois apresenta em comum caráter bibliográfico, com metodologia descritiva ou inventariante; e consiste na realização de um mapeamento sobre trabalhos produzidos em determinadas épocas, sobre determinadas condições, sobre determinado tema, em diferentes campos do conhecimento, buscando responder quais aspectos e dimensões são destacados e/ou privilegiados em diferentes tempos e lugares históricos, além das formas e condições que são produzidos os trabalhos investigados¹⁵.

¹⁵ As pesquisas denominadas como “Estado da Arte, são comuns para diagnosticar problemas no campo ao qual se destinam investigar. Como exemplos de pesquisas de estado da arte, citamos: *Alfabetização no Brasil - o estado do conhecimento* (SOARES: 1989); *Pesquisa em Leitura: um estudo dos resumos e dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, 1980 a 1995* (FERREIRA: 1999); *Estado da arte sobre a formação de professores nos trabalhos apresentados no GT 8 da Anped, 1990-1998* (BRZEZINSKI E GARRIDO: 1999); *O que Dizem Teses e Dissertações sobre Relações Raciais em Educação (2004 – 2013)* (THIJM: 2014) e *A Produção Intelectual Docente Na Pós-Graduação Em Educação No Norte Do Brasil: avanços e desafios* (COELHO; SILVA: 2016).

Em busca de alcançar nossos objetivos, realizamos uma pesquisa qualitativa, cuja técnica consiste em um estudo bibliográfico, utilizando procedimento de coleta *on-line* de informações. O estudo bibliográfico é aquele que

se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa. (KÖCHE, 2011, p. 122).

A pesquisa qualitativa é aquela que visa compreender detalhadamente um fenômeno específico em profundidade através de descrições comparações e interpretações do fenômeno investigado e

apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou sobre uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre *corpus* reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência os índices retidos, visto que seleciona estes índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de elementos não significativos serem tidos em conta. (BARDIN, 2011, p. 115).

A delimitação de nossa pesquisa situa-se no campo da Educação, pois verificamos que o período compreendido entre 2004 e 2013 foi um período importante para a estruturação deste debate, principalmente no que tange à ratificação da Escola Básica como local de sociabilidades. É importante enfatizar que, apesar de existirem pesquisas sobre sociabilidades adolescentes realizadas neste mesmo recorte temporal, com destaque para as pesquisas da professora Wilma Coelho (2012, 2013), não encontramos, neste período, Teses e Dissertações defendidas e disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações sobre esta temática na região norte do Brasil.

Sob o referencial teórico dos estudos da professora Wilma Coelho sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica, analisamos neste trabalho vinte e uma produções, sendo 06 (seis) teses e 15 (quinze) dissertações, em diferentes campos do conhecimento, escolhidas por abordarem a temática das sociabilidades

adolescentes na escola básica, no período determinado por esta pesquisa. É preciso, porém, citar a existência de outros trabalhos sobre sociabilidades neste período que não foram por nós contemplados devido tratarem de sociabilidades infantis ou em outros universos que não o escolar¹⁶.

A ideia de realizar o estado da arte a partir dos trabalhos disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBTD¹⁷ justifica-se pela constante atualização do referido *site* com trabalhos produzidos em todos os programas de pós-graduação brasileiros e estrangeiros vinculados a estes, o que facilitou não somente a pesquisa e a catalogação dos trabalhos encontrados e conseqüentemente, a leitura de todos os trabalhos em tempo hábil, mas também o conhecimento do pensamento teórico dominante na educação continuada dos professores autores dos trabalhos aqui analisados (COELHO; COELHO, 2015, p. 186).

É importante ressaltar que, para a coleta dos trabalhos, utilizamos um recorte semântico cujas unidades formais utilizadas como descritores foram: **sociabilidades**¹⁸; **sociabilidades adolescentes**¹⁹; e **sociabilidades na Escola Básica**²⁰. Nesta perspectiva, foram encontrados trabalhos defendidos nos programas de Pós Graduação das universidades: UFRGS, UFC, UNICAMP, PUC GO, UFSC, UFSCAR, UFRGN, UFMG, UNISINOS, PUC SP e UERJ.

¹⁶ GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. **A catação de Lixo na (de)Formação da Criança como Ser Social**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. 2006.

CRAVO, Claudia de Souza Rosa. **A criança, a Dança e a sociabilidade na escola**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2011.

¹⁷ De acordo com informações obtidas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a BDBTD foi concebida e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB), com apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP), tendo o seu lançamento oficial no final do ano de 2002 e tem como principal objetivo reunir, em um só portal de busca, as Teses e Dissertações defendidas em todo o País e por brasileiros no exterior. Qualquer instituição brasileira de ensino e pesquisa que tenha programa de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e/ou doutorado) poderá solicitar a sua participação na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD). Mais informações, acessar: <<http://bdttd.ibict.br/vufind/>>

¹⁸ Ao inserir como descritor o termo “sociabilidades”, encontramos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações o total de 1.765 pesquisas, distribuídas em 550 Teses e 1.215 Dissertações, produzidas e distribuídas em diferentes áreas do conhecimento. Acesso em 18 de junho de 2015.

¹⁹ Ao inserir como descritor o termo “sociabilidades adolescentes”, encontramos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações o total de 85 pesquisas, distribuídas em 27 Teses e 58 Dissertações, produzidas em diversas áreas do conhecimento. Acesso em 18 de junho de 2015.

²⁰ Ao inserir como descritor o termo “sociabilidades na Escola Básica”, encontramos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações o total de 11 pesquisas distribuídas em 03 Teses e 08 Dissertações, produzidas em diferentes campos do conhecimento. Acesso em 18 de junho de 2015.

Os estudos realizados em programas de Pós-graduação *stricto sensu* podem indicar o que instituições de ensino superior e profissionais da educação têm privilegiado como formação continuada. Tais estudos envolvem um duplo movimento: de um lado, a orientação do programa, expressa nas linhas de pesquisa (...) de outro, as pesquisas encaminhadas pelos docentes e a produção que lhe é correspondente. As dissertações e teses, em larga medida, correspondem ao movimento inerente a estas duas instâncias. (COELHO; COELHO, 2015, p. 186).

A partir da análise do Conteúdo, segundo Bardin (2011), entendida como conjunto de técnicas de análises das comunicações que tem como objetos as mensagens e como objetivo a manipulação destas mensagens, que possibilitem inferências de outras realidades que não a expressa *ipsis litteris* na mensagem estudada; ocupar-nos-emos de analisar e compreender o “não dito”, ou seja, as mensagens veladas ou com mais de um sentido, presentes nos discursos que permeiam os trabalhos produzidos no período aqui determinado, objeto desta pesquisa. Paralelo a isto, também nos permitirá entender quem são seus autores, o meio social ao qual pertencem e como este influencia em suas teorias e em suas próprias formações docentes.

As mensagens analisadas neste trabalho são os textos integrais das Teses e Dissertações defendidas entre 2004 e 2013, nos Programas de Pós-graduação Brasileiros, obtidas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBTD; e a realidade inferida é a identificação das correntes ideológicas que permeiam a produção de conhecimento no campo acadêmico sobre a temática das sociabilidades adolescentes neste período, buscando, assim o que permanece “não dito” nesta produção discente.

Como mencionamos anteriormente, nosso estudo bibliográfico é composto por vinte e um trabalhos de conclusão de curso de Programas de Pós-graduação de diferentes regiões do Brasil. Estas pesquisa constituem-se das Teses de Doutorado de Carla Beatriz Meinerz (2005)²¹, Lilia Neves Gonçalves (2007)²², Inês Almeida Vieira (2009)²³, Rogério Cruz de Oliveira (2010)²⁴, Antônio Eustáquio Ferreira

21 MEINERZ, Carla Beatriz. **Adolescente no pátio, outra maneira de viver a escola**: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar à periferia urbana. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

22 GONÇALVES, Lilia Neves. **Educação Musical e Sociabilidade**: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960. 2007. 333 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

23 VIEIRA, Inês Almeida. **“Delicadeza e Espírito de Grupo”**: o basquetebol como invenção cultural. 2009. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2009.

(2012)²⁵, e Maria das Graças do Espírito Santo Tigre (2013)²⁶; e das Dissertações de Mestrado de Dalva Maria Ribas Brum (2004)²⁷, Emanuel José Batista de Lima (2005)²⁸, Mauro Meirelles (2005)²⁹, Carlos Augusto Callegaro (2007)³⁰, Claudemir José dos Santos (2007)³¹, Daniele de Souza Barbosa (2007)³², Rosa Eulógia Ramirez (2008)³³, Sara Villas (2009)³⁴, Maria Dolores Pinto Araújo (2009)³⁵, Aline de Araújo Ferrão (2011)³⁶, Gelson Antônio Leite (2011)³⁷, Verônica Gabriela Silva

24 OLIVEIRA, Rogério Cruz de. **Na “Periferia” da Quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola.** 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

25 FERREIRA, Antônio Eustáquio. **Função Paterna e Sociabilidade Violenta em Jovens escolares.** 2012. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

26 TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. **Escola, Juventude e Violência: um estudo no ensino médio.** 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

27 BRUM, Dalva Marisa Ribas. **Expressões Juvenis na Cultura Escolar: um olhar para a escola pública.** 2004. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

28 LIMA, Emanuel José Batista de. **Adolescentes e Jovens e suas Bases de Apoio: relações de amizade com suporte social no enfrentamento à violência.** 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

29 MEIRELLES, Mauro. **As Redes que se Tecem nas Escolas Públicas de Ensino Médio de Porto Alegre: o uso das tecnologias digitais e construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica.** 2005. 309 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

30 CALLEGARO, Carlos Augusto. **Juventude(s) e escola: suas culturas em diálogo.** 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2007.

31 SANTOS, Claudemir José dos. **Futebol se Aprende na Escola: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano.** 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

32 BARBOSA, Daniele de Souza. **“Tamo Junto e Misturado!”: um estudo sobre sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública.** 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

33 RAMIREZ, Rosa Eulógia. **Perfil dos Valores Juvenis Contemporâneos: uma análise comparativa entre escolas particulares e públicas da capital e do interior do Estado do Rio Grande do Sul.** 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

34 VILLAS, Sara. **Formas de Sociabilidade entre Alunos de uma Escola de Ensino Médio/Técnico.** 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

35 ARAÚJO, Maria Dolores Pinto. **Escola, Criança Favelada e Processos de Socialização: estudo sobre padrões de socialização no ambiente familiar e na escola.** 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

36 FERRÃO, Aline de Araújo. **A violência na Escola e o seu papel de Socialização.** 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

37 LEITE, Gelson Antonio. **Juventude e Socialização: Os Modos do ser Jovem Aluno das Camadas Médias em uma Escola Privada de Belo Horizonte - MG.** 2011. 190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

Piovani (2012)³⁸, Ubiratan Santos Pouzas (2012)³⁹, Liane Aparecida Roveran Uchoga (2012)⁴⁰, e Gustavo Arthur Monzeli (2013)⁴¹.

A organização dos trabalhos aconteceu em três fases complementares: pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados, inferências e interpretações. Seguindo as orientações de Bardin (2011, p. 95), a pré-análise consistiu na organização e sistematização das ideias iniciais para assim facilitar o desenvolvimento da pesquisa; a exploração do material consistiu em ler e selecionar os trabalhos que foram analisados; e o tratamento dos resultados, inferências e interpretações consistiram na separação e no tratamento dos trabalhos em categorias que facilitarão o mapeamento pretendido e a análise final dos mesmos.

A pré-análise e a exploração do material constituíram a primeira fase de nosso estudo, nela ocorreram a delimitação dos objetivos, a busca, leitura e a seleção das Teses e Dissertações sobre sociabilidades adolescentes no período delimitado entre 2004 e 2013, ou seja, ocupamo-nos de buscar material para compor o *corpus* de nossa pesquisa e agrupá-los de acordo com os dados brutos obtidos para, posteriormente, criarmos um quadro conceitual que facilitou a realização de análise aqui proposta.

A fase posterior ocupou-se da criação, organização e análise de categorias e unidades temáticas, pois, o mapeamento inicial dos trabalhos encontrados nos permitiu agrupá-los em categorias em torno de algumas unidades temáticas correntes que serão discutidas no decorrer deste trabalho. Os dados foram categorizados de acordo com os conceitos de Laurence Bardin (2011), possuindo, portanto, certas qualidades como: meio de exclusão mútua - cada elemento só pode existir em uma categoria; homogeneidade - para definir uma categoria, é preciso haver só uma dimensão na análise. Se existem diferentes níveis de análise, eles

38 PIOVANI, Verônica Gabriela Silva. **Escola, Tecnologia e Sociabilidade na Educação Física: intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do Plano CEIBAL e do PROUCA**. 2012. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

39 POUZAS, Ubiratan Santos. **Lazer, Juventude E Ensino Médio/Técnico: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec**. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

40 UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. **Educação Física Escolar e Relações De Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos**. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Física) – Universidade Estadual De Campinas. 2012.

41 MONZELI, Gustavo Arthur. **Em Casa, na Pista ou na Escola é Tanto Babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis**. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Educacional) – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

devem ser separados em diferentes categorias; pertinência – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc; objetividade e fidelidade - se as categorias forem bem definidas, se os temas e indicadores que determinam à entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas; e produtividade – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos; para apresentar de forma condensada os dados em bruto buscando torna-los significativos e válidos.

CONSTRUÇÃO DAS SOCIABILIDADES ADOLESCENTES NA ESCOLA BÁSICA NO CAMPO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

A produção acadêmica das universidades constitui um campo social que extrapola o meio da produção científica (THIJM, 2014). A esta produção, atribui-se um poder simbólico, legitimado por um poder invisível que é reconhecido “em cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 08).

A produção acadêmica representa um sistema simbólico, formado por diversos microcosmos de conhecimento, e voltado ao atendimento dos interesses de determinados grupos, em detrimentos de outros (BOURDIEU, 1989, p. 12). Nele circulam ideologias e concepções privilegiadas pelos grupos legitimados como detentores do conhecimento valorizado. Esta circulação compõe um campo voltado para a produção ou ratificação de conhecimento e ideologias, constituindo um campo de força ou de luta, pois nele seus agentes atuam conforme suas determinações ou mudando sua estrutura (BOURDIEU, 1996).

Todas as lutas internas ao campo envolvem a distribuição e posse de um capital específico. A luta ocorre entre aqueles que pretendem assumir posições e aqueles que desejam mantê-las. Em geral, novatos disputam, dentro das regras estabelecidas, o lugar daqueles que ocupam posições dominantes. Para que um novato seja admitido em um determinado campo, é preciso que ele tenha efetuado os investimentos necessários. Exemplificando: para que alguém possa participar da comunidade científica se faz necessário a realização de cursos, a ocorrência de publicações, em outros termos, o acúmulo prévio de um certo capital que lhe permita ser reconhecido pelos seus pares como um integrante daquela comunidade. É como um jogo que pressupõe que se reconheçam as suas regras como legítimas e que, fundamentalmente, existam pessoas dispostas a jogar. (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009, p. 36)

A noção de campo está ligada a espaços sociais normatizados e dinamizados por uma lógica estrutural e estruturante simultaneamente, podendo influenciar e ser influenciada por seus agentes (MORAES, 2007). Para Pierre Bourdieu, o campo, no seu conjunto, pode ser compreendido como

um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas escolas ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, em sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. (BOURDIEU, 2003, p. 179).

O campo traz em si representações resultantes de um diálogo simbólico marcado pela disputa hierárquica que atribui o lugar social de seus agentes dentro de uma disputa de poder. O campo acadêmico não é indiferente a este diálogo e uma das formas de legitimá-lo encontra-se na produção de conhecimento que atribui e ratifica a este campo legitimidade e poder, pois a partir destas produções, legitimadas simbolicamente pelo campo em que se realizam, resultam em mudança de mentalidade e representatividade sobre o conhecimento nele produzido (BOURDIEU, 2014; THIJM, 2014).

Os campos, enquanto espaços estruturados e hierarquizados são arenas onde são travadas lutas pela conquista de posições e de capital. Sua estrutura envolve lutas e tensões. O capital específico ao campo é desigualmente distribuído e acumulado, o que motiva os agentes que buscam a sua posse na elaboração de estratégias de luta. Os agentes que monopolizam a autoridade específica ao campo tendem a organizar estratégias de conservação, em oposição aos novatos, que detentores de menos capital procuram subverter a dominação, articulando estratégias de subversão. Os momentos de crise são momentos em que através do questionamento das posições dos antigos dominantes, os novatos procuram alterar as posições de poder. Convém ressaltar que, subjacente a qualquer antagonismo, ou luta, existe o reconhecimento em torno do mérito da disputa. Dominantes e dominados estão de acordo sobre a importância, sobre o valor do jogo, contribuindo, por outro lado, para a sua reprodução. Na luta pelo monopólio da autoridade, ocorrem subversões, revoluções parciais, por regras básicas que não são questionadas. Devido ao esforço e ao investimento que os novatos fazem para serem admitidos, torna-se difícil a ocorrência de uma revolução total que venha colocar em perigo a própria existência do campo. Os bens-alvo dos antagonismos são, na maioria das vezes, bens simbólicos, como, por exemplo: prestígio ou reconhecimento. (ARAÚJO; ALVES; CRUZ: 2009, p. 36-37).

Nesta perspectiva, analisaremos Teses e Dissertações produzidas em diferentes campos da formação de professores, defendidas no período compreendido entre 2004 e 2013 e disponibilizadas na BDBTD, priorizando a investigação das diferentes formas de sociabilidades adolescentes na Escola

Básica, mais especificamente, os pensamentos teóricos que permeavam a produção de Teses e Dissertações defendidas entre 2004 e 2013, nos Programas de Pós Graduação brasileiros sobre esta temática, em diferentes campos do conhecimento, em especial no campo da formação de professores.

Esta pesquisa, portanto, adentra em um campo em crescimento contínuo, mas que, em determinado momento da história de seus estudos, suas representações de dominância ainda não estavam bem definidas a exemplo das Teses e Dissertações que analisaremos no decorrer deste trabalho, com metodologias mistas, não muito claras, cuja exploração teórica das sociabilidades adolescentes encontra-se atrelada a outras categorias que a sobressaem e, em alguns casos, invisibiliza o estudo da temática proposta.

Com efeito, como não podemos ver a construção do campo das sociabilidades adolescentes na Escola Básica com olhos ingênuos. Ao debruçarmos sobre o estudo das pesquisas dedicadas a este debate no período de 2004 a 2013, pudemos perceber, logo nas primeiras leituras realizadas, que a escola aparece de forma clara, ou não, como portadora de um importante papel de ratificação de hierarquias que interferem direta ou indiretamente nas sociabilidades de seus estudantes e destes com a própria escola.

A noção de adolescente não é consensual nos trabalhos analisados, esta, muitas vezes apresenta-se relacionada ou confundida com a noção de juventude; a noção de sociabilidades também não é consensual nestas pesquisas, pois o próprio estudo sobre a temática transparece incipiência neste momento o que fortalece a necessidade de reflexão sobre a produção deste campo no período por nós delimitado; além de permitir-nos mapear os discursos recorrentes sobre esta temática, os teóricos que fundamentam tal debate, as categorias privilegiadas, as reproduções de pensamento presentes nestas pesquisas, os subtemas valorizados e os subtemas esquecidos, enfim, permite-nos conhecer o campo das sociabilidades adolescentes na Escola Básica, refleti-lo e, posteriormente, ampliá-lo, com possibilidade de produção e/ou inspiração de produção de conhecimento sobre o mesmo.

Para uma melhor compreensão do tratamento dado ao estudo das sociabilidades adolescentes na escola Básica realizado pelos Cursos de Pós-Graduação brasileiros, no período compreendido entre 2004 e 2013, passaremos, a partir da sessão seguinte, ao estudo do mapeamento que realizamos na fase inicial

desta pesquisa para assim demonstrar o que verbalizam tais Teses e Dissertações sobre esta temática em relação ao referencial teórico existente sobre a mesma.

SEÇÃO I

SOCIABILIDADES ADOLESCENTES: ESTADO DA ARTE – 2004-2013

Esta seção abre o debate sobre Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica, a partir de Teses e Dissertações defendidas nos Cursos de Pós-Graduação brasileiros entre o período de 2004 a 2013, apresentando seus principais conceitos e métodos de pesquisa, além dos principais debates a cerca deste fenômeno no referido período simbólico.

1.1 PARA COMPREENDER AS SOCIABILIDADES

As relações sociais iniciam no ato comunicativo, na necessidade humana de comunicar e interagir através do uso da linguagem, nem sempre a verbal, mas “qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência” (BECHARA, 2009, p 15).

A sematicidade talvez seja a dimensão mais complexa da linguagem, já que ela leva à alteridade, ou seja, só há interlocução se houver reconhecimento, o reconhecimento resulta em entendimento e assim se realiza o ato comunicativo que, por sua vez, está a serviço da historicidade, ou seja, de uma tradição arbitrária linguística que determina a forma e os conteúdos comunicativos que refletem o pensamento social em determinados tempo e lugar históricos (BECHARA, 2009).

A linguagem se manifesta no ato linguístico, isto é,

Cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua expressão, mas também no seu significado, isto é, no seu conteúdo. (BECHARA, 2009, p. 17).

A linguagem, portanto, é um ato social e, a partir dela, estabelecemos nossas redes de sociabilidades e expressamos as ideologias que adquirimos socialmente, passiva e arbitrariamente, de forma a que, ainda que despercebidamente, as reutilizemos e as ratifiquemos. Por meio da linguagem interagimos com os outros, nos incluímos e excluimos, pois a linguagem também é um instrumento de preconceito e discriminação⁴² contra sujeitos falantes de modalidades linguísticas

42 A discriminação social motivada pela diversidade de usos linguísticos é estudada no campo da Linguística nas pesquisas sobre “preconceito linguístico”, que pode ser entendido como o preconceito contrário a falantes não conhecedores ou usuários da modalidade culta da Língua Portuguesa. É um

diversas da institucionalizada pela escola, pela sociedade urbana e capitalista, como padrão a ser seguido.

Como já adiantamos, a linguagem ou, se preferir, a *conversação*, é modalidade básica de sociabilidade humana (FRUGULI JR, 2007, p. 10). Logo, não podemos iniciar um debate sobre sociabilidades sem tratarmos sobre o início deste processo que é, predominantemente, por meio da linguagem e seus usos sociais, pois é pela palavra que “os participantes zelam pela relação em curso, por meio de regras de amabilidade e etiqueta voltadas à circunscrição de qualquer exacerbação das individualidades” (*idem, ibdem*). Nesta perspectiva, por sociabilidade, podemos entender tratar-se de

“o social puro”, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais. (FRUGOLI JR, 2007, p. 09).

A linguagem, porém, é apenas uma modalidade de sociabilidade, outras modalidades também podem definir as aproximações e os afastamentos de grupos sociais, marcando ou direcionando nossas interações, tais como: convivência, interação, espaços públicos, tradições históricas, grupo étnico, condição sexual, relações cotidianas ou familiares, costumes, festas, etc. (*ibdem*) e, a partir delas, nos formamos e nos constituímos enquanto indivíduos e enquanto pertencentes a determinado(s) grupo(s).

Nós nos educamos nas relações que mantemos uns com os outros. É assim que vamos nos formando para a vida, para o trabalho, para frequentar as escolas, para sermos cidadãos. Educamo-nos no convívio amistoso ou tenso, muitas vezes desrespeitoso com pessoas de diferentes faixas etárias, distintos grupos sociais, diversas visões de mundo. (SILVA, 2012, online)

É a partir da linguagem que se realizam as diferentes formas de socialização que igualmente interferem e determinam as relações de sociabilidade dos

preconceito muito comum, alimentado diariamente nas redes sociais, na televisão, nos jornais, nos programas humorísticos, nas anedotas, em livros e manuais de língua portuguesa voltados para o ensino do “certo” e do “errado” em Língua Portuguesa; e também pela própria escola que, ao privilegiar o ensino da gramática normativa da Língua portuguesa, automaticamente exclui o ensino de outras variantes deste idioma. Este preconceito está ligado a outros preconceitos perpetuados ao longo dos séculos e é reflexo da imagem negativa que o brasileiro tem de si mesmo, da formação do povo brasileiro e da língua falada, não respeitando as influências linguísticas estrangeiras “não brancas”, que também contribuíram para a construção da diversidade cultural e regional do Brasil e do português brasileiro. Para aprofundamento no debate sobre o preconceito linguístico, sugerimos o livro “Preconceito Linguístico: o que é como se faz?”, do professor DR. Marcos Bagno (2007).

indivíduos, pois, segundo Dubet e Martuccelli (1997), somos seres constituintes de uma sociedade complexa, movida pela constante interação entre atores diversos e, a partir desta, nos alocamos em círculos sociais hierarquicamente diferenciados, dotados de tarefas e de papéis específicos e determinados por uma estrutura simbólica de poder.

Esta socialização pode resultar, de um lado, em individualização dos sujeitos a medida em que se identificam como pertencentes a determinado grupo dominante, norteado por valores específicos quase sempre excludentes de novos sujeitos. De outro, em sujeitos dependentes da socialização como forma de constituição individual reprodutora da ordem social através da naturalização das práticas e das posições ocupadas pelos diferentes sujeitos sociais, constituindo-se assim a base da diferenciação social que ao mesmo tempo em que torna o indivíduo um sujeito autônomo, o torna sujeito atrelado à capacidade de desenvolvimento de suas sociabilidades (DUBET,1997).

Não é novidade o estudo de formas de socialização entre adolescentes em idade escolar. Estudiosos como a professora Lucélia Bassalo (2009); a professora Wilma Coelho (2014) e o professor Juarez Dayrell (2001), dentre outros, vem dedicando seus esforços para compreender este fenômeno, estes últimos, especificamente, sobre a relação estabelecida entre adolescentes e a música; e como a música pode agir enquanto agente socializador, “à medida que produz e veicula molduras de representação da realidade, de arquétipos culturais, de modelos de interação entre indivíduo e sociedade, e entre indivíduo e indivíduo” (DAYRELL, 2001, p. 21).

(...) Não obstante, ela também serve ao estabelecimento de identificações, em especial entre adolescentes, como é o caso das bandas reconhecidas como *emo-pop*, especialmente consumidas pelos adolescentes que se identificam como *emos*. Isto é o que nos permite pensar as preferências musicais compartilhadas como uma expressão da identidade adolescente, sem prejuízo de sua diversidade (COELHO: 2014: p. 112).

A música, porém, é apenas mais um agente socializador de adolescentes. E não podemos esquecer que a sociabilidade nasce da socialização entre indivíduos e que esta, antes de acontecer na escola, ocorre na rua, nas esquinas, nos pontos de encontro, nas relações de amizade e lazer, no trabalho, na convivência com a violência urbana, nas redes sociais, no enfrentamento dos aparelhos repressivos, dentre outros (SPOSITO, 1994).

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano (ibidem, p. 161).

Diante de múltiplas possibilidades de compreensão desta temática, nosso intuito é buscar compreender as sociabilidades adolescentes no universo da Escola Básica. Interessa-nos mapear o entendimento sobre sociabilidades adolescentes norteador das pesquisas produzidas no período de 2004 a 2013 sobre esta temática, relacionada às hierarquias existentes no espaço escolar, nos sistemas simbólicos que constroem a realidade estruturada e ao mesmo tempo estruturante⁴³ que determinam as relações de poder que asseguram a naturalidade dominante de um grupo sobre o outro através de um *habitus*, ou seja, através da internalização de estruturas sociais incorporadas socialmente de acordo com a posição social de cada indivíduo no campo em que estão inseridos.⁴⁴

Na verdade, debater conteúdos tão complexos no cotidiano escolar é entender que não se trata de um problema de diálogo, desvios psicológicos ou aceitação do diferente; a questão envolve, fundamentalmente, relações de poder, e essas produzem e reproduzem as identidades e anunciam as diferenças. (...) Em muitas ocasiões, o discurso presente em sala de aula refere-se à aceitação e tolerância do outro, mas, entre os atores da educação, melhor seria se o outro vestisse as mesmas roupas, usasse as mesmas gírias, escutasse as mesmas músicas, fizesse os mesmos movimentos, etc. (NEIRA; NUNES, 2008, p. 89).

Pensemos, pois, nos(as) estudantes e no tempo em que passam na escola, nas relações que estabelecem com outros(as) estudantes, dentro de uma lógica estruturante que estrutura valores sociais, comportamentos esperados, políticas educativas e expectativas sociais (ENGUIITA, 2006) que nem sempre os inclui, mas que se propõe a educá-los, pois,

A educação ocorre mediante um processo no qual o sujeito da educação se sujeita, em suas relações cotidianas, às diversas referências de convívio estabelecidas socialmente, e é neste momento que a cultura da qual ela

43 BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

44 SOUZA, Rafael Benedito de. **Formas de Pensar a Sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu**. Revista Ars Historica. Jan. /Jun. 2014, p. 139.151.. Disponível em: <file:///tmp/Dialnet-FormasDePensarASociedade-4766705.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

participa exerce um papel fundamental, pois, geralmente de maneira inconscientemente, os padrões culturais influenciaram os comportamentos sociais (NEIRA; NUNES, 2008, p. 69).

Deparamos-nos, então, com um grande desafio para a Escola Básica: fazer com que seus estudantes, mesmo diferentes entre si, sintam-se acolhidos o suficiente para se desenvolverem ao mesmo tempo em que mantém uma interação sadia com seus pares (WALLON, 2007), sem que isso afete ou apague as particularidades do **capital cultural** que os definem (BOURDIEU, 1989; 2014). Mas como fazer isso? A resposta pode estar em tornar a escola um espaço mais social, no sentido de promover mais momentos de convívio, de protagonismos, de mais diálogo, onde a aprendizagem deve continuar a ser o foco principal, mas sem perder de vista os/as estudantes (NÓVOA, 2007, p. 11). Eis aí, talvez, o maior desafio da Escola Básica atual, pois

Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas – que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo –, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante. Muitas das nossas escolas são instituições distraídas, dispersivas, incapazes de um foco, de definir estratégias claras. E quando se enuncia cada uma dessas missões ninguém ousa dizer que não são importantes. Mas a pergunta que se deve fazer é: a escola pode fazer tudo? É preciso combater esse “transbordamento”. Tudo é importante, desde que não se esqueça que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos. (NÓVOA, 2007, p. 06).

O processo de democratização da Escola Básica brasileira avançou significativamente no final da década de 90, mas muito ainda precisava caminhar para que a educação brasileira seja, de fato, democrática e verdadeiramente inclusiva e, na tentativa de sanar uma lacuna latente na história brasileira, o MEC com a participação ativa do Movimento Negro, publicou, em 2003, a Lei n. 10.639 que dispõe sobre o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos da educação brasileira e visa, dentre outras coisas, tornar a escola um ambiente mais igualitário e democrático.

A aprovação da Lei n. 10.639/03 (BRASIL, 2003) é um marco importante na educação brasileira, não apenas por tratar-se de um grande passo para atingirmos uma Escola Básica de fato mais inclusiva, mas também por representar a

democratização do ensino público brasileiro (COELHO; MÜLLER, 2013)⁴⁵, ainda que muitas sejam as ameaças de retrocesso deste processo de democratização e qualidade educacional que visa formar cidadãos pensadores e não ser apenas uma fábrica de mão de obra barata e vazia, sem perspectiva de continuidade escolar e de transformação da própria realidade.

Ao falar em escola, pois, não podemos nos ausentar ao debate desta ser um lugar privilegiado a herdeiros. Pierre Bourdieu nos apresenta tal debate em sua obra *A Reprodução: elementos para uma teoria do Sistema de Ensino*⁴⁶, na qual nos aponta o caráter reprodutor da escola de um determinismo marcado por um **habitus** determinado por um **capital cultural**, que, por sua vez, determina o lugar social de cada sujeito neste contexto.

Segundo Coelho (2009), a escola reproduz e legitima desigualdades sociais ao cultivar a premiação dos alunos que não apresentam dificuldades a adequar-se ao modelo de “bom aluno” privilegiado pela própria escola, procedimento este que enfatiza as desigualdades, em relação àqueles considerados por esta como “maus alunos”. Isto porque a escola apresenta uma ação pedagógica que, por sua vez, produz uma autoridade pedagógica que resulta em uma violência simbólica⁴⁷ “enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 26).

Bourdieu e Passeron viam, então, a escola como um campo de reprodução da cultura dominante, como instrumento de imposição do arbitrário cultural de um grupo e/ou classe social para os demais. Neste sentido, sua ação pedagógica se constitui em passar adiante, como universais, valores que são próprios de um único grupo. (COELHO, 2009, p. 113).

45 Para maior aprofundamento sobre o debate a respeito da importância da Lei n. 10.639/03, recomendamos a leitura do livro “A lei n.º 10.639/03: pesquisas e debates”, da coleção Formação de professores e Relações Étnico-raciais, organizado pela professora Dra. Wilma de Nazaré Baía Coelho, que apresenta um debate ampliado sobre a implantação e implementação da referida lei em nível nacional, mas respeitando de forma coerente as diversidades regionais.

46 Livro lançado na França, em 1970, hoje em sua 7ª edição, publicado pela editora Vozes, com tradução em português por Reynaldo Bairão, é um clássico no debate sobre a instituição do Sistema Escolar e o Sistema de Ensino, suas funções na sociedade e o papel dos agentes que o compõem. Nesta obra, os autores analisam o sistema de ensino francês da década de 60, descrevendo como a instituição escolar desenvolvia uma violência simbólica ignorada ou legitimada socialmente por seus agentes.

47 Violência Simbólica pode ser entendida como uma manifestação decorrente do poder simbólico. Ele delinea a violência simbólica como uma “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. (BOURDIEU: 2003, p. 7-8).

A escola, portanto, é um espaço que cultiva desigualdades inspiradas em competições desiguais entre seus agentes, onde os capitais culturais e sociais individuais determinam quem são os mais aptos para o “embate” que levará ao sucesso escolar e quem está fadado ao fracasso.

Como não podemos compreender a escola dissociada de um tempo e espaço históricos específicos, muito menos podemos concebê-la sem considerarmos as finalidades políticas, sociais, culturais e educativas que a perseguem, podemos inferir que a representação da escolarização também varia historicamente, assim como as relações de força entre grupos ou classes constitutivas da base do poder arbitrário responsável pela inculcação de um modo arbitrário de educação.

A escola, ainda segundo os autores, ao mesmo tempo em que pode ocultar a relação de forças presente em sua constituição, pode também reproduzir diferenças ao tornar a cultura de um grupo social específico, percebida como sendo mais importante, a única digna de ser transmitida, o que faz da escola um mecanismo cotidiano de reprodução social (BOURDIEU; PASSERON, 2004).

Essa reprodução ocorre por meio das relações sociais, no ato comunicacional, ou, mais especificamente, pela palavra de quem é “eleito” ou legitimado pela instituição como conhecedor, detentor do poder simbólico, isto é, o poder “invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8); e que marca hierarquicamente o lugar do outro, o ouvinte, como inferior ou subalterno.

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. (BOURDIEU, 1989, p. 15).

Para Bourdieu (1989), as estruturas hierárquicas de poder são produtos de um trabalho árduo de reprodução ideológica que resulta em uma violência simbólica, instituída pela naturalidade atribuída à relação de dominação do dominado sobre o dominante, resultante da “incorporação de classificações, assim naturalizadas, de

que seu ser social é produto”.⁴⁸ Esta violência é caracterizada e mantida pelo conhecimento e pelo desconhecimento prático de seus agentes.

Este processo é realizado por aqueles que detêm o poder de definir quem está dentro – o idêntico, a norma – e quem está fora - o diferente. São considerados diferentes aqueles que, por suas características sociais (classe, gênero, idade, raça, religião), étnicas, corporais, portadores de necessidades especiais, de desempenho cognitivo, motor e afetividade não se adequaram às normas de competitividade, da racionalização, da padronização, isto é, encaixam-se nas “características” dos perdedores na lógica do mercado. São essas questões que determinam o caminho da desigualdade e da injustiça social. Por conta disso, ressaltamos a necessidade de enfatizar a possibilidade de acompanhar quais significados estão sendo produzidos nos diversos segmentos da sociedade, quais os seus efeitos sobre seus integrantes e como se dá a construção das relações históricas e de poder desses grupos sociais. Por conta deste processo é que o popular é comumente desconsiderado em relação ao erudito. (NEIRA; NUNES, 2008, p. 45).

Como acreditamos que a escola é espaço de sociabilidade de seus estudantes, é forçoso refletir como essa reprodução institucional interfere no cotidiano de seus estudantes, no sentido de estabelecer rearranjos sociais no espaço escolar, que possibilitem interação e diferenciação, ou seja, “marcar território”, muitas vezes, através da quebra às regras institucionais, isto é, através da provocação em relação aos(às) outros(as) e aos educadores; do isolamento e da sociabilidade com outros adolescentes em espaços não formativos, já que

A escola é uma instituição com função tradicionalmente socializadora vinculada ao objetivo de difusão dos conhecimentos sistematizados pela humanidade. Suas bases normativas, porém, são históricas e possuem os paradoxos e os conflitos que parecem inerentes à condição social e humana. (MEINERZ, 2005, p. 113).

A escola brasileira contemporânea preocupa-se em atender às atuais necessidades das sociedades mercadológicas, ou seja, formar mão de obra (des)qualificada e barata para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade, como ratifica a conhecida falta de investimentos em uma educação de qualidade, voltada para a formação de cidadãos críticos, contestadores e transformadores da realidade cultural, política, educacional e social em que atuam. Reside aqui, um desafio a ser vencido.

48 Segundo Vasconcelos (2002, p. 81), o termo violência simbólica pode ser utilizado para “explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, as práticas linguísticas e outras”.

O atual quadro nacional da educação brasileira, nos mostra que a Escola Básica, enquanto instituição deixou de ser vista como um lugar importante onde nos “instituímos como pessoas, onde conhecemos e aprendemos a fazer valer nossos direitos, e conseguimos, a partir daí, criar uma palavra livre, autônoma nas sociedades contemporâneas” (NÓVOA, 2007, p. 11), para ser vista como uma prestadora de serviço ao Sistema Capitalista. Mas não esqueçamos que é na escola que aprendemos a cidadania e convívio com as diversidades, pois nela nos aproximamos de nossos primeiros grupos sociais não familiares; por isso, há a necessidade de defendê-la e de entendê-la enquanto campo não apenas de conhecimentos formativos individuais, mas também de sociabilidades⁴⁹.

No processo de socialização, a escola atual vem transmitindo e consolidando, explícita ou veladamente, “uma ideologia cujos valores são o individualismo, a competitividade e a falta de solidariedade, a igualdade formal de oportunidades e a desigualdade ‘natural’ de resultados em função de capacidades e esforços individuais”. É difundida, e assumida, a ideia de que a escola é igual para todos e cada um chega onde sua capacidade e seu esforço pessoal lhe permite. “Impõem-se lhe a ideologia aparentemente contraditória do individualismo e do inconformismo social”. Dessa forma aceitamos que a sociedade é desigual e discriminatória, resultado “natural e inevitável das diferenças individuais evidenciadas em capacidades e esforços”. (TIGRE, 2013, p. 26).

Isso é algo que demandaria esforço coletivo, da própria instituição, dos professores que necessitariam repensar suas práticas, mas, primeiramente, é preciso habilidade para que estes agentes entendam quem são os adolescentes para quem ensinam; e se percebam dominados de um lado e dominantes de outro, e que suas práticas marcadas diretamente pelos saberes e capitais culturais (distintos) que, certamente, influenciarão a formação de seus estudantes; estes, legitimados pelo lugar social em que foram naturalizados arbitrariamente pelo *habitus* em que estão inseridos, pois

49 O termo *sociabilidade* é apontado por Heitor Frugoli Jr (2007, p. 08) como originalmente pertencente ao campo da sociologia, sob autoria de George Simmel (1858-1918) que preocupava-se com a formação da sociedade e sua manutenção através das interações. Segundo este autor, para Simmel, a sociedade existe como um dos modos pelos quais toda a experiência humana pode ser potencialmente organizada, e num sentido concreto, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço; num sentido abstrato, denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede. A sociedade seria, em suma, “a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos particulares de associação (*Vergesellschaftung*)”. (FRUGOLI JR, 2007, p. 09).

As sociabilidades desenvolvidas no interior das dinâmicas escolares perpassam as representações elaboradas e reelaboradas sobre raça, cor, preconceito racial, (classe social, gênero, religião, sexualidade), discriminação e identidade negra no universo escolar. (COELHO; SILVA, 2016 B, p. 47, grifo nosso).

(...) Porém, para que isso ocorra, exige-se que sejam indagadas as relações de poder presentes nas relações de gênero, idade, classes subalternas, habilidades motoras e cognitivas dos alunos, etnias, orientações sexuais, na relação escola *versus* família (que proporciona relações de poder diversas, de acordo com a classe social de cada comunidade) e também na titulação dos docentes e nas posições funcionais que esses adquirem em sua vida acadêmica. (NEIRA; NUNES, 2008, p. 86-87).

A escola, mais que um local marcado pela educação formativa, pode constituir-se um espaço de lazer, de interação mútua entre estudantes, professores e demais profissionais, pois a escola “é uma instituição social e, portanto, inserida no meio das relações socioculturais que promovem as desigualdades.” (NEIRA; NUNES, 2008, p. 65-66). No entanto, pouco reflete sobre a realidade e sobre as sociabilidades de seus estudantes.

Eleger a escola como lócus de observação e análise das sociabilidades juvenis se justifica, portanto, pelo lugar ocupado por aquela instituição na cultura juvenil. Especialmente para jovens da periferia, a Escola constitui o universo a partir do qual as relações sociais são constituídas, firmadas e amadurecidas. Torna-se pertinente, da mesma forma, a problematização da participação da Escola na conformação de tais sociabilidades. Não se trata evidentemente, de sopesar os encaminhamentos pedagógicos na resolução de conflitos, mas de questionar o quanto do conteúdo axiológico constante do saber escolar é acionado pelos estudantes na conformação das sociabilidades que vivenciam (...).

Entender e intervir nas sociabilidades juvenis engendradas e desenvolvidas na Escola constitui, então, uma ação pedagógica da maior importância. Por meio de investigações e reflexões que deem conta dessa dimensão da vida escolar, será possível apreender uma das lacunas da formação docente, qual seja o domínio das culturas juvenis. Compreendê-las é um passo importante, para exercer sobre elas uma ação educativa. (COELHO; COELHO, 2016 A, p. 33-34).

Entender relações de sociabilidades estabelecidas por adolescentes no ambiente escolar, portanto, é entender os padrões privilegiados existentes na escola, é entender as representações elaboradas e reelaboradas que sustentam e justificam o preconceito sobre o outro ou sobre determinado grupo.

O preconceito parte do desconhecimento, do estranhamento e da hostilidade. É uma crença prévia sobre algo ou alguém, especialmente vinculado a uma ideia de inferioridade. O preconceito é um conceito apressado, cultivado da opinião, antes de compreender o outro na sua alteridade. Existem alguns latentes na nossa sociedade, mercedores de ressalva: preconceito contra mulheres, homossexuais, idosos, jovens,

crianças, obesos, deficientes, linguístico, de classe e de cor/racial. (COELHO; SILVA, 2016 B, p. 45.).

A professora Wilma Coelho (2013) já apontava em suas pesquisas sobre sociabilidades adolescentes em uma escola do bairro do Guamá, periferia da cidade de Belém do Pará, as diferentes formas de adolescentes se agruparem em grupos distintos, com codinomes próprios e hierarquias marcadas de acordo com suas posições sociais e como estes se utilizavam dos espaços escolares para marcar seus territórios, seja em pichações nas paredes das salas ou dos banheiros, seja na ocupação das quadras, das cantinas ou de outros espaços dentro e fora da sala de aula.

Além das pesquisas da professora Wilma Coelho, outros autores de diferentes campos do conhecimento vêm dedicando-se atualmente ao estudo das sociabilidades adolescentes no Brasil, não apenas na Escola Básica, mas em outros espaços de convívio e sobre outras instituições formativas. No entanto, muitos destes estudos apresentam a sociabilidade como pano de fundo para outros debates, sobretudo a respeito de violência, identidade, gênero/sexualidade, condutas sociais e novas tecnologias⁵⁰; o que reafirma a importância do estudo das

50 Como exemplos de pesquisas sobre sociabilidades adolescentes produzidas no Brasil, porém abordando locais e relações não escolares, citamos os trabalhos de:

BASSALO, L. M. B; ALMEIDA; Edwana Nauar de. “Joga Ela Fora”: Um Estudo Sócio-Educacional Sobre o Escalpelamento de Mulheres/Meninas Ribeirinhas. Anais da VI Jornada de Pós-Graduação da Faculdade Integrada Brasil Amazônia. Belém: set. 27-28, 2013. P.136.

ALMEIDA, Edwana Nauar de. **O Corpo escalpelado**: possibilidades e desafios docentes no cotidiano de meninas ribeirinhas na Amazônia Paraense. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará – PPGED-UFPA. 2016.

JÚNIOR, Renato Cezar Silvério. **Curtições, Amizades e Injúrias**: as expressões de gêneros, sociabilidades, afetos e sexualidades entre garotos adolescentes do interior paulista em uma cidade de pequeno porte. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2013;

MARRA, Maria Lúcia Martins Pedrosa. **Violência e transgressão na Periferia de Belém**: sociabilidades e os arranjos criminosos no espaço de ocupação Riacho Doce. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2008;

PERILO, Marcelo de Paula Pereira. **Eles botam o bloco na rua! Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, 2012.

BERNARDES, Márcia. **Jovens e Internet**: usos sociais e sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2012.

FILHO, Milton Ribeiro da Silva. **Na Rua, na Praça, na Boate**: uma etnografia da sociabilidade lgbt no circuito GLS de Belém-PA. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Pará. 2012. 145 f.

sociabilidades adolescentes no espaço escolar, principalmente em se tratando de pesquisas no campo educacional, é justamente o que buscamos realizar neste trabalho.

Após a análise das teses e dissertações, constatamos que o estudo das “sociabilidades adolescentes”, enquanto conhecimento em formação de um campo acadêmico, nos permite entender a escola por uma ótica não muito valorizada pela academia até os dias atuais: a dos estudantes. É notória, nas pesquisas analisadas, a não uniformidade dos temas relacionados às sociabilidades entre estudantes adolescentes e suas relações com a Escola Básica. Alguns dos debates levantados nos trabalhos defendidos nos Cursos de pós-graduação brasileiros, entre 2004 e 2013, já foram levantados anteriormente e continuam bastante discutidos nas pesquisas educacionais, tais como Escolarização⁵¹ e Violência na escola⁵². A seguir,

SILVA, Hamilton Harley de Carvalho. **Sociabilidades de Jovens Homossexuais nas Ruas de São Paulo: Deslocamentos e Fronteiras**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009. 162 f.

VIEIRA, Carla Manuela da Silva. **Sociabilidade e Modernidade nos Espaços de Lazer da Capital Cearense do Início do Século XX (1901 A 1910)**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo. 2012. 184f.

CLARKE, Cecília Franco. **A sociabilidade na Web e Suas Contribuições para Docência online**. Dissertação (Mestrado Acadêmico Em Educação) - Universidade Estácio De Sá. 2011. 170 f.

BITTAR, Mariana. **Trajetórias Educacionais dos Jovens Residentes num Distrito com Elevada Vulnerabilidade Juvenil**. Tese (Doutorado Em Ciência Política) - Universidade De São Paulo. 2011. 272 f.

FERREIRA, Clelio Palheta. **Sociabilidade e Espaço Público: experiências de ações culturais educativas na passagem Pedreirinha do Guamá - Belém - Pará**. Dissertação (Mestrado Acadêmico Em Sociologia E Antropologia) - Universidade Federal do Pará. 2012. 145 f.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Do On-Line Para Off-Line: Sociabilidades E Cultura Escrita Proporcionadas Pela Internet no Brasil do Século XXI (2001-2010)**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina. 2012. 111 f.

MARTINS, Mariana Domitila Padovani. **Comunicação, Cultura e a Sociabilidade: imagem pessoal do jovem no orkut e liberdade paradoxal nas redes sociais**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba. 2011. 111 f. Dentre outros.

⁵¹ Para o aprofundamento sobre a temática da Escolarização, recomendamos a leitura de VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado das Letras, 2006; CHAPOULIE, Jean-Michel; BRIAND, Jean-Pierre. **A Instituição Escolar e a Escolarização: uma visão de conjunto**. Tradução de Julieta B. Desaulniers. Educação & Sociedade, n. 47, p. 11-55, abr, 1994; DESAULNIERS, de Julieta B. Ramos. **Instituição e Evolução da Escolarização. Teoria da Educação**, n. 6, p. 97-104, 1992. RODRIGUES, José Roberto Gomes. **Formas de escolarização Secundária e Sócio-gênese de uma Instituição Escolar: o Ginásio Ruy Barbosa em Juazeiro, BA, (1953-1963)**. 2009. 334 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2009. Dentre outros.

⁵² Para aprofundamento sobre a temática da violência na Escola Básica, recomendamos a leitura do Observatório de Violências nas Escolas, produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2006), além da seguinte referência:

PEREIRA, M. **Violência nas escolas: visão dos profissionais do ensino fundamental sobre esta questão**. Ribeirão Preto, 2003. RUOTTI, Caren. **Violência na escola: um guia para pais e professores/ Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007; DEARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violências nas escolas e**

de acordo com os dados constantes no **quadro 01**, podemos visualizar os debates privilegiados pelos trabalhos aqui analisados, e, a partir deste quadro, iniciaremos o mapeamento por nós pretendido.

políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002; CHRISPINO. A.; CHRISPINO, R. S. P. Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar. São Paulo. SP: Biruta, 2002; CECCON, Claudia. Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009; ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas**/Miriam Abramovay et al. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. Dentre outras.

Quadro 01: - Teses e Dissertações sobre Sociabilidades Adolescentes - Temas e Debates levantados entre 2004 e 2013

Autor(a)	Tese/Dissertação	Ano	Tema	Objetivo
MEINERZ, Carla Beatriz	<i>Adolescente no pátio, outra maneira de viver a escola:</i> um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar à periferia urbana. 2005.	2005	Sociabilidades Identização e Escolarização	Investigar a sociabilidade adolescentes, considerando seus jeitos de viver a escola e a inserção escolar, através da análise das memórias individual e coletiva.
GONÇALVES, Lilia Neves	<i>Educação Musical e Sociabilidade:</i> um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960	2007	Sociabilidades, Música e Formação de Professores	Investigar e compreender uma sociabilidade pedagógico-musical em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia, nas décadas de 1940 a 1960.
VIEIRA, Inês Almeida	<i>“Delicadeza e Espírito de Grupo”:</i> o basquetebol como invenção cultural	2009	Sociabilidades Esporte e Escola	Estudar a sociabilidade entre os jogadores de basquete, enfatizando a construção e difusão do espírito de equipe, principalmente, entre jovens.
OLIVEIRA, Rogério Cruz	<i>Na “Periferia” da Quadra:</i> educação física, cultura e sociabilidade na escola	2010	Sociabilidades, prática pedagógica Educação física	Compreender a dinâmica cultural dos alunos que se situam à margem das aulas de Educação Física - na “periferia” da quadra.
FERREIRA, Antônio Eustáquio	<i>Função Paterna e Sociabilidade Violenta em Jovens escolares.</i>	2012	Sociabilidades, Escola, Violência na escola	Refletir como as transformações familiares e o declínio do patriarcado pode haver influenciado o chamado “declínio da função paterna”, no seu sentido mais tradicional e como influenciaram o declínio da função paterna e subsidiaram a sociabilidade violenta dos jovens escolares.
TIGRE, M. G. do Espírito Santo	<i>Escola, Juventude e Violência:</i> um estudo no ensino médio.	2013	Sociabilidades, Escola e Violência	Investigar a violência na, área da escola, examinando as relações interpessoais que nela ocorrem, procurando captar a percepção do aluno a respeito do problema, na condição de quem a pratica, sofre ou apenas observa.
BRUM, D. Marisa Ribas	<i>Expressões Juvenis na Cultura Escolar:</i> um olhar para a escola pública.	2004	Sociabilidades, Escolarização, Relações raciais e de Gênero	Analisar aspectos referentes às questões de gênero, classe e etnia presentes no Projeto Político Pedagógico, nas relações entre professores e alunos, e na cultura escolar cotidiana.
LIMA, E. José Batista de	<i>Adolescentes e Jovens e suas Bases de Apoio:</i> relações de amizade com suporte social no enfrentamento à violência	2005	Sociabilidades, Escola, Família e Violência.	Mapear as bases de apoio familiares e comunitárias para adolescentes e jovens estudantes no bairro do Bom Pastor, Zona Oeste de Natal/RN e como esses recursos são usados pelos adolescentes e jovens estudantes dessa comunidade
MEIRELLES, Mauro	<i>As Redes que se Tecem nas Escolas Públicas de Ensino Médio de Porto Alegre:</i> o uso das tecnologias digitais e construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica	2005	Sociabilidades, Escolarização, Tecnologia e Sociotécnica	Mapear as relações tecidas na rede de interações entre agentes humanos e não-humanos que compõe o entorno das Escolas Estaduais de Ensino Médio.
CALLEGARO, Carlos Augusto	<i>Juventude(s) e escola:</i> suas culturas em diálogo	2007	Sociabilidades, Escolarização, Autorias	Analisar os grupos culturais juvenis como espaço de formação dos jovens e as possibilidades de suas autorias como elementos importantes na constituição de uma cultura da escola.
SANTOS, C. José dos	<i>Futebol se Aprende na Escola:</i>	2007	Sociabilidades, Prática pedagógica e	Investigar o complexo processo de aprendizagem do futebol no Brasil, focando uma cidade mediado interior de São Paulo

	novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano		Educação Física	
BARBOSA, Daniele de Souza	<i>“Tamo Junto e Misturado!”</i> : um estudo sobre sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública	2007	Sociabilidades, Escolarização	Compreender os significados que os jovens alunos atribuem à sociabilidade no cotidiano escolar e seus possíveis impactos na vivência escolar.
RAMIREZ, Rosa Eulógia	<i>Perfil dos Valores Juvenis Contemporâneos</i> : uma análise comparativa entre escolas particulares e públicas da capital e do interior do Estado do Rio Grande do Sul	2008	Sociabilidades, Escolarização e Identização	Compreender a postura dos jovens da sociedade contemporânea, a partir da conformação de seus valores.
VILLAS, Sara	<i>Formas de Sociabilidade entre Alunos de uma Escola de Ensino Médio/Técnico</i>	2009	Sociabilidades, Identização e Escolarização	Realizar uma investigação etnográfica sobre as formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico de uma instituição federal
ARAÚJO, M. D. Pinto	<i>Escola, criança favelada e processos de socialização</i> : estudo sobre padrões de socialização no ambiente familiar e na escola.	2009	Sociabilidades, Escolarização e Família	Analisar as condutas sociais de alunos residentes em favelas, bem como as ações e reações da escola diante dessas condutas, buscando identificar possíveis semelhanças e diferenças entre alunos cujas famílias, apesar de residirem em favela, ocupam posições sociais distintas.
FERRÃO, Aline de Araújo	<i>A violência na Escola e o seu papel de Socialização</i> .	2011	Sociabilidades, Escolarização e Violência	Analisar as diversas violências que se entrelaçam às dinâmicas escolares e alteram significativamente a sociabilidade daqueles que pertencem à instituição
LEITE, Gelson Antônio	<i>Juventude e Socialização</i> : os modos do ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte - MG.	2011	Sociabilidades, Escolarização e Identização	Compreender os modos de ser jovem aluno de camadas médias de uma escola privada, confessional, do ensino médio de Belo Horizonte, problematizando os significados atribuídos a sua condição juvenil e a sua condição de aluno.
PIOVANI, V. G. Silva	<i>Escola, Tecnologia e Sociabilidade na Educação Física</i> : intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do Plano CEIBAL e do PROUCA.	2012	Sociabilidade, Educação Física, Tecnologia e Prática pedagógica	Analisar as possibilidades pedagógicas da Educação Física (EF) escolar dentro dos Programas um Computador por Aluno
POUZAS, Ubiratan Santos	<i>Lazer, Juventude E Ensino Médio/Técnico</i> : um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec	2012	Sociabilidades, Escolarização e Lazer	Entender algumas questões que envolviam a escolarização e o lazer no Colégio Técnico da UFMG (Coltec), as quais tensionavam o cotidiano dessa escola
UCHOGA, L. A. Roveran	<i>Educação Física Escolar e Relações De Gênero</i> : risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos	2012	Sociabilidades, Relações de gênero e Educação Física	Entender como se dão as relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar
MONZELI, Gustavo Arthur	<i>Em Casa, na Pista ou na Escola é Tanto Babado</i> : espaços de sociabilidade de jovens travestis	2013	Sociabilidade, Escolarização Identização e Preconceito	Compreender as principais técnicas utilizadas por jovens travestis para o manejo e a manipulação de suas próprias características corporais, subjetivas e identitária, a fim de se inserirem em determinado espaços de sociabilidade, focalizando-se nos contextos familiares, de instituições formais de ensino e também de prostituição.

Fonte: Produzido pelo autor, a partir da Bibliografia analisada. 2016.

O **quadro 01** nos permite visualizar os caminhos temáticos pelos quais seguiram os debates levantados pelas teses e dissertações analisadas em acordo com o momento político educacional brasileiro no período em questão, especificamente no que tange a tornar o chão da escola⁵³ um espaço mais democrático e inclusivo.

A análise da produção do conhecimento nos cursos de Pós-graduação por nós visitados, no período simbólico desta pesquisa, ratifica a escolarização e a violência como fatores estruturais e estruturantes das sociabilidades entre os estudantes investigados em cada pesquisa. Quanto à categorização dos sujeitos investigados, os trabalhos analisados reduzem os estudantes investigados à condição de adolescentes/jovens e, com isso, minimizam a importância de conhecermos aspectos socioculturais desses sujeitos, tratados como grupo, quase homogêneo, e sem contextualização da relação destes com professores e com a profissão docente.

Para um melhor conhecimento da produção sobre sociabilidades adolescentes no Brasil, no período entre 2004 e 2013, apresentamos anexo a esta pesquisa o resumo dos trabalhos analisados para informar, divulgar e facilitar o acesso a esses estudos e o conhecimento da temática aqui desenvolvida.

1.2 AS PESQUISAS SOBRE SOCIABILIDADES ADOLESCENTES COLETADAS NA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDBTD

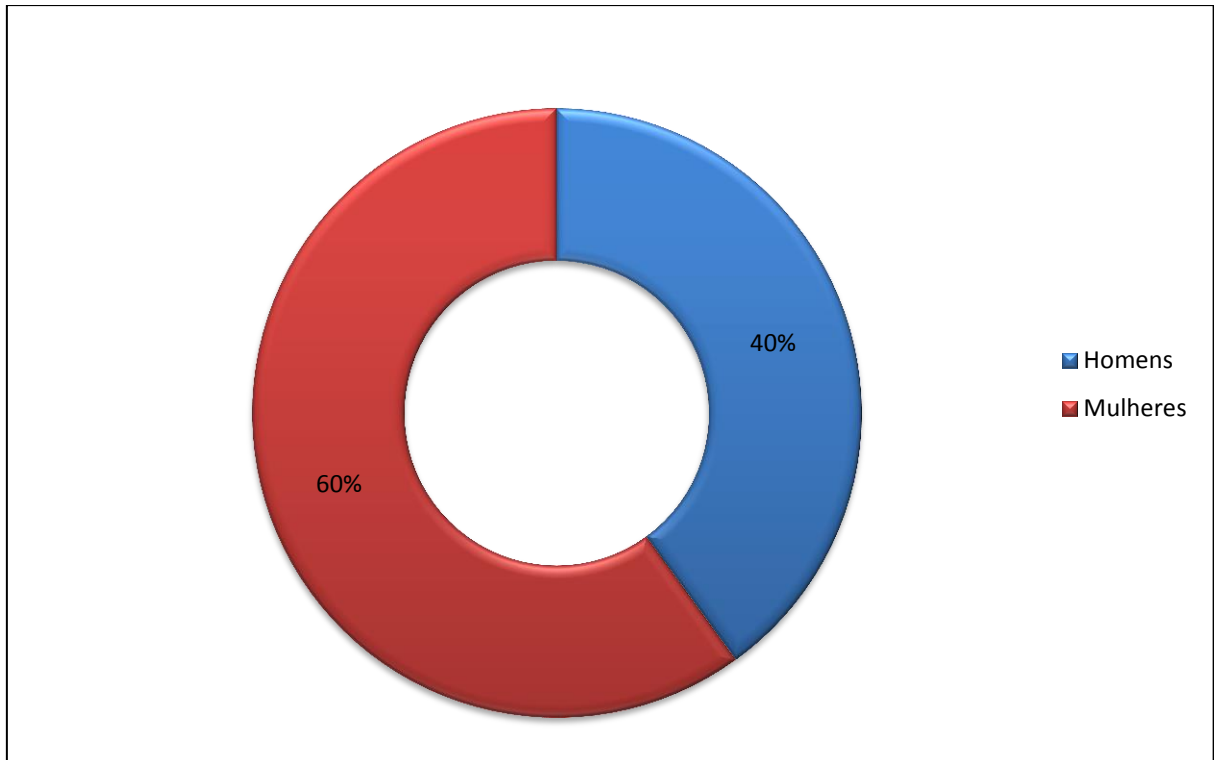
Ao contrário do que imaginávamos no início desta pesquisa, poucas foram as Teses e Dissertações encontradas sobre Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica, defendidas entre 2004 e 2013, disponibilizados no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBTD.

⁵³ Segundo Maria Tereza Leitão de Melo (2009) o chão da escola não é um chão qualquer, é um chão que congrega, que constrói, que educa e que demarca nos espaços escolares as contradições, as polêmicas e as possibilidades de diálogo, ou seja, os desafios diários que são vivenciados por alunos, professores, educadores e técnicos, desafios estes vivenciados entre dores e alegrias, mas resultantes em atos de aprendizagem atrelados a processos lentos e graduais de profissionalização, que demarcam a presença viva das lutas da classe dos profissionais da educação por melhoria de condições de trabalho e da educação brasileira.

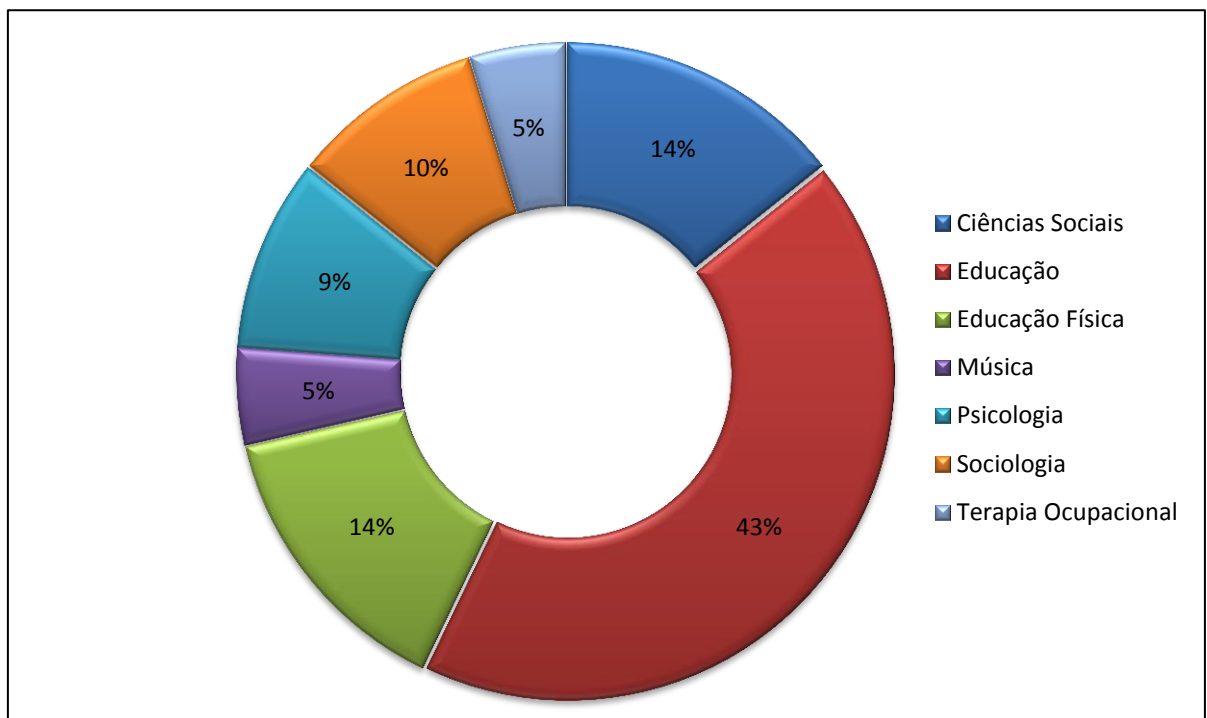
As pesquisas encontradas neste intervalo específico de dez anos distribuem-se em 29 (vinte e nove) trabalhos de conclusão de curso, leia-se teses e dissertações, em diversos Programas de Pós-Graduação no Brasil, defendidos no referido período, a debater a temática das “sociabilidades adolescentes”. Dentre as Teses e Dissertações encontradas no *síte* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações –BDTD, selecionamos para análise apenas 21 (vinte e uma) pesquisas, por vincularem seus estudos ao campo específico das sociabilidades adolescentes na Escola Básica.

Iniciamos nosso mapeamento constatando primeiramente a presença de dois dados significativos: o primeiro diz respeito à autoria majoritária de pessoas do sexo feminino⁵⁴ desenvolvendo pesquisas nesta temática, conforme podemos observar no **Gráfico 01**; o segundo, diz respeito à predominância das pesquisas sobre sociabilidades adolescentes sob a ótica do campo da educação em quase todo o território brasileiro no período investigado, ou seja, entre 2014 e 2013; conforme podemos observar no **Gráfico 02**.

⁵⁴ A presença majoritária de mulheres na Pós-graduação não é novidade. Segundo o Censo do Ensino Superior, realizado anualmente pelo INEP, já no ano 2000, houve um crescimento de 15% na matrícula de estudantes do sexo feminino em todo o território brasileiro, enquanto verificou-se, no mesmo ano, o decréscimo de 12% nas matrículas de estudantes do sexo masculino nas Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Gráfico 01: Predominância de autores por Gênero.

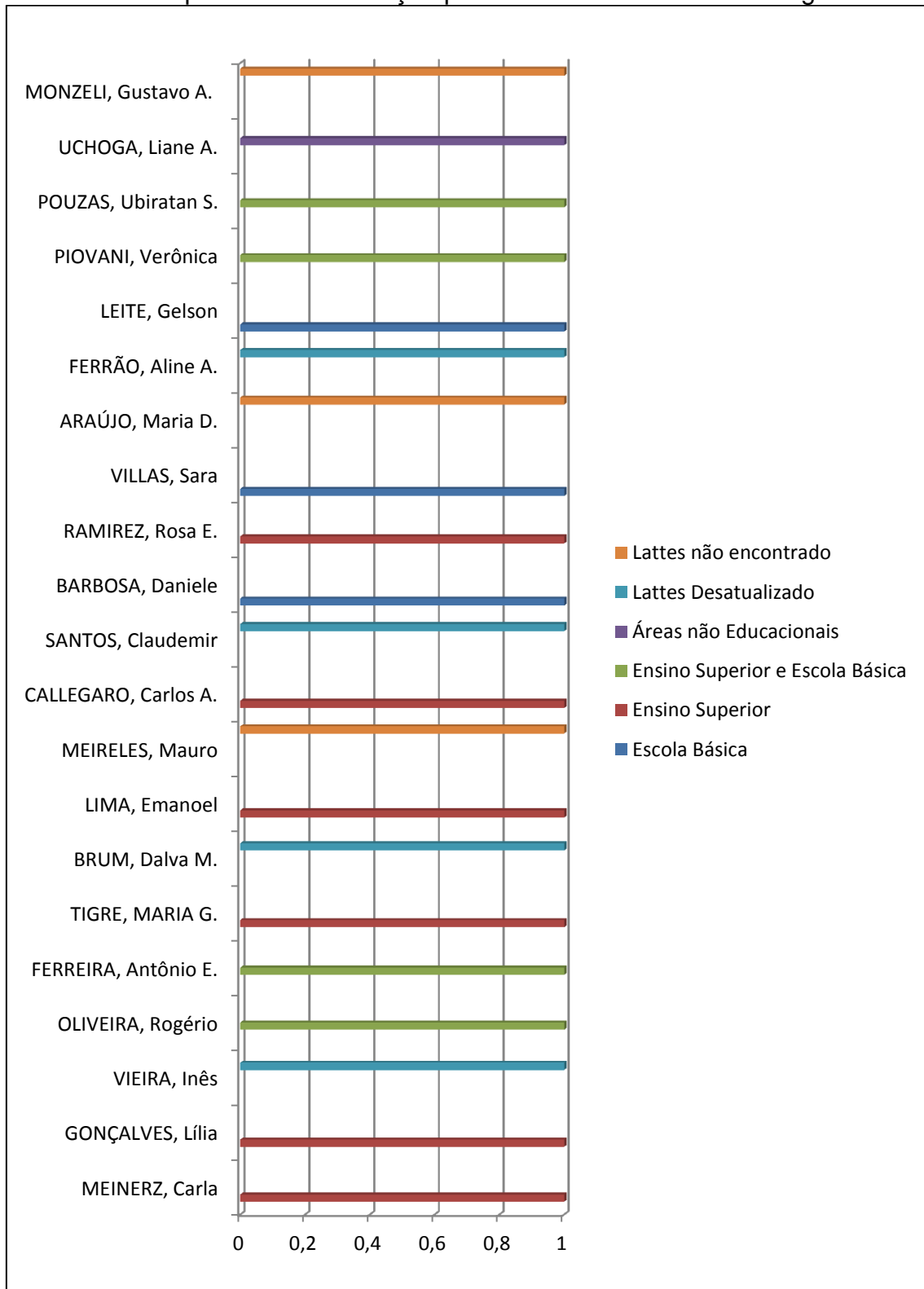
Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

Gráfico 02: Mapeamento de Teses e Dissertações, por área de estudo, sobre Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica, no período de 2004 a 2013.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

Como podemos observar, há a predominância de estudos sobre sociabilidade adolescentes na Escola Básica nos campos de conhecimento ligados às humanidades, especificamente no campo da Educação; no entanto, isso não significa que a atuação profissional de seus autores esteja diretamente ligada a este campo, pois, de acordo com consulta ao currículo *lattes*⁵⁵ dos autores dos trabalhos aqui analisados e disposto no **Gráfico 03**, apenas 14% (catorze por cento) dos autores atuam ou atuaram profissionalmente exclusivamente na Escola Básica, e 38% (trinta e oito por cento) atuaram ou atuam em suas atividades profissionais dividindo suas cargas-horárias entre Educação superior e a Escola Básica.

⁵⁵ Segundo dados obtidos no site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, a Plataforma *Lattes* é uma base de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Sua dimensão atual se estende não só às ações de planejamento, gestão e operacionalização do fomento do CNPq, mas também de outras agências de fomento federais e estaduais, das fundações estaduais de apoio à ciência e tecnologia, das instituições de ensino superior e dos institutos de pesquisa. O Currículo Lattes hoje é um padrão nacional no registro da vida profissional de estudantes e pesquisadores brasileiros, adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por sua riqueza de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área de ciência e tecnologia. Mais informações acessar o site:<< <http://lattes.cnpq.br/>>>.

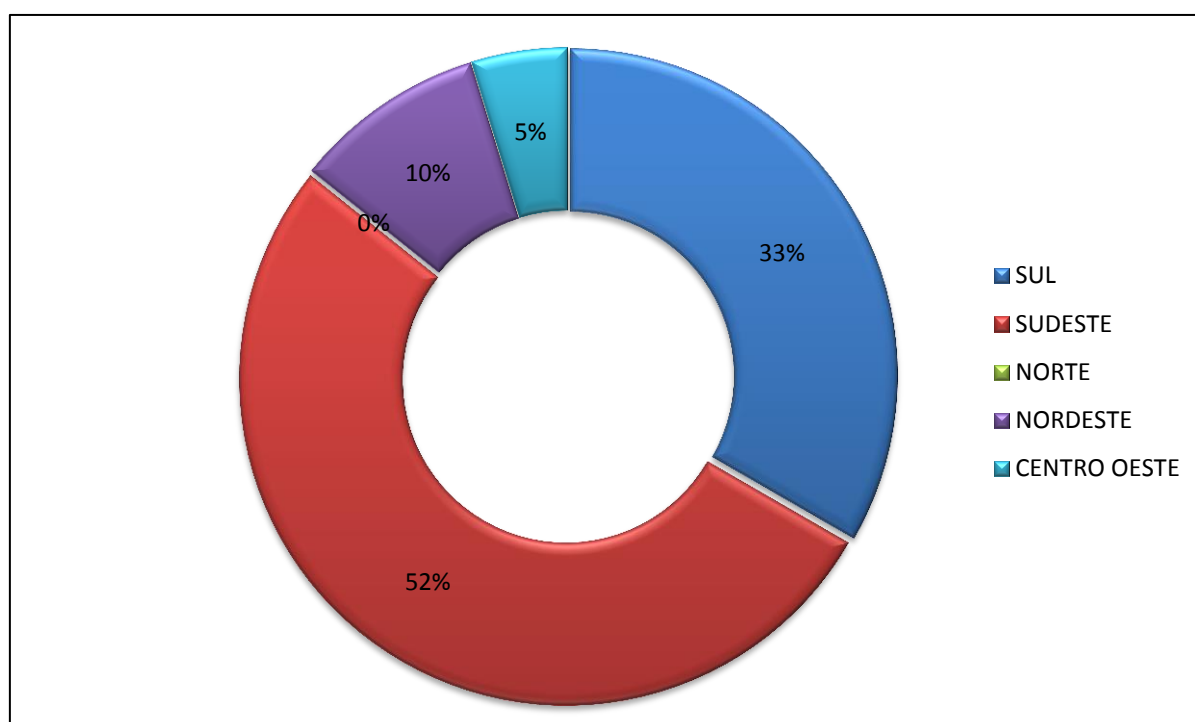
Gráfico 03: Mapeamento da atuação profissional dos autores investigados.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de consulta ao currículo *lattes* dos autores investigados. 2016.

De acordo com o mapeamento por nós realizado, identificamos que os debates sobre sociabilidades adolescentes defendidos nas Dissertações e Teses encontradas, no período delimitado por esta pesquisa, ocorreram predominantemente nos Programas de Pós-graduação de universidades das regiões sul (UFRGS, UFSC e UNISINOS) e sudeste do país (PUC- SP, UFMG, UNICAMP, UERJ e UFSCAR), conforme nos aponta o **gráfico 04**.

Neste mesmo gráfico, podemos observar a inexistência de Teses e Dissertações, defendidas neste mesmo período, nos Programas de Pós-graduação da região Norte do país, o que ratifica a importância desta pesquisa em busca do entendimento do tema e da produção de conhecimento sobre o mesmo, tanto a nível nacional, como regional e local.

Gráfico 04: Mapeamento de Teses e Dissertações por Região sobre Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica, no período de 2004 a 2013.



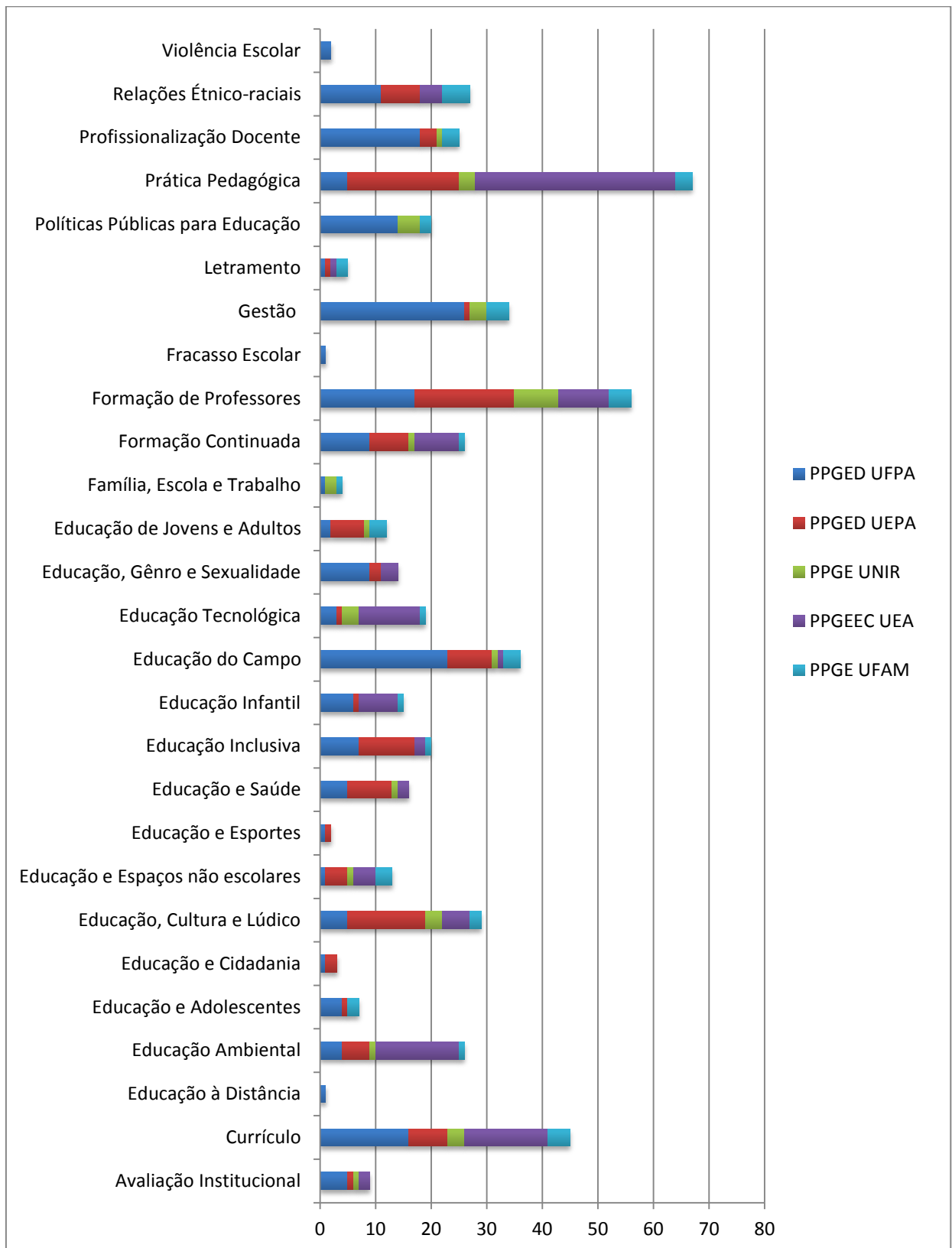
Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016

A inexistência de Teses e Dissertações sobre a temática das sociabilidades adolescentes na Escola Básica, nos Programas de Pós-graduação das universidades da Região Norte, no período investigado, nos revela, indiretamente, que tais programas não acompanhavam os debates sobre educação vigentes no país.

Diversos podem ser os motivos de tal inexistência, a começar pelo momento histórico e político pelos quais passavam os referidos Programas de Pós-graduação ou mesmo a Educação brasileira neste período simbólico de adaptação à nova LDB voltada para a implementação da Lei 10.639/03 e suas atualizações, mas também pode sinalizar para a ratificação da possibilidade dos Cursos de Pós-graduação da Região Norte privilegiarem outros campos de estudo como as políticas públicas e o currículo, por exemplo, e deixarem as pesquisas mais voltadas para a Sociologia em segundo plano, visto que, mesmo com a existência de um número significativo de pesquisas sobre esta temática em todo o território brasileiro, os Programas de Pós-graduação do Norte do país não a contemplaram no decênio aqui estabelecido em seus trabalhos de conclusão de curso.

Para entendermos a complexidade desta lacuna e o desenvolvimento das pesquisas em cada Programa investigado, o **Gráfico 05** lista, a seguir, as principais temáticas que permearam a produção de Teses e Dissertações nos programas de Pós-graduação em Educação, da Região Norte: PPGED UFPA; PPGED UEPA; PPGE UNIR; PPGEEC UEA; e PPGE UFAM, defendidos entre 2004 e 2013.

Gráfico 05: Classificação Temática das Teses e Dissertações defendidas nos Programas de Pós-graduação em Educação da Região Norte (2004-2013)



Fonte: Realizado pelo autor, a partir de consulta ao acervo de Teses e Dissertações disponível nas plataformas digitais dos Programas apresentados. 2016

Como podemos visualizar no gráfico acima, a produção dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Norte do país⁵⁶, no período analisado, valorizava temáticas atreladas a questões consideradas como necessidades mais urgentes para o debate sobre a realidade político-social de cada estado ou da inclinação política do corpo docente de tais Programas.

No Pará, por exemplo, a produção dividia-se entre *Educação do Campo* e a *Profissionalização Docente* no PPGED UFPA; e *Educação, Cultura e Lúdico* e *Formação de Professores* no PPGED UEPA. Em Rondônia, por sua vez, no PPGE UNIR prevaleciam pesquisas sobre *Formação de Professores* e *Políticas Públicas para a Educação*. Enquanto que no Amazonas, as pesquisas que predominavam no PPGEEC UEA referiam-se sobre *Currículo, Educação Ambiental e Prática Pedagógica*; e no PPGE da UFAM, predominavam pesquisas sobre *Questões Étnico-raciais, Currículo, Formação de Professores e Gestão*.

É importante salientar que podemos verificar, nos Programas apresentados no gráfico anterior, a existência de Dissertações e Teses com estudos voltados para a temática do universo adolescente, produzidas entre 2004 e 2013, porém, estas apresentam diferentes abordagens sobre a adolescência que passam longe da escola Básica, logo, tratam de assuntos diversos e alheios à educação escolar e às sociabilidades adolescentes nos espaços escolares, já que estão focados em assuntos de outras relevâncias sociais, dentre elas a violência e suas consequências para o desenvolvimento psicológico de adolescentes em casas de apoio ou acolhimento de menores infratores.

Os trabalhos dispostos no quadro anterior reforçam nossa afirmação de que há uma lacuna latente na produção do conhecimento em educação na Região Norte, no período referente ao recorte temporal desta pesquisa, no que tange à produção de Teses e Dissertações sobre sociabilidades Adolescentes nos diversos Programas de Pós-graduação da referida região e, conseqüentemente, nos debates apresentados em tais Programas.

⁵⁶ De acordo com informações coletadas no site <<http://www.minhapos.com.br/areas-de-posgraduacao/educacao.html>>, a Região Norte do Brasil conta com os seguintes Programas de Pós-Graduação em Educação: UNIR, UFRR, UNIFAP, UFAM, UFPA, UFOPA, UFT, UNIFESSPA, UEA, UEAP, UEPA, UERR e UNITINS, porém, destes, apenas disponibilizam *download* de suas teses e dissertações os Programas da UNIR, UFAM, UFPA, UEA e UEPA. Os demais programas ou não apresentam as produções discentes ou, quando apresentam, fogem do recorte temporal desta pesquisa.

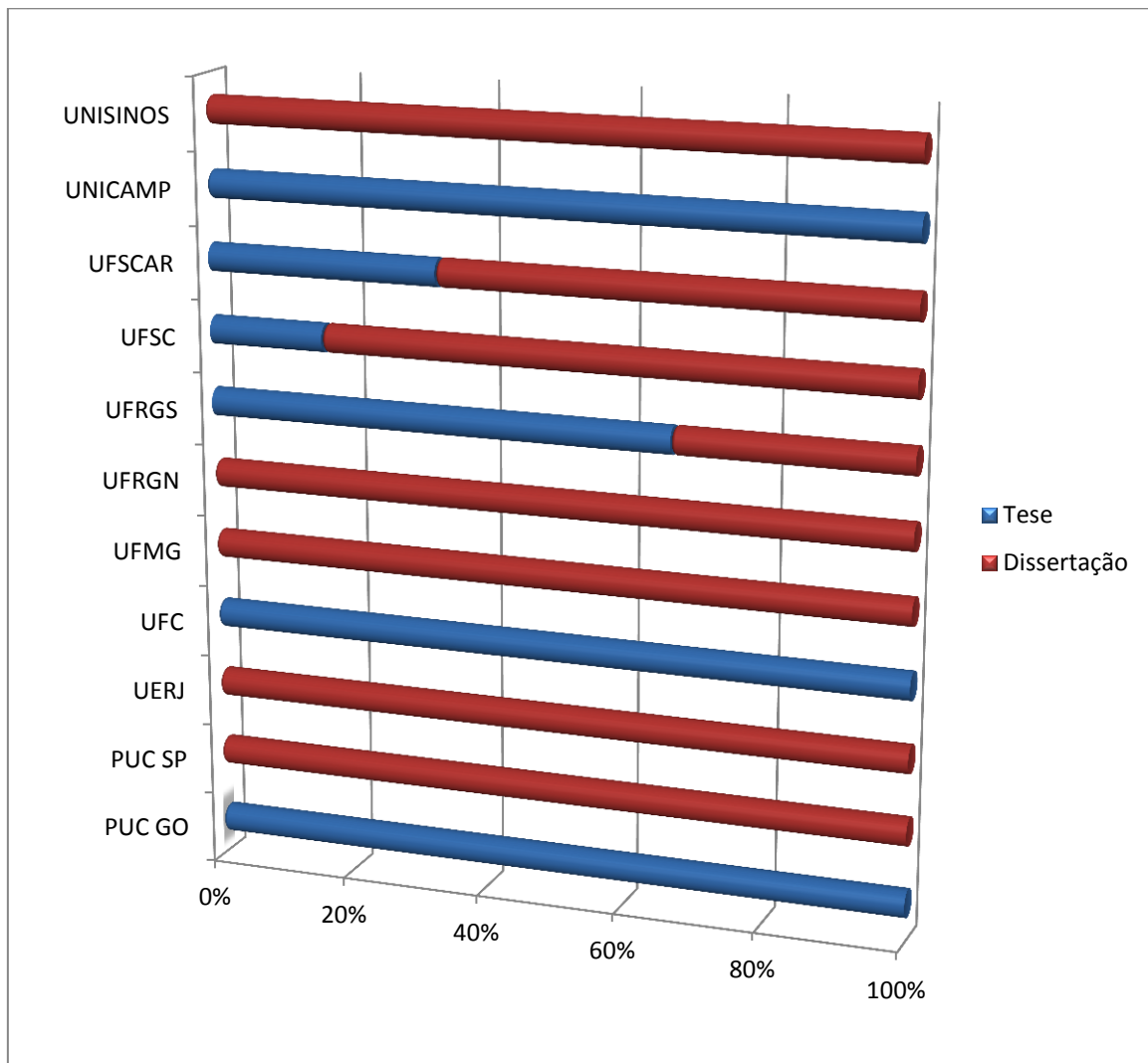
Como mencionado anteriormente, recorreremos ao acervo digital da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações –BDTD, de onde selecionamos os vinte e um trabalhos aqui estudados, desenvolvidos e defendidos em diferentes Programas de Pós-graduação brasileiros, de Universidades públicas estaduais e federais e faculdades particulares a saber: UFRGS, UFC, UNICAMP, PUC GO, UFSC, UFSCAR, UFRGN, UFMG, UNISINOS, UEC, PUC SP e UERJ.

Tais Programas estão voltados para a produção de conhecimento científico e da fomentação de pesquisas e formação continuada de professores e professoras⁵⁷, logo, voltam-se para a atuação destes(as) profissionais no cotidiano escolar, também conhecido por chão da escola. Isto implica prepará-los, teoricamente, para a atuação frente às contradições, às polêmicas e às possibilidades de diálogo e de aprendizagens de seus estudantes (MELO, 2009).

No **Gráfico 06** podemos visualizar, de forma sintetizada, o número da produção de teses e dissertações defendidas em cada Programa de Pós-graduação consultado, ou seja, o número real de Teses e Dissertações defendidos por cada programa, no período simbólico compreendido 2004 e 2013.

⁵⁷ Sobre Formação continuada, ver os estudos de Maura Maria Moraes de Oliveira Bolfer (2008); Wilma de Nazaré Baía Coelho e Nicelma Josenila Brito Soares (2003); Ivan A. de Amaral (2003); Vera Maria Candau (1996; 1997); Naura Syria Carapeto Ferreira (2003); Francisco Ibernnon (2009); Antônio Nóvoa (1992); Márcia Regina Onofre (2000); José Cerchi Fusari (1994); José Cerchi Fusari e T. A. Rios (1995); Cecilia A. L. Colares, Maria Aparecida A. Moysés e, João Wanderley Geraldi (1999); Isabel Alarcão (1998); Maria Leila Alves (2000); Luciana Maria Giovanni (2003); Alda J. Marin (1995; 2000); José Augusto Victoria Palma (2001). Dentre outros.

Gráfico 06: Produção de trabalhos conforme os Programas de Pós-Graduação brasileiros



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

Nosso mapeamento revela que a produção das pesquisas estudadas segue um leque de caminhos metodológicos que nos sugere diferenças profundas entre o momento do conhecimento teórico dos Programas no referido período estudado.

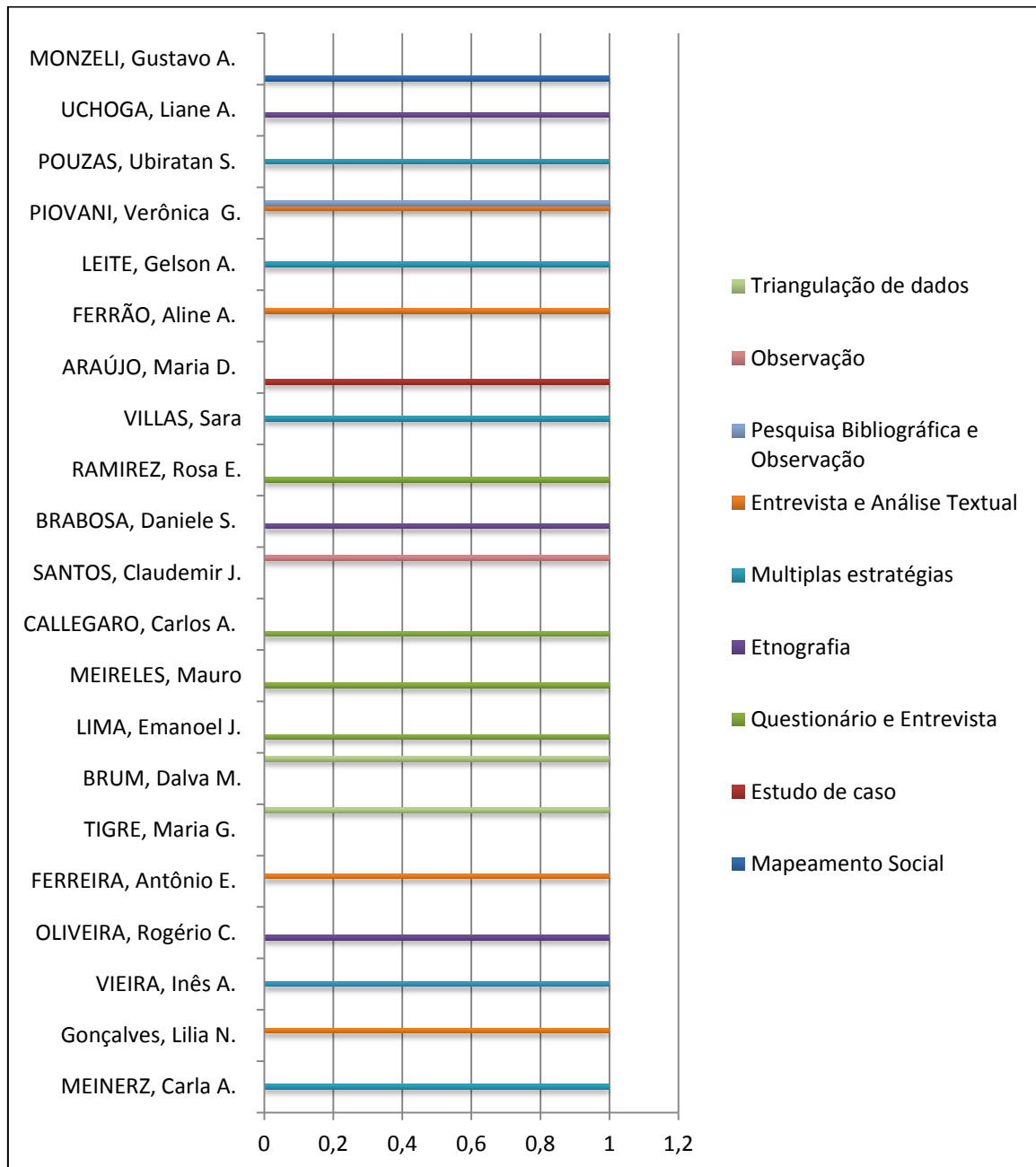
A maioria dos(as) autores(as) descreve os resultados obtidos, a partir de uma triangulação de dados que envolvem observação, aplicação e análise de questionários e análises de entrevistas, mas outras possibilidades metodológicas também foram apresentadas, apesar de muitas vezes apresentarem confusão teórica entre método proposto e metodologia realizada nas pesquisas analisadas.

O problema com a metodologia em teses e Dissertações de Programas de Pós-graduação não é, objetivamente, um dado novo, o Professor Franklin Eduard

Auad Thijm em seu estudo sobre “*O Que Dizem Teses e Dissertações Sobre Relações Raciais em Educação (2004-2013)*”, defendida em 2014, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, já nos sinaliza que as dissertações analisadas em seu trabalho

pouco explicitam claramente o método e os procedimentos metodológicos de pesquisa, a maioria descreve uma análise de dados sem filiação a uma corrente metodológica de pesquisa. O mesmo pode ser dito em relação ao lugar epistemológico, uma vez que é comum encontrarmos trabalhos que recorrem a autores de diferentes correntes teóricas, como as positivistas, as marxistas dialéticas e as fenomenológicas e a conceitos das teorizações pós-críticas, como os de identidade e diferença, com parca preocupação com as ressalvas devidas, tornando discrepantes as abordagens. Este quadro torna-se mais complexo quando da concepção que parecem ter os autores em relação ao método e à metodologia, pois muitas vezes contentam-se em descrever procedimentos de coleta, como entrevistas, observação e aplicação de questionário, como se estivessem falando de método ou metodologias. Isto ocorre ao lado da ausência de clareza quanto aos procedimentos de análise das informações. (TIJHM, 2014, p. 62)

Para melhor compreensão das metodologias presentes nos trabalhos analisados em nossa pesquisa, confeccionamos o **Gráfico 07** onde demonstramos a distribuição dos procedimentos metodológicos que nortearam tais pesquisas.

Gráfico 07: Procedimentos metodológicos utilizados pelos trabalhos analisados.

Fonte: Gráfico elaborado pelo autor, a partir dos dados levantados na bibliografia analisada. 2016.

Como podemos perceber no mapeamento realizado, grande parte dos trabalhos aqui analisados pertencem ao campo da Educação, o que não significa que seus autores sejam docentes da escola básica, como bem nos comprova o **gráfico 03**. Podemos perceber também que a inexistência de teses e dissertações sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica, nos Programas de Pós-graduação da região Norte, entre 2004 e 2013, não reflete a realidade da produção de conhecimento sobre esta temática, pois diversos autores já se preocuparam em

desvendar as realizações deste fenômeno no Brasil e no exterior muito antes do recorte temporal desta pesquisa.

Faz-se necessário destacar a atuação dos cursos de Pós-graduação das regiões sul e sudeste, especificamente das universidades UFSC, UFGS e UFMG na produção de conhecimento científico sobre o fenômeno aqui estudado. É importante também atentar para a não uniformização dos procedimentos utilizados para coleta de dados e análise das informações utilizadas nos trabalhos aqui analisados, pois ainda que identificado uma variedade de procedimentos metodológicos, a observação e a entrevista ainda prevaleciam entre os instrumentos de coleta no campo das investigações acadêmicas no período em que os trabalhos foram realizados e defendidos.

É necessário ainda entender as concepções de “adolescentes” e de “sociabilidade” que nortearam os trabalhos produzidos nos cursos de Pós-Graduação do Brasil, entre 2004 e 2013, e como tais conceitos foram articulados para embasar as diferentes pesquisas. Buscar este entendimento é o que faremos a partir dos próximos subtítulos.

1.3 CONCEPÇÕES DE “ADOLESCENTES” NOS TRABALHOS ENCONTRADOS

Ao pensar em adolescentes, naturalmente podemos nos remeter à noção conceitual de tratar-se de um momento transitório de construção humana, marcada ou não por um “ritual de passagem” da fase da infância para a fase adulta. A própria etimologia da palavra ratifica este pensamento, pois derivada do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), ou seja, “para crescer”, anuncia um período essencial para o crescimento e maturação não apenas biológico e emocional, mas também social (RIBEIRO, 2010).

A adolescência pode ser vista como um período não linear, de fases diferenciadas biológicas e extrabiológicas, que não podem ser classificadas ou determinadas apenas por um período etário entre a infância e a fase adulta (BLOS, 1995). A adolescência, portanto, é a construção de uma nova fase na vida do ser humano, marcada pelo início da individualização e pelas relações de sociabilidades. Nesta fase, deixamos de existir apenas no núcleo familiar e partimos em busca de um lugar na sociedade, nos grupos com os quais nos familiarizamos (MAYER, 2001).

As Teses e Dissertações por nós analisadas, no entanto, apresentam divergências sobre o que seus autores entendem por “adolescentes” e “adolescência”. Essa divergência nos demonstra um descompasso no debate ou no entendimento sobre o conhecimento acerca desta fase do desenvolvimento humano e, como a maioria das pesquisas analisadas pertencem ao campo da educação, isto nos permite inferir que a escola continua desconhecendo seus estudantes e as necessidades educacionais para esta faixa etária.

Destes(as), apenas Meinerz (2005), Ferreira (2012), Tigre (2012), Ferrão (2011), e Santos (2007) demarcam a adolescência a partir da faixa etária prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA⁵⁸, que apresenta o adolescente como aquele pertencente à faixa etária compreendida entre 12 e 18 anos de idade, e concebem o adolescente como sujeitos que não estão apenas “experimentando uma fase da vida que irá passar, mas vivenciando de forma peculiar seus processos indissociáveis de constituição individual e social, seus processos de *identização*” (MEINERZ, 2005, p. 84); vistos como “fruto de uma sociedade, cujos valores foram forjados sem que houvesse um parâmetro para limites” (FERREIRA, 2012, p. 92); e necessitados de um adulto que lhes ofereça “regulação comportamental, sentimentos, postura, entre outras formas de convivência” (SANTOS, 2007, p. 37), para assim, aprenderem “um conjunto de ideias, sentimentos e de práticas comuns indispensáveis” (FERRÃO, 2011, p. 80) e que também encontram nos seus pares “um espaço para expressar emoções, sentimentos, dúvidas e ansiedades e é com eles que aprendem formas de condutas adequadas a sua idade, gênero e condição social” (TIGRE, 2012, p. 156).

Estes(as) autores(as) enfatizam a importância da permanência destes adolescentes na escola e atentam para o papel desta enquanto instituição formativa, sobre as sociabilidades desenvolvidas no interior desta instituição e suas influências no desempenho escolar destes estudantes, pois entendem a escola como espaço social comum voltado não apenas para a escolarização, mas também para as sociabilidades.

58 O Estatuto da Criança e do Adolescente é a legislação responsável por garantir e fazer respeitar a juventude brasileira. É fruto de um processo de luta e mobilização social que envolveu diversos setores da sociedade, que juntos estabeleceram este ordenamento legal que adota a chamada Doutrina da Proteção Integral de crianças e adolescentes brasileiros, concepção inspirada nas bases da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989.

No entanto, autores(as) como Brum (2004), Lima (2005), Callegaro (2007), Barbosa (2007), Villas (2009), Leite (2011) e Pouzas (2012) alocam adolescentes dentro de uma categoria mais ampla e mais genérica: a *juventude*⁵⁹. Esta, por sua vez, é definida nos trabalhos analisados como “grupo de jovens, comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos” (BRUM, 2004, p. 50); como “um momento da vida onde são comuns irrupções violentas” (LIMA, 2005, p. 83); vivência de “diferentes lógicas: família, lazer, cultura, trabalho, etc, podendo assumir diferentes identidades”. (BARBOSA, 2007, p. 17, grifo nosso).

A juventude é tratada ainda como uma “fase de transição entre a infância (a qual se nega) e a fase adulta (a qual ainda não se é)”, ou seja, o sujeito jovem é, invariavelmente, um “vir a ser” (VILLAS, 2009, p. 32). Gelson Leite é o único autor que apresenta a adolescência como fase complementar à juventude, pois ambas constituem uma “fase da vida específica, definida em termos etários, culturais e na relação com a vida adulta” (LEITE, 2011, p. 13); mas que não “define de forma homogênea um grupo de pessoas da mesma ideia” (POUZAS, 2012, p. 29).

Carlos Callegaro por sua vez, ciente das complexidades que envolvem o conceito de juventude, afirma-se capaz apenas de apontar “aproximações sobre juventude e não conceituá-la de maneira definitiva” (CALLEGARO, 2007, p. 31), mas cita o que diz uma corrente do conhecimento existente sobre juventude, ligando-a a uma “cultura juvenil, unitária, específica de uma geração definida em termos etários” (*ibidem*, p. 32).

Na contramão das definições categóricas, identificamos um grupo de autores(as) que apresentam dificuldade em categorizar seus investigados nas categorias adolescentes ou juventude. Neste grupo estão Lília Gonçalves, que, apesar de citar várias vezes no texto a categoria *juventude*, não a conceitua, apenas inicia um breve debate a partir da sugestão de como esta fase de interação pode ser conflituosa por disputas de espaço, no caso investigado, o espaço da música (GONÇALVES, 2007); Inês Vieira (2009) que, por sua vez, define seus investigados apenas como “jogadores de basquete”, porém, mesmo sem demarcá-los jovens ou adolescentes, enfatiza em seu trabalho a disputa de espaço, a competitividade, a

59 O conceito de juventude é utilizado para designar uma condição humana marcada pela heterogeneidade juvenil, plural em situações diversificadoras do “ser jovem”. Este conceito, porém é limitado, devido ao grande número de significação que evoca, o que dificulta limitá-lo à diversidade de vivências jovens ou adolescentes a que o mesmo aparece atrelado nos trabalhos analisados.

constituição de seus sujeitos a partir da influência coletiva e a agressividade resultante das interações competitivas, o que também podemos perceber em outros trabalhos como marca de adolescência ou de juventude.

Também compõe este grupo: Rogério Oliveira (2010), que não conceitua seus investigados, talvez por se tratar de estudantes que estão no limite inicial entre infância e adolescência; porém, enfatiza suas características demarcativas de grupos e identidades e o desinteresse pelas regras como marca desta faixa etária; Mauro Meirelles (2005) que, apesar de citar as categorias *juventude* e *adolescência* em seu trabalho, não aloca seus investigados em nenhuma destas; e Rosa Ramirez nos apresenta seus investigados na categoria *juventude*, porém trabalha sujeitos na faixa etária de 14 a 17 anos, sendo, portanto, mais adequado alocá-los na categoria *adolescentes*.

Outro grupo de autores(as) não categoriza, de forma intencional ou não, os sujeitos que investigam: Maria Araújo (2009), talvez porque se ocupa de temáticas, para ela, mais importantes que entender como estes são constituídos. Verônica Piovani (2012), que os deixa de segundo plano em seu trabalho e privilegia a relação destes com a tecnologia. Liane Uchoga (2012), que, mesmo não categorizando seus sujeitos, investiga como alunos da 7ª Série se sociabilizam entre si nas aulas de Educação Física; e Gustavo Monzeli (2013), que, mesmo sugerindo trabalhar com o conceito de juventude, esta também é deixada em segundo plano, apenas como suporte superficial para os debates levantados sobre gênero e preconceito contra homossexualidades juvenis na escola.

A divergência aparente entre as categorias *adolescentes* e *juventude*, ou a escolha de outras categorias como “alunos” ou “jogadores”, por parte dos(as) autores(as) analisados, nos revelam diferentes entendimentos do contexto social destes(as) autores(as) sobre os sujeitos alvo de suas investigações. Revelam também as diferentes visões políticas e ideológicas dos(as) autores(as) analisados(as) a respeito da fase de desenvolvimento humano compreendida entre a infância e a fase adulta que norteia suas pesquisas (CATANI; GIGLIOTI, 2004; MONZELI, 2013).

Verificamos que uma temática muito comum nos trabalhos analisados é a condição econômica dos adolescentes investigados. Sobre ela, Leite (2011) ocupa-se da investigação exclusiva das relações de sociabilidades de adolescentes de classe média, estudantes de uma escola particular, e como estabelecem suas

relações de sociabilidades não apenas na escola, mas em outros espaços de sociabilidade usuais destes adolescentes como *shoppings*, cinemas e praças de alimentação que aparecem como extensão social de suas sociabilidades que iniciam na escola.

Vieira (2009), Santos (2007) e Ramirez (2008) ocupam-se da investigação das relações de sociabilidades estabelecidas entre estudantes adolescentes de escola particular e estudantes adolescentes de escola pública. Os(as) demais autores(as) ocupam-se de estudantes de classe econômicas mais pobres.

Podemos perceber que o debate apresentado nos trabalhos analisados, apesar de aparentemente divergentes quanto à noção conceitual entre adolescentes e juventude que apresentam, converge para o mesmo problema: a socialização humana de sujeitos em idade escolar e seus problemas. Mesmo respeitando os trabalhos que trabalham o conceito de juventude, adotamos, nesta pesquisa, trabalhar com o conceito de *adolescentes*, por entendermos a adolescência como uma fase constituinte da juventude, marcada não apenas por um período temporal, mas por particularidades significativas e variantes.

1.4 CONCEPÇÕES DE SOCIABILIDADE NORTEADORAS DAS PESQUISAS ANALISADAS

De acordo com a análise dos trabalhos por nós pesquisados, a sociabilidade é apresentada “como relativa às interações que se estabelecem por opção do indivíduo, destacando-se seu aspecto de ludicidade e de espontaneidade” (MEINERZ, 2005, p. 24), e resultante de relações sociais, econômicas, históricas, objetivas (GONÇALVES, 2007, p. 22), que se concretiza no envolvimento de atores sociais em torno de suas realizações conjuntas (VIEIRA, 2009, p. 10), ou seja, a finalidade em se agrupar é a própria relação e a satisfação ocorre ao estabelecer laços que têm em si mesmos a sua razão de ser (CALLEGARO, 2007, p. 60).

O referencial teórico que fundamenta os trabalhos é formado majoritariamente por Georg Simmel⁶⁰ (1983), Juarez Dayrell⁶¹ (2005), Anthony Giddens⁶² (2005), e

60 Estudou História e Filosofia na Universidade de Berlim e é Considerado pai da Sociologia Formal ou Sociologia das Formas Sociais. Preocupou-se em descobrir os padrões de interação que subjazem às formações sociais mais latas (num registo a que hoje chamaríamos "microsociologia"), além de ocupar-se das funções do conflito na sociedade, considerando-o uma força mais construtiva do que destrutiva. ([http://www.infopedia.pt/\\$georg-simmel](http://www.infopedia.pt/$georg-simmel)).

Bernard Lahire⁶³ (1997). Este último especificamente trabalhando a relação estabelecida entre estudantes de origem popular, a escola, os fatores que o conduzem ao fracasso e ao sucesso escolar.

É importante destacar, porém, um referencial teórico suplementar, dedicado ao estudo detido sobre processos de sociabilidade na atualidade, apresentado por Villas (2009, p. 26), composto por Costa *et al* (1990), Heran (1988), Santos (1994), em termos quantitativos; e Abrantes (2003), Barbosa (2007), Forsé (1991), Dias; Lopes(1996); Lopes (1997), Pais (1990), Santos (1994), em termos qualitativos; porém,

Apesar de todas as constatações, são ainda poucas e recentes as pesquisas que procuram investigar as relações sociais na escola (especialmente aquelas que envolvemos padrões culturais dos alunos), apesar da velha advertência de Candido (1978) de que os estudos sobre a escola deveriam levar em conta as “tendências da sociabilidade infantil e juvenil”, em outras palavras, esse campo de luta travada pelas “gerações” no interior da escola que, aparentemente, pode não ser ostensivo, “mas nem por isso menos vivo e, a seu modo, dramático”. (ARAÚJO, 2009, p. 33).

Autores como Meinerz (2005), Gonçalves (2007), Callegaro (2007), Barbosa (2007), Vieira (2009), Villas (2009), Ferrão (2011), Leite (2011), Pouzas (2012), defendem o conceito de sociabilidade atrelado ao envolvimento de indivíduos ligados por uma motivação autônoma (que pode ser positiva ou negativa) e lúdica realizada conjuntamente para a formação social; ou seja,

(...) tudo o que está presente nos indivíduos (que são dados de qualquer realidade histórica), sob forma de impulsos e interesses, propósito, inclinação, estado psíquico movimento – tudo o que está presente neles, de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer de sociação. Em si mesmas essas matérias, com as quais a vida é preenchida, as motivações que as impulsionam não são sociais. Estritamente falando, nem fome, nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados da inteligência são sociais. São fatores de

61 Formado em Sociologia, vem desenvolvendo pesquisas na área da Sociologia, com ênfase nos temas da juventude, cultura e educação. (<https://sites.google.com/site/posfaejuarezdayrell/>).

62 Sociólogo britânico, renomado por sua Teoria da estruturação, é considerado por muitos como o mais importante filósofo social inglês contemporâneo. Influenciado principalmente por Pierre Bourdieu, Ulrich Beck, Émile Durkheim, suas principais obras discorrem sobre temas contemporâneos, apresentando a reflexividade como importante no desenvolvimento do *self*. Também explorou os problemas da análise de classes, o impacto dos conflitos internacionais nas relações sociais e a sociologia das emoções. ([http://www.infopedia.pt/\\$anthony-giddens](http://www.infopedia.pt/$anthony-giddens)).

63 Formado em Sociologia pela Universidade de Lion, o tema central de suas pesquisas é processo de socialização, a sociologia das disposições sociais e culturais, eixos temáticos que proporcionam maior fundamentação para se discutir a sociologia da educação e a sociologia da cultura. (SETTON, 2009, p. 298).

sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – as formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. (SIMMEL, 1983, p. 166).

No tocante ao ambiente escolar, os autores entendem a escola como um espaço de sociabilidade, “como categoria que complementa a socialização” (CALLEGARO, 2007, p. 16), que “pode muitas vezes funcionar como um espaço de ampliação de sociabilidade” (BARBOSA, 2007, p. 89), pois constitui-se um dos “principais locais de convívio entre os adolescentes, ambiente de múltiplas relações, de comunicação e de troca (VILLAS, 2009, p. 18), ou seja, a escola é um local de “encontros e desencontros, buscas e perdas, descobertas e encobrimentos, de vida e negação da vida” (OLIVEIRA, 2010, p. 54); “permeada de saberes que estão para além de seus muros, paredes e projetos pedagógicos e por ações e movimentos que ultrapassam o esperado pela instituição” (MEINERZ, 2005, p.20); dentro de “um cotidiano organizado e hierarquizado, no qual cabe a cada um dos que ali convivem uma função e um papel (professores, alunos e funcionários) (BRUM, 2004, p. 14).

A escola é tradicionalmente considerada como instituição socializadora (MEINERZ, 2005). Além de compor um lugar de ensino e aprendizado de conteúdos, é também um espaço efetivo de interação social (GONÇALVES, 2007), onde ocorrem diferenciadas redes de sociabilidade em busca de compartilhamento de momentos lúdicos com os amigos no cotidiano escolar (BARBOSA, 2007). No entanto, grande parte dos estudantes apresenta insatisfação em estudar e despreocupação com sua formação, “encarando a escola mais como um ponto de encontro com os amigos e menos como um espaço para desenvolver conhecimentos, habilidades e experiências” (RAMIREZ, 2008, p. 13).

A escola, portanto, é evidenciada nos trabalhos analisados como um espaço formativo que desenvolve, paralelamente à sua função originária, as relações de sociabilidade de seus estudantes, o que nos revela uma ressignificação desta instituição, fazendo com que estudantes adolescentes prefiram a socialização com seus pares a frequentar a sala de aula, passando a privilegiar outros espaços, como os pátios escolares, por exemplo, e transformando a escola em espaço cada vez mais valorizado para a realização de interações meramente sociais em detrimento de suas relações formativas.

[..] em relação a seus pares, no pátio, demonstram uma grande capacidade agregadora e o surgimento de formas de sociabilidade instituintes de

processos de identificação. Eles se encontram fora da sala de aula para conversar, para namorar, para brigar, e nesses laços sociais são definidos e definem-se a si mesmos diante de seus pares e diante dos adultos. (MEINERS, 2005, p.106).

Nesses espaços de sociabilidade, há regras em jogo, compreendidas pelos alunos, em que cada grupo se reúne com os seus pares em determinado local. Fica clara, então, a relação existente entre a sociabilidade juvenil e o intervalo de recreio, a saída da escola, quando os jovens podem estreitar laços de amizades vindos da sala de aula e quando podem iniciar amizades, levadas para a sala de aula. (LEITE, 2011, p. 95)

Um grupo de autores(as) formado por MEINERZ (2006), MEIRELLES (2005), BARBOSA (2007) e MONZELI (2013) investiga a preferência de estudantes adolescentes por lugares ou espaços não formativos dentro da escola, ou seja, pátios, quadras, banheiros etc. Lugares privilegiados pelos estudantes, para desenvolverem suas sociabilidades enquanto a sala de aula acaba renegada a um espaço figurativo, o que pode revelar que há algo de errado na Escola Básica brasileira.

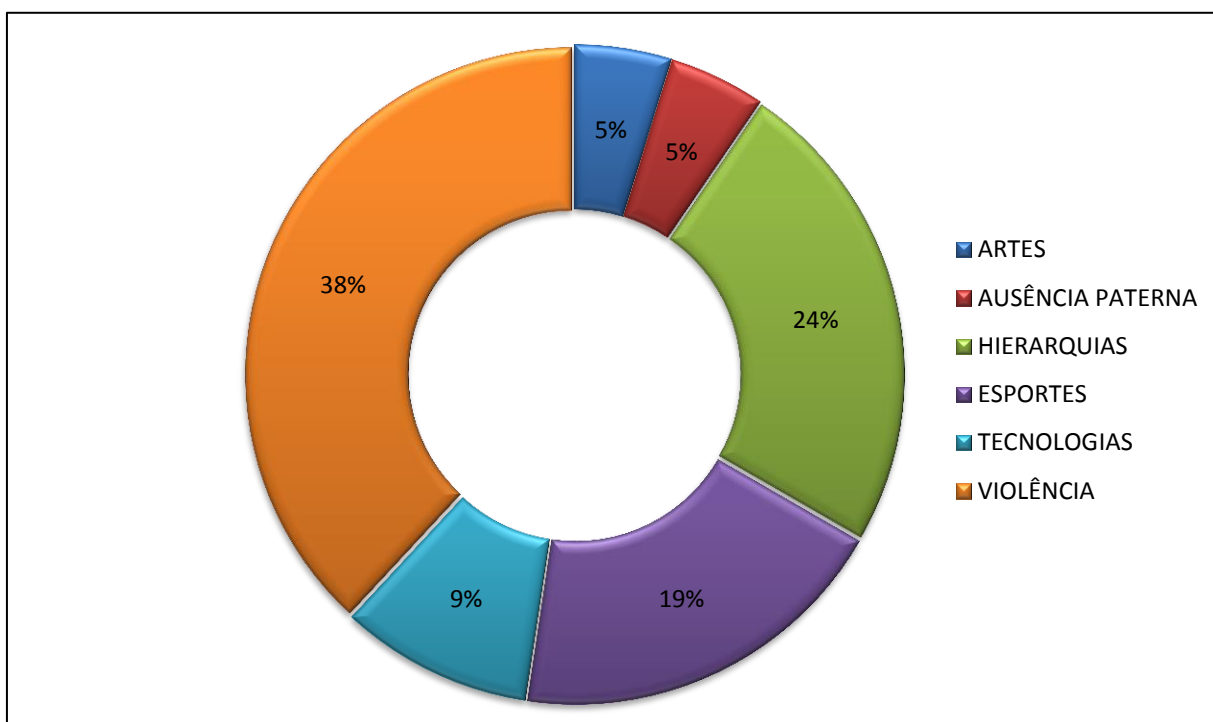
Estes(as) autores(as) nos sugerem que a escola deveria também apropriar-se desses momentos de sociabilidade entre os estudantes para desenvolver nos diferentes grupos de estudantes o sentimento de tolerância ao diferente, à diversidade presente na escola, principalmente quando falamos em práticas de Educação Física e em jogos escolares (VIEIRA, 2009), sobre violência, seja ela física (LIMA, 2005; FERRÃO, 2011; FERREIRA, 2012; TIGRE, 2013; MONZELI, 2013) ou simbólica (BRUM, 2004; ARAÚJO, 2009; UCHOGA, 2012), que permeiam o cotidiano escolar, influenciando diretamente nas relações de sociabilidade entre estudantes adolescentes, enquanto

A escola se sente impotente por não saber que atitudes tomar, por desconhecer a sua dinâmica e por não compreender o modo como os sujeitos jovens vêm vivenciando essa etapa da vida na contemporaneidade. Na mesma medida em que os profissionais que nela atuam não reconhecem que a escola não apenas reproduz as experiências de opressão e violências advindas do plano macroestrutural, mas também produz sua própria violência e sua própria indisciplina no plano microestrutural. (TIGRE, 2013, p. 20).

Os trabalhos analisados nos indicam alguns dos agentes motivadores das relações de sociabilidades estabelecidas entre os(as) adolescentes neles investigados(as). **O gráfico 08** apresenta estes agentes, dentre os quais, destaca-se a violência como determinante entre as relações de sociabilidades analisadas,

seguida pelas relações estabelecidas durante as práticas esportivas e em meio às hierarquias presentes na própria escola.

Gráfico 08: Categorias apontadas como influenciadoras das Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica.



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da Bibliografia Analisada. 2016.

Como podemos observar, a violência aparece como agente principal de realização das sociabilidades na Escola Básica e nos alerta para a necessidade de uma ação efetiva da escola no sentido de combatê-la, em todas as suas realizações: contra escola (através de danificação de equipamentos, móveis e estruturas físicas), entre os adolescentes (agressões físicas e verbais mútuas); e em sua versão simbólica (através de discriminações sociais e raciais, abusos de autoridade e de poder) (FERRÃO, 2011).

Diante desta exposição, é possível perceber que a escola é um território que pode abrigar inúmeros tipos de violência, algumas podem ter uma origem externa à instituição e outras podem surgir a partir de práticas sociais enraizadas na dinâmica escolar. Assim a instituição de ensino pode ser atingida pela violência urbana e/ou ser a origem do mesmo fenômeno. (FERRÃO, 2011, p. 22).

Ainda que a violência esteja diretamente relacionada às sociabilidades adolescentes investigadas nos trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2004 a 2013, outras categorias também foram apontadas como influenciadoras destas sociabilidades: as hierarquias escolares (BRUM, 2004; RAMIREZ, 2008; ARAÚJO, 2009; UCHOGA, 2012); a ausência paterna (FERREIRA, 2012) ambas relacionadas à violência simbólica e física, respectivamente; os Esportes (SANTOS, 2007; VIEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2010); e aqui incluo também o lazer estudado por POUZAS (2012); as tecnologias (MEIRELLES, 2005; PIOVANI, 2012); e as artes (GONÇALVES, 2007) .

As hierarquias presentes na escola apontam o espaço escolar como um espaço não neutro, “carregado de símbolos, signos e pistas que nos possibilitam perceber as relações sociais existentes entre aqueles/as que ali habitam” (BRUM, 2004, p. 77). Estas hierarquias são exercitadas cotidianamente e ocupam um lugar central na formação de subjetividades que ditam comportamentos e adequações a modelos privilegiados pela reprodução de representações que ratificam preconceitos de ordem racista, de gênero, homofóbico, econômico, onde o outro, o estranho não é ouvido, pois a escola

como espaço de socialização, contribui na formação de políticas culturais ou reforçam essa cultura adultocêntrica, os jovens nela inseridos estão submetidos a uma condição de desigualdade quando suas falas não são audíveis, suas expressões não são reconhecidas, seu estilo de vida é desvalorizado. (BRUM, 2004, p. 107).

Em contextos específicos, os padrões culturais expressos por condutas hierárquicas, como a citada por Araújo (2009), de crianças faveladas que estão iniciando o ensino fundamental no lar e no ambiente social próximo (vizinhança), os padrões que lhes são apresentados no contexto escolar influenciam diretamente sobre as aproximações e diferenciações vivenciadas entre estes e o currículo escolar, sendo ainda mais destoante quando relacionamos estas vivências aos capitais sociais dos professores.

Nesse sentido, parece-nos que, tratar essa população como relativamente homogênea pode nos levar a equívocos de análise. Se for verdade que, estatisticamente, há muito em comum entre sujeitos oriundos do mesmo espaço social, como o da favela, por outro, se formos levados a investigar processos mais sutis e singulares, esta pesquisa pode oferecer, também, alguns elementos que demonstram a existência de hierarquização social

que se reflete na incorporação desse alunado pela escola. (ARAÚJO, 2009, p. 119).

Outra forma de hierarquia acontece em relação à categoria de gênero, norteada ainda pela noção de superioridade do gênero masculino sobre o feminino, manifestado de forma mais latente durante as aulas de Educação Física⁶⁴, onde os modos de participação e aprendizagem de meninos e meninas, assim como a noção das diferenças biológicas dos gêneros, podem interferir na diversificação de conteúdos desta disciplina, além de determinar a participação distinta dos gêneros em atividades distintas, assegurando, de forma sutil, ao gênero masculino a liderança nas atividades mistas, principalmente no que diz respeito aos jogos e aos esportes coletivos.

Essas brincadeiras e jogos distintos realizados por meninos e meninas – nas quais o futebol ainda acaba sendo espaço predominantemente masculino – demonstram como as habilidades corporais são marcadas por construções de gênero, uma vez que essas construções atrelam as brincadeiras como sendo masculinas e femininas. Assim, nessas diferentes brincadeiras os corpos e habilidades vão se desenvolvendo de maneiras diferentes para um e outro gênero. (UCHOGA, 2012, p. 56).

O gênero, portanto, demarca uma barreira social ligada ao conceito de sociabilidade, à noção de conflito e à noção de cooperação, e atenta, ainda, para a interferência do currículo da disciplina como influenciador das relações estabelecidas entre meninos e meninas nas aulas.

Nesse sentido, gênero parece ser a primeira categoria atuante na expectativa de aprendizagem e envolvimento com os conteúdos, sobrepondo-se até mesmo à habilidade corporal, dado que esta é atribuída aos meninos antes mesmo de ser observada na prática. Por exemplo, antes mesmo que tais habilidades sejam adquiridas de fato, já se espera ou atribui que o masculino tem mais legitimidade e sucesso num jogo, na execução de um movimento ginástico ou para pegar a bola que cai em algum lugar de difícil acesso (como o telhado da escola). Assim, nesses exemplos, a expectativa de gênero legítima que o masculino tenha mais oportunidades de acesso e desenvolvimento de habilidades corporais diversas. Tal expectativa não está posta, *a priori*, para o feminino. (UCHOGA, 2012, p. 76).

⁶⁴ Sobre gênero e Educação Física ver os estudos da Professora Dra. Helena Altmann: ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. 1998. 111f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1998; ALTMANN, Helena et al. **Educação Física escolar e igualdade de gênero**: um estudo transcultural. Campinas: Relatório de Pesquisa Brasil-espanha, 2011. 179 p.; ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; FRANCO, Sílvia Cristina. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 02, p.491-501, maio/ago. 2011; e ALTMANN, Helena. **Educação Física Escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

Outro influenciador das sociabilidades apontado no mapeamento realizado remete ainda à violência, porém com um motivo específico que a origina: a ausência da figura paterna (FERREIRA, 2012). Neste caso, o problema surge de vias externas à escola, mas suas consequências se materializam no ambiente escolar.

Segundo apresentado por Ferreira (2012), a ausência de autoridade, da “castração simbólica” (ibidem, p. 65) pode deixar o adolescente fora de ordem e sem limites, o que exacerba o narcisismo destes que, sem controle de satisfação egóica, e totalmente avesso a qualquer agente de autoridade, pode resultar em violência direta contra estes agentes, o que vem acontecendo de forma cada vez mais banalizada na sociedade moderna.

A liberdade exacerbada do adolescente, ocasionada pela ausência paterna, teoricamente, pode conduzi-lo a uma visão deturbada da realidade e da própria imagem, levando-os ao entendimento equivocado que podem tudo e que todos devem obedecê-lo (FERREIRA, 2012), não admitindo, portanto, contrariedades. “Neste sentido a violência seria uma forma de vingança dos adolescentes, no espaço escolar e familiar, em função de uma quebra de acordo” (idem, p. 111). Trata-se de uma manifestação de poder, de conquistar e assegurar um lugar de dominante sobre os dominados.

Ao tratarmos sobre lugar social, sobre dominantes e dominados, falamos das relações de hierarquias existentes na escola, relações estas que podem influenciar as relações de sociabilidade de seus estudantes em diversos contextos, dentre eles os momentos de práticas de Esporte (SANTOS, 2007; VIEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2010), e aqui incluo também o lazer (POUZAS, 2012), apontado como um elemento socializante que requer cooperação entre os participantes para obter êxito no combate entre equipes.

Como exemplo de sociabilidades nas práticas de esportivas, citamos a pesquisa de Vieira (2009), que nos apresenta como a sociabilidade acontece nos jogos de basquete.

No desempenho cotidiano da sua prática, os jogadores de basquete buscam legitimar a ideia de que a disputa requer cooperação entre os integrantes do grupo, para que haja o confronto de equipes. Trata-se de um jogo norteador por um forte ideário de união e *cooperação* entre seus participantes, enfatizando-se, simultaneamente, a ideia de *competição regrada*, instituída através de uma sociabilidade específica, que se apresenta na própria dinâmica desse esporte. Vale ressaltar que, na prática

do basquete, constantemente, é ensinado aos atletas que eles devem privilegiar a ação conjunta do time, a ação do coletivo, sem, no entanto, perder a individualidade das jogadas. (VIEIRA, 2009, p. 09).

Nossa análise sobre este trabalho nos permite afirmar que a sociabilidade no “mundo do basquete”, ao se materializar no ambiente escolar, assume função pedagógica e deixa a técnica e a competição em segundo plano, porém isto não afasta a forma como o esporte é encarado por seus praticantes e a importância da cooperação mútua em suas partidas (op. cit.). A sociabilidade, aqui, acontece de forma cooperativa, porém o autor relata a ocorrência de “alterações” de humor quando praticado em situações competitivas.

Santos (2007) também aborda a sociabilidade pela ótica do esporte, especificamente em aulas de futebol, porém, diferentemente do ensino do basquete citado por Vieira (2009), investiga a realização das sociabilidades adolescentes em aulas de futebol de uma escolinha do bairro Selmi-Dei, escola que, mesmo situada em um bairro de trabalhadores, possui um modo de seleção marcado por relações de poder que diferenciam alguns em detrimento de outros; a escola Yolanda que funciona em terreno baldio particular, cedido em caráter temporário, sem estrutura mínima necessária para a prática esportiva, por isso considerada a vergonha do projeto, o que resulta certos estigmas contra ela e seus integrantes.

A partir desta sociabilidade tecida no espaço das “escolinhas”, tendo o futebol como pano de fundo, alguns jovens trocam significados e ampliam seu universo social, elaborando, de forma singular, sua inserção na sociedade. Na verdade, jogar bola está no domínio da sociabilidade mais imediata desses garotos: em casa, na vizinhança e na escola: o que a “escolinha” faz é promover o futebol à instituição, trazendo precocemente alguns valores para dentro do domínio lúdico infantil, tais como valores do trabalho e todo o corolário que isso representa. (SANTOS, 2007, p. 62).

Na realização do esporte, tanto nas escolas particulares, como nas vinculadas às escolas públicas, nota-se que a condição econômica surge como determinante de relações de poder entre os adolescentes que frequentam as aulas de futebol, “operando um complexo sistema de símbolos e práticas capazes de marginalizar e estigmatizar os demais” (SANTOS, 2007, p. 48), reforçando, assim, as hierarquias no ambiente escolar.

Ainda sobre as sociabilidades adolescentes no esporte, Oliveira (2010) defende as aulas de Educação Física como “um momento particular de sociabilidade do aluno em que há a possibilidade de viver outras relações na escola, que não

aquelas moldadas pela rotina dos livros, cálculos, lições etc” (OLIVEIRA, 2010, p. 136).

a “periferia” da quadra permitia a existência de uma rede de sociabilidade que se configurava durante as aulas de EF, sendo extensão dos tempos menos rígidos da Escola, como o recreio e a entrada dos alunos, caracterizada por um contato direto e livre com os colegas. Livre de uma sala de aula com mesas e cadeiras que, no máximo, permitem a relação com três ou quatro colegas; de quatro paredes e uma lousa que direcionam a atenção apenas para um lugar, e; da relação com o professor de forma centralizada e vertical, uma vez que a maior parte do tempo passado em sala de aula os alunos estão sentados em fileiras e os professores em pé ministrando a aula à frente da sala. (OLIVEIRA, 2010, p. 136).

Segundo nosso mapeamento, a presença das hierarquias é tão forte entre os(as) adolescentes que, mesmo em situações de ludicidade elas determinam seus atos, suas aproximações e afastamentos. Ao procurar o lazer na periferia da quadra, os estudantes estabelecem uma ressignificação do espaço e assumem, ao menos por um momento, a centralidade de sua formação, deixando de lado a tradicional estrutura escolar e a figura do professor (POUZAS, 2012).

O lazer constitui-se um momento privilegiado de práticas, quando também se verificam representações simbólicas que determinam as relações sociais no cotidiano dos(as) adolescentes. Representa, pois, um espaço de liberdade, mas também pode ser utilizado para reforçar injustiças, alienações e opressões sociais ratificadas tanto pela sociedade, quanto pelas tensões e contradições que permeiam a escola enquanto instituição socializadora e formativa de identidades jovens.

Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. (POUZAS, 2012, p. 30).

Tanto o esporte, como a negação dele, e o lazer podem ser bons exemplos de realização de sociabilidade adolescente na Escola Básica, porém, também podem representar pretextos para a ratificação e reprodução das relações de poder existentes entre as relações de sociabilidades mantidas no ambiente escolar.

Prosseguindo em nossa análise, outra categoria apontada como interferente nas relações de sociabilidade na Escola Básica é a tecnologia (MEIRELLES, 2005; PIOVANI, 2012), mais especificamente o uso da tecnologia como instrumento de sociabilidades.

O uso da rede de computadores como elemento pedagógico e sua influência no estabelecimento de relações de sociabilidade entre alunos brasileiros e uruguaios, a partir da perspectiva dos “Jogos Culturais”, foi alvo da pesquisa realizada por Piovani (2012). A autora analisou o intercâmbio das atividades entre os alunos dos dois países, com a intenção de ampliar o conhecimento da cultura dos mesmos, especificamente da cultura corporal, fundamentando-se na Pedagogia de Freinet⁶⁵ e a Mídia-Educação⁶⁶.

Apesar do foco central desta pesquisa ser a tecnologia, o lazer surge como elemento de integração entre os estudantes investigados, afinal, a pesquisa é do campo da Educação Física, cujo lazer é conteúdo obrigatório, logo, ele também acontecerá de forma pedagógica, apoiado em uma intenção curricular e realizado através de jogos culturais, onde

o grupo de regras de jogos disponíveis para os participantes de uma sociedade, constitui sua cultura lúdica e as regras que um indivíduo conhece compõem sua própria cultura lúdica. Esta, não é um bloco único, senão um conjunto vivo, diversificado conforme os indivíduos e os grupos, em função dos hábitos de jogo, das condições climáticas ou espaciais. Na estratégia utilizada, se valorizou o jogo tradicional infantil, como representante dessa cultura lúdica, a qual é integrante da cultura corporal de movimento e se constitui como conteúdo da EF escolar. (PIOVANI, 2012, p. 40).

⁶⁵ Celestin Freinet foi um pedagogo anarquista francês, nascido em 1896, em Gars, povoado na região da Provence, sul da França. Começou a lecionar em 1920, na aldeia de Bar-sur-Loup, onde pôs em prática alguns de seus principais experimentos, como a aula-passeio e o livro da vida e em 1935 construiu sua própria escola onde pode desenvolver livremente seu pensamento pedagógico de instituir uma escola moderna e democrática, a partir da maneira de pensar da criança e de como ela constrói o seu conhecimento. As ideias de Freinet tornaram-se tão difundidas entre educadores que muitos até hoje as utilizam mesmo que desconheçam a obra do autor ou que nunca se quer tenham ouvido falar no mesmo; é o caso das aulas-passeio (ou estudos de campo), dos cantinhos pedagógicos, o jornal de classe e da troca de correspondência entre escolas. Propostas ainda atuais no cotidiano de muitas escolas mundo a fora. Dentre suas principais obras figuram: FREINET, Conselho aos Pais (1974); O Jornal Escolar (1974); As Técnicas Freinet da Escola Moderna (1975); O Método Natural I, II e III- A aprendizagem da Língua (1977); Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular (1996); A Saúde Mental da Criança (1978); Pedagogia do Bom Senso (1996); Educação pelo trabalho (1998); dentre outros.

⁶⁶ Evelyne Bévort e Maria Luiza Belloni, em artigo sobre a temática (2009) afirmam que a Mídia-educação é um campo do pensamento científico que utiliza-se dos processos de socialização das novas gerações, através do qual se produz, reproduz e compartilha culturas e hierarquias desempenhando, assim, papéis determinantes na constituição dos indivíduos modernos, atuando em muitas esferas da vida social, influenciando nas afetividades, no controle social, na politização ou alienação da população, no ensino e na aprendizagem de conhecimentos e informações. Atuam, portanto, como agentes ou instituições de socialização, o que justifica sua presença nos currículos da formação inicial e continuada de professores e demais profissionais da educação. .

A ênfase das proposições desta autora, no entanto, não está no intercâmbio-cultural dos alunos, mas na necessidade das políticas públicas, vinculadas à inclusão das tecnologias na educação, principalmente no tocante à formação inicial e continuada dos professores de Educação Física, orientada nas práticas pedagógicas e metodológicas, para o uso das tecnologias nas suas propostas de ensino. A sociabilidade tornou-se pretexto para um trabalho com o meio digital e não nos revela como este reflete na formação das redes de sociabilidades dos estudantes investigados.

Meirelles (2005) também relaciona a tecnologia às sociabilidades de estudantes de Escola Básica, porém, diferentemente de Piovani que, indiretamente considera os estudantes detentores do mesmo conhecimento digital; estabelece de imediato uma relação de poder entre aqueles que possuem “fluência digital” e os que não a possuem. Esta fluência está ligada ao capital econômico destes estudantes e às suas diferentes condições de acesso e utilização de computadores, conectividade e sociabilidade (MEIRELLES, 2005).

(...) a partir da observação dos colegas e de sua interação nos diferentes ambientes com o uso de diferentes aplicativos e hardwares percebi que a fluência com tecnologias da informação não pode em si englobar todas as pessoas que com ela interagem ou fazem uso nos moldes de uma teoria geral. Mas sim, que esta, tem gradações, exigindo de cada indivíduo diferentes conhecimentos, competências e habilidades. (MEIRELLES, 2005, p. 24).

Enquanto Piovani utiliza a tecnologia como suporte de uma atividade lúdica, Meirelles a utiliza como medidor de uma competência a qual apresenta como “fluência digital”. Ambos os trabalhos não consideram diretamente a influência do capital social e econômico dos estudantes participantes de suas pesquisas, o que pode prejudicar o entendimento global de como se corporificam as relações de poder nas escolas investigadas.

A última categoria apontada como influenciadora das sociabilidades adolescentes na Escola Básica é a arte, aqui representada pelo trabalho de Gonçalves (2007). Para esta autora, a escola alvo de investigação de sua pesquisa é pública, tradicional e especializada em Música. Mais que uma escola, é um espaço de encontro na cidade e tinha um papel importante na organização e manutenção das tradições das festas e comemorações cívicas locais (GONÇALVES, 2007).

A escola era um lugar para se ensinar e aprender, mas também um espaço efetivo de interação social na cidade e de interação pedagógico-musical. A música estava presente no currículo e em vários momentos da vida escolar: na aula de música, nos ensaios para apresentações, nas atividades musicais curriculares e extracurriculares como corais, fanfarras, bandas e conjuntos orquestrais. (op. cit, p.155).

A música aparece como motivo para a sociabilidade, e a escola era um lugar de frequência social e musical, onde estudantes realizavam trocas de aprendizagens conjuntas permeadas por hierarquias simbólicas, onde aquele que domina a técnica privilegiada ensina aquele que não a possui e o auxilia a atingir um lugar social oportunizado pela vontade e pela necessidade dos estudantes de estar em/na sociedade local (GONÇALVES, 2007).

É importante salientar que para Gonçalves (2007) o conceito de sociabilidade aparece atrelado ao desenvolvimento humano (p. 6), à exclusão social (p.37) e ao exercício das potencialidades humanas (p.40) sem, contudo, desenvolver suas inflexões a respeito destas afirmações.

Atentamos para as pesquisas que se apoiam na categoria das sociabilidades para tratar de outros temas, os que tentam relacionar sociabilidade e tecnologias, mas não fundamentam nenhuma das duas categorias; abordam apenas o meio digital, sem deixar claro como este se reflete no cotidiano de seus agentes, se os estudantes dominam a linguagem digital e as hierarquias que determinam as relações de poder que resultam em aproximações e os afastamentos sociais e virtuais.

Podemos perceber nos dados apresentados que a pesquisa sobre sociabilidades adolescentes neste período apresentava divergências de entendimento a respeito das categorias *adolescentes* e *juventudes*, o que nos permitiu dividi-los em dois grandes grupos de estudo. De modo geral, os estudos sobre sociabilidades adolescentes, defendidos no período simbólico de 2004 a 2013, não respondem de forma objetiva como as sociabilidades estudadas podem determinar a maneira a forma e o motivo que os(as) estudantes investigados se agrupam durante as atividades escolares, ou o motivo pelo qual se afastam delas; e, principalmente, ignoram como a escola atua neste processo.

Em nossa próxima seção, nos aprofundaremos nas mensagens verbalizadas nos trabalhos estudados, isto é, nas mensagens presentes nas entrelinhas dos textos selecionados; ocuparemos-nos dos temas relacionados às sociabilidades adolescentes e das contribuições destas pesquisas para a formação docente; além

de apontar as lacunas existentes nesta produção buscando assim, indicar possíveis caminhos de investigações futuras neste campo.

SEÇÃO II

SOCIABILIDADES E ESCOLA BÁSICA: ENTRELINHAS

Na seção anterior, detivemo-nos na apresentação de teses e dissertações produzidas nos Programas de Pós-graduação brasileiros, especificamente no período simbólico compreendido entre 2004 e 2013, os debates levantados e suas contradições.

A partir desta seção, o foco está na identificação das mensagens ocultas nos textos estudados, ou seja, procuramos as mensagens não verbalizadas ou “não ditas”, constantes nestes trabalhos. Identificá-las nos permitem localizar o caminho das pesquisas no campo acadêmico de tais programas, neste período, principalmente no que se refere à temática das Sociabilidades Adolescentes e sobre a Escola Básica, o modelo representado nas entrelinhas das mensagens e a relação cotidiana que a escola estabelece com seus(as) estudantes.

2.1. O QUE DIZEM AS TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS, NO PERÍODO DE 2004 A 2013?

A seguir, apresentamos, baseados nas orientações de Bardin (2011), quadros matriciais com as mensagens identificadas no conteúdo das teses e Dissertações analisadas, onde retratamos o agrupamento de temas correntes à categoria “sociabilidades adolescentes” estudados nos Programas de Pós-graduação brasileiros, no período simbólico de 2004 a 2013.

O título e a definição das categorias foram definidos tomando-se como base os objetivos de cada trabalho e a mensagem dos textos analisados, preservando, na íntegra, a mensagem expressa nas Teses e Dissertações. Tais verbalizações nos permitiram refletir sobre as ideologias que permeavam a pesquisa nos Cursos de Pós-graduação brasileiros no período de 2004 a 2013; em especial sobre a temática das Sociabilidades Adolescentes no campo educacional e sobre os conflitos que permeiam as vivências adolescentes na Escola Básica.

Para compreender o que se passa em lugares como estabelecimentos escolares, que aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem, não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente. É necessário também confrontá-los como

eles o são na realidade, não para os relativizar, deixando jogar até o infinito o jogo das imagens cruzadas, mas, ao contrário, para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta do confronto de visões de mundo diferentes ou antagônicas: isto é, em certos casos, o trágico que nasce do confronto sem concessão nem compromisso possível de pontos de vista incompatíveis, porque igualmente fundados em razão social (BOURDIEU, 1988, p.11)

Tanto as verbalizações destacadas quanto o mapeamento aqui apresentado nos permitem apontar os saberes privilegiados em tais programas, a partir da análise do conteúdo presente nos debates sobre Sociabilidades Adolescentes abordados nas Teses e Dissertações defendidas nos programas de Pós-graduação brasileiros, no recorte temporal aqui privilegiado, onde nos apontam não só o conceito privilegiado de sociabilidades adolescentes, ver **quadro 02**, ao qual, ressaltamos a influência de Simmel (1983) como referencial teórico mais utilizado pelos autores, o que nos remete ao entendimento deste conceito como um processo de interação social, linguístico e semântico, inerente aos seres humanos e como tal, influenciável pelos diferentes momentos históricos e sociais em que ocorrem, podendo resultar em influencia, direta ou não, no engendramento de hierarquias sociais que podem mediar ou influenciar outros a um “molde” uniformizado e valorizado, ou permitir-se moldar, por hierarquias diferentes que remetam aceitação, identificação e a sensação de pertencimento a determinado(s) grupo(s).

Quadro 02: conceito relacionado às “Sociabilidades Adolescentes”, privilegiado nos trabalhos analisados.

Categoria: Sociabilidades Adolescentes
<p>Definição: (...) tudo o que está presente nos indivíduos (que são dados de qualquer realidade histórica), sob forma de impulsos e interesses, propósito, inclinação, estado psíquico movimento – tudo o que está presente neles, de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer de sociação. Em si mesmas essas matérias, com as quais é a vida é preenchida, as motivações que as impulsionam não são sociais. Estritamente falando, nem fome, nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados da inteligência são sociais. São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – as formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. (SIMMEL, 1983, p. 166).</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia examinada, 2016.

As Teses e Dissertações analisadas também nos apontam o lugar dos adolescentes na pesquisa científica no campo da Educação no mesmo período simbólico, especialmente no que tange a suas sociabilidades dentro e fora da Escola Básica brasileira, com ênfase para os processos que contribuem para aprimorar a interação e as relações afetivas destes dentro da escola, como podemos verificar no **quadro 03**.

Quadro 03: Quadro Matricial das categorias relacionadas às “Sociabilidades Adolescentes”: Formação de Professores; e Práticas Pedagógicas.⁶⁷

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Formação de professores	T2: Como a proposta inicial de que essa escola participaria na formação de músicos na cidade não foi adiante, coube ao Maestro barraca também ser o “professor”, daqueles que queriam, por ventura, se tornar músicos da banda (p. 101).
Prática pedagógica	<p>Ƴ3: Na escola, o treino de basquete corresponde à aula de Educação Física (p. 62)</p> <p>T4: é inconcebível uma prática docente em EF que não considere todos os alunos e suas diferenças (p.28-9).</p> <p>T4: Enfim, mesmo que minha prática docente fizesse o esforço de não permitir alunos na “periferia” da quadra, de alguma forma, quase que inevitavelmente, alguns ainda insistiam em povoá-la, fruto de rótulos, discriminações, falta de interesse e de uma compreensão reducionista do outro (p.34)</p> <p>D5: A aprendizagem do futebol está diretamente ligada ao modo específico de transmissão de conhecimento prático, derivado de específico processo histórico (p.24)</p> <p>D12: Todo o descritivo evidencia a necessidade da intervenção pedagógica dos docentes para tornar o acesso realmente democrático para todas as crianças. (p. 117)</p> <p>D14: No uso do esporte como base dos currículos, todos os dias práticas de educação física podem produzir e reproduzir uma compreensão particular de movimento, corpo e gênero. (p.63)</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia examinada, 2016.

O primeiro ponto a considerar com este estudo é que tanto as Teses, quanto as Dissertações analisadas ratificam a Escola Básica como um local de sociabilidades, isto implica dizer que seus estudantes muitas vezes deixam de ir à escola para aprender, deixando de verem-na como um espaço de construção de conhecimento e atribuem a esta um novo significado: espaço de socialização, de interagir com amigos(as) e grupos, como podemos observar nas mensagens

⁶⁷ Para fins de representação e otimização das mensagens, atribuímos a letra “T” para teses e a letra “D” para dissertação, cuja ordem respeita a disposição dos resumos apresentados nos anexos desta pesquisa.

apresentadas no **quadro 04**, onde a escola, portanto, para os(as) adolescentes investigados em cada pesquisa, fica em segundo plano em suas aspirações de vida.

Quadro 04: Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: Educação Física; Esporte e Escola; e Lazer.

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Educação Física	<p>T4: Não é raro se ouvir – e eu já ouvi de muitos colegas de profissão - que a EF ajuda a socializar o aluno. Até parece que sem a EF a socialização deste aluno estaria prejudicada ou comprometida (p. 44).</p> <p>T4: Pensar e repensar a inserção da EF no currículo escolar implica também penetrar no universo da quadra de aula e procurar ler as entrelinhas da dinâmica cultural dos alunos (p.45).</p> <p>D12: Também foi evidenciado que a experiência de brincar e conhecer os jogos nas aulas de EF simplificou para as crianças a tarefa de produção do material para os blogs (especialmente a escrita dos textos). (p. 120-121)</p> <p>D12: Pode-se pensar que a proposta metodológica de experimentação, criação, e comunicação entre as crianças da mesma escola e outras, caracterizada por Célestin Freinet, é uma possibilidade de grande valor para abordar os conteúdos da EF escolar. (p. 127).</p> <p>D12: sugere-se que a EF escolar explore as possibilidades de trabalho das brincadeiras tradicionais entre as crianças tanto como conteúdo e como metodologia para outras propostas de ensino. (p.132)</p> <p>D14: O histórico da educação física escolar, apontado por alguns autores demonstra menor participação de mulheres em relação aos homens em atividades que envolviam movimento ou que, de alguma forma, expunham o corpo em situações de combate e/ou contato físico direto. (p.15)</p>
Esporte e escola	<p>T3: Para caracterizar o “mundo do basquete”, tomei como ponto de partida tratar-se de um esporte coletivo (p. 13).</p> <p>T3: É no espaço coletivo que se projetam ideias ou a forma do jogo ser jogado e aspectos como: afetividade, agressividade, diálogo com o companheiro, obediência a normas, reconhecimento de seus próprios limites, etc. (p.13)</p> <p>T3: O esporte aparece como um aliado importante na mobilização de ações para a viabilização de um projeto e na consolidação da vivência em grupos (p. 27)</p> <p>D5: são pelas brincadeiras infantis com a bola, popularmente conhecidas como “peladas”, que os meninos se socializam no e através do futebol. (p. 17)</p> <p>D5: A prática do futebol, no Rio de Janeiro, é parte integrante do processo de socialização dos meninos (p. 26)</p> <p>D5: No final do treinamento, o clima de descontração é retomado: as brincadeiras novamente são convidadas a ocupar o papel central nas relações sociais tecidas neste tempo-espaço, condicionado pela prática do futebol (p. 57)</p> <p>D14: o problema não é o uso do esporte em si, mas a centralidade e, às vezes, até mesmo a exclusividade dele no currículo e nas aulas, dando a possibilidade de apenas um entendimento de corpo, movimento e identidade de gênero. (p.64)</p>
Lazer	<p>D13: faz-se necessário compreender que a escola, campo de pesquisa deste estudo, também seja uma promotora das ações que visam ao ganho cultural e social do aluno, lado a lado ao exercício e direito ao lazer.(p.13)</p> <p>D13: o lazer pode ser visto como ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social. (p.26)</p> <p>D13: o lazer precisa dialogar com as diversas esferas da vida, ou seja, é preciso que seja considerado o seu caráter interdisciplinar. Assim, torna-se expressamente necessário reconhecer suas relações com a cultura, a economia, a política, dentre outras, para tentar compreendê-lo na sua</p>

	<p>complexidade. (p.27)</p> <p>D13: o lazer representa um fenômeno social bastante múltiplo e polissêmico. (p.27)</p> <p>D13: O lazer deve ser pensado no campo das práticas humanas como um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos, em diferentes contextos de práticas culturais, sociais e educativas. (p.27)</p> <p>D13: o lazer deve ser visto como veículo e objeto de educação, ou seja, apresenta potencial de ser provocador de um desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. (p.27)</p> <p>D13: No que se refere às opções de lazer para a juventude, torna-se relevante reconhecer as diferentes expressões culturais gestadas e vividas pelos grupos, já que apresentam tensões e contradições de uma sociedade que, muitas vezes, tenta homogeneizá-los. (p.28)</p> <p>D13: lazer na juventude se constitui não apenas como um tempo deliberado das atividades tradicionais ligadas ao contexto da família, comunidade ou religião, mas envolve também novas obrigações instituídas em prol de certa colonização da juventude, como as escolas e os grupos juvenis organizados pelos adultos. (p.28)</p> <p>D13: tanto a juventude quanto o lazer podem representar um espaço de liberdade e dignificação da condição humana, ou, contrariamente, também podem ser uma forma de reforçar as injustiças, alienações e opressões sociais vigentes. (p.28)</p>
--	--

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia examinada, 2016

O segundo ponto a considerar é a relação estabelecida entre Escola Básica, enquanto instituição formadora, e a constituição de sociabilidades de seus estudantes que convergem para a maximização da importância da Escola Básica como uma instituição reprodutora de hierarquias hereditárias que podem interferir, diretamente, sobre a identificação e sobre as relações de sociabilidades de seus estudantes, podendo resultar inclusive, em exclusão e violência, seja esta física ou simbólica, contra aqueles(as) que não se enquadram nas normas privilegiadas como modelo a seguir dentro da Escola, como podemos ver nas mensagens destacadas no **quadro 05**.

Quadro 05: Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: identificação.

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Identificação	<p>T1: busca consolidar-se entre os pares através das relações de afetos e desafetos, que implicam amizades, namoros, brigas. (p. 127-128).</p> <p>D6: Através nas conversas na sala de aula, nos corredores, na cantina, no pátio ou em outros espaços no interior da instituição de ensino, os jovens alunos presenciam oportunidades de, mediados pelas relações sociais, aprenderem a compreender a si mesmo, o outro e a realidade a seu redor. (p.15)</p> <p>D7: A busca pela identidade passa a ser um elemento aglutinador, pois é por essa razão que os jovens passam a se agrupar e formar as conhecidas tribos.(p. 26)</p> <p>D7: A identidade social era, e ainda é, vista como um fator de grande importância na construção da identidade pessoal e individual. (p. 26)</p>

	<p>D7: a consciência da identidade individual somente é possível somente é possível através do reconhecimento do outro, isto é, muito do que se está fora do sujeito pertence à essência do seu eu que se revela no outro (p.27)</p> <p>D7: No decorrer das práticas cotidianas os indivíduos incorporam linguagens e disposições, que influenciam na conformação de suas identidades e lhes permitem integrar-se a um determinado grupo social. (p. 52)</p> <p>D8: Pode-se dizer que os diferentes grupos criam suas identidades, em função da negação ou aceitação de valores de grupos “dominantes”. (p.47)</p> <p>D11: a construção da identidade faz-se num processo dinâmico e complexo, no qual os sujeitos têm uma percepção da realidade e organizam os seus modos de vista. (p. 76)</p> <p>D11: as relações que os jovens estabelecem com o universo escolar demarcam o seu olhar para a escola e a construção de sua identidade estudantil. (p. 79)</p> <p>D11: o jovem que se apropria da identidade de aluno tende a relativizar a sua realidade extraescolar, passando a criar uma identificação com a disciplina própria da escola e seu conteúdo. (p.80)</p> <p>D15: quando estas jovens montam e remontam seus corpos, subjetividades e identidades, para além da explicação de suas vontades e desejos, ficam evidentes os limites e possibilidades da articulação de cada corpo com seus espaços de circulação e de pertencimento. (p. 76)</p> <p>D15: as categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e como tais exclusivistas. “Há expectativas sociais em relações a estes termos, além de que eles evocam uma série de enunciados não somente de gênero e sexualidade, mas também de classe, cor/raça e geração”. (p.77)</p>
--	---

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

Dentre os trabalhos analisados, “*Escola e escolarização*” é a categoria mais relacionada às sociabilidades adolescentes, seja por ser da Escola a responsabilidade de receber e manter estes adolescentes dentro das regras esperadas pela instituição, conduzindo-os ou tentando conduzi-los, ao que se espera da formação de um adulto sociável; seja por ser dela a responsabilidade de proporcionar a aquisição de novos saberes, de formação qualificada tanto pessoal, quanto profissional, esperada a um(a) cidadão(ã) apto(a) para o convívio social, para suas sociabilidades em diferentes espaços sociais. O **quadro 06** apresenta as mensagens apresentadas nos trabalhos, a respeito da desta categoria.

Quadro 06: Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: Escola e Escolarização”.

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Escola e Escolarização	<p>T1: A escola como um espaço, no qual se pratica preferencialmente a sociabilidade (p. 184).</p> <p>T5: À escola foi dada mais responsabilidade no sentido de cuidar da transição, digamos das fases de criança e adolescência para a vida adulta (p.32)</p> <p>T5: A escola, como espaço de seleção, direcionava ensinamentos diferenciados para meninos e para meninas (p.54)</p> <p>T6: Não foi novidade constatar que <i>juventude</i> é um assunto pouco presente nas discussões realizadas nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, os quais dedicam maior atenção às crianças, que se tornaram os sujeitos melhor</p>

	<p>conhecidos nesse sentido, o que contribui para aumentar o abismo existente entre cultura jovem e cultura escolar, a qual não costuma dialogar com os interesses e as demandas mais amplas dos jovens (p. 20)</p> <p>T6: A escola se impotente por não saber que atitudes tomar, por desconhecer a sua dinâmica e por não compreender o modo como os sujeitos jovens vem vivenciando essa etapa da vida na contemporaneidade (p.20)</p> <p>D1: A relevância da temática do currículo, portanto, passa fundamentalmente pela necessidade de trazer para o centro do debate a discussão da integração das minorias sociais no processo de escolarização (p. 37)</p> <p>D2: A escola é um ambiente de aglutinação de jovens (p. 40)</p> <p>D3: É também unanimidade entre estes (empresários) o abismo existente entre a escola e as necessidades das empresas, principalmente no que se refere à formação profissional destes no tocante ao uso do suporte informático (p.64)</p> <p>D4: A escolarização é muito importante na vida dos jovens, acreditando ainda que a escola é o lugar para aquisição de novos saberes, é onde se qualificarão para o trabalho e que permitirá acesso ao consumo de produtos que lhes ofertaria melhor qualidade de vida. (p. 14)</p> <p>D6: A escola ainda exerce um papel importante, o de ser uma instituição formadora de seres humanos (p.16)</p> <p>D7: A escola se apresenta como um lugar intermediário de socialização entre a família e a sociedade. (p.20)</p> <p>D8: A escola constitui uma das principais agências socializadoras nas sociedades contemporâneas. (p. 18)</p> <p>D9: se a escola possui o papel de agente social responsável pela instrução e socialização das novas gerações, o desempenho desta função está longe de ser um processo consensual e tranquilo. (p.10)</p> <p>D10: A escolarização dos dependentes das famílias pobres é fundamental para uma ascensão social. (p.35)</p> <p>D11: As famílias de classe média, de um modo geral, têm na escola o elemento central de seus projetos, como também acreditam que a escolarização é capaz de propiciar melhores chances de ascensão social. (p. 36)</p> <p>D12: A escola deve ser ativa , dinâmica, aberta para o encontro com a vida, participante e integrada à família e à comunidade, contextualizada, em termos culturais. (p.58)</p> <p>D12: a escola na sua busca pela inclusão digital pode estar aprofundando as diferenças existentes, baseadas na classe social, gênero, etnia, porque são os meninos, crianças de classe média e brancos que tem mais possibilidades de se beneficiar pelo uso das mídias as educação. (p.116)</p> <p>D12: para integrar crianças e jovens que fracassam no ensino tradicional, é necessária uma educação em tempo integral com mudanças significativas, na organização do trabalho dos professores. Uma proposta pela qual, os atores da comunidade educativa atuem mais em coletivo e com a presença de outros profissionais dentro da escola (artistas, animadores culturais,, pessoas da comunidade, comunicadores, etc). (p.120)</p> <p>D13: a instituição escolar não pode ser concebida como um local exclusivamente escolarizado, ou seja, que se reduz às atividades prescritas pelos conteúdos programados, vindos das instâncias burocráticas dos sistemas educacionais, a incompletude institucional muitas vezes se esbarra no protagonismo dos sujeitos, os quais propõem espaços de expressão de seus modos e de suas culturas. (p.13)</p> <p>D13: Por processos de escolarização entendem-se todos os atributos destinados ao jovem estudante, como: carga horária, avaliações, trabalhos, dentre outros. (p. 14)</p>
--	--

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

A Escola Básica brasileira apresentada, implicitamente, nas entrelinhas dos trabalhos analisados revela-se uma instituição que não acompanhou as mudanças atuais do mundo moderno e, por isso, apresenta dificuldades estruturais que dificultam o processo pedagógico, uma delas é não conhecer seus estudantes, seus gostos e interesses, pouco saber sobre o ensino para adolescentes e as necessidades básicas de constituição social destes; ficando, assim, impotente, sem saber que atitudes tomar frente aos desafios de tornar a escola atrativa para estes(as); e diante dos conflitos correntes nas relações de sociabilidades de seus(suas) estudantes com a escola, com suas famílias e com os(as) demais estudantes. O **quadro 07** nos apresenta duas dificuldades estruturais da Escola em relação ao trato com seus estudantes e com as formas de sociabilidades existentes no chão da Escola Básica.

Quadro 07: Quadro Matricial das categorias relacionadas à “Sociabilidades Adolescentes: Escola e Escolarização

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Música	T2: As pessoas foram inventando e reinventando seus espaços sociais, nos quais a música tinha presença constante (p. 17). T2: É importante pensar a música como fenômeno social e um fenômeno de sociabilidade (p. 35).
Tecnologia e Sociotécnica	D3: A maior parte das escolas ainda não possui acesso à internet (p.49) D3: Qualquer iniciativa que busque implementar o uso destas novas tecnologias de informação como uma ferramenta educacional, necessitará, além da estrutura física e do suporte para a manutenção, gerar uma “nova cultura” de utilização destes recursos no processo de mediação pedagógica. (p.93) D3: a tecnologia enquanto objeto técnico representaria uma síntese de diferentes culturas. (p.119) D3: as redes sociotécnicas se constituem na medida em que há comunicação entre essas diferentes culturas. (p. 119) D12: os jogos no computador precisam de maior desenvolvimento na educação, já que está claro que é a principal via de motivação das crianças aos <i>laptops</i> .(p.116) D12: a inserção das TICs na educação, em muitos casos, está em ascenso pela aceitação acrítica da justificativa na sociedade da informação e o determinismo tecnológico. Apresentando-se a noção de que as tecnologias digitais vão gerar mudanças automáticas (por exemplo, nos modos de aprendizagem e de conhecimento) sem considerar os contextos e atores sociais que vão utilizá-las. (p.63)

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

Alguns trabalhos nos revelam uma escola ainda mais preocupante, a serviço do capital, ocupada em formar futuros profissionais para o trabalho braçal em fábricas e indústrias; e não em formar seres pensantes, críticos e preparados para

os diferentes desafios da vida. Estas escolas, na prática, acabam perdendo o papel de agente social responsável pela instrução e socialização de seus estudantes, para funcionarem como celeiro de novas gerações de proletários, sem perspectiva de mudanças sociais, de superação das hierarquias que os aprisiona à condição subalterna do operariado.

Outro aspecto enfatizado nas pesquisas analisadas diz respeito à visão que os autores revelam sobre a Escola Básica brasileira, segundo a qual recomendam, dentre outras coisas, que esta deve ser inclusiva, ativa em suas ações, dinâmica em suas metodologias, manter um currículo aberto para o encontro com a vida e com a diversidade, além de primar pela participação integrada da família de seus estudantes e da comunidade em seu entorno, ou seja, que a escola siga dentre outros, os princípios previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), em especial o Art. 3º, que prevê um ensino em que haja

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial (BRASIL, 1996)

Logo, podemos concluir que os trabalhos analisados, sinalizam uma fuga a essas recomendações, o que ratifica o comportamento inerte da instituição frente aos desafios da formação de estudantes e frente aos conflitos correntes nas relações de sociabilidades destes com a escola, com suas famílias e com os demais estudantes envolvidos no processo.

As pesquisas analisadas nos sinalizam que a Escola Básica não pode ser apenas um local de escolarização, isto implica afirmar que não deve resumir-se a conteúdos e práticas pedagógicas seriadas pré-definidas pela tradição pedagógica, mas que também necessita entender seus estudantes, o momento biológico em que vivem, suas necessidades formativas, como desenvolvem seus protagonismos no ato das relações sociais que ocorrem no interior da escola, os espaços privilegiados

e as ocorrências de exclusão e violência existentes decorrentes das diversidades existentes na escola.

Uma contribuição importante dos trabalhos analisados, portanto, é que a Escola Básica brasileira, deve olhar para seus estudantes, realmente vê-los, conhecê-los e procurar entendê-los, mais ainda, dar voz a eles. É preciso, portanto, entender o que é adolescência, suas diferentes constituições e manifestações, como vivem os adolescentes hoje, como se agrupam, como se socializam e o que rege suas aproximações, seus laços de afetividade dentro da escola.

Não podemos esquecer que diferentes fatores podem interferir diretamente sobre as relações destes estudantes: a classe social, a cor da pele, a sexualidade, a fragilização dos laços de família, a explosão urbana, a globalização cultural, a gravidez precoce, o envolvimento em situações de risco, o uso de drogas, dentre tantos outros; que, se considerados, podem explicar desvios ou mudanças de comportamento de estudantes com seus pares, que vão do isolamento à agressividade, seja na sala de aula, na quadra, nos banheiros ou em outros espaços da escola ou mesmo fora dela. O **quadro 08** ocupa-se em apresentar as mensagens a esse respeito, presentes nos trabalhos analisados.

Quadro 08: Quadro Matricial das categorias relacionadas às “Sociabilidades Adolescentes”: Família e Violência; Preconceito; e Relações Raciais e de Gênero.

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Família e Violência	<p>T6: Se quisermos entender o que é ser jovem, como se vive a juventude hoje, devemos estar atentos aos próprios jovens (p. 21)</p> <p>D2: Constatamos que 87% das famílias desses adolescentes e jovens sofre algum tipo de dificuldade (p.59)</p> <p>D2: O cotidiano dessas famílias é bastante difícil. (p. 60)</p> <p>D9: a fragilização dos laços de família, a explosão urbana, a globalização cultural , a gravidez precoce, o desemprego, entre outros elementos que, se levados em consideração, explicam mudanças sintomáticas nas relações entre pais e filhos e entre crianças e adultos, sem perder de vista, naturalmente, os antecedentes históricos. (p.28)</p> <p>D9: As fragilidades da estrutura familiar e material podem permitir que algumas crianças tenham, em certa medida, uma relativa autonomia em relação à rua e aos seus companheiros (p.29)</p> <p>D9: Quanto mais baixa a posição social da família, menores são as possibilidades de seus filhos alcançarem níveis sociais elevados (p.33)</p>
Preconceito	<p>D15: o momento em que eles começaram a ir para a escola vestindo acessórios femininos foi inclusive o período em que a escola começou a encarar esta situação como uma questão, um problema. (p.58)</p> <p>D15: quanto mais aumentavam os acessórios, mais esta relação se tornava um problema para a escola. (p.59)</p> <p>D15: É interessante perceber que para elas, na relação com a escola e com</p>

	<p>os outros estudantes, existe uma diferença importante entre o “antes” e o “depois” de começar a se montar. (p. 59)</p> <p>D15: para a percepção da escola, a <i>montagem</i> no ambiente escolar, pelo menos naquele momento, era o limite do aceitável pois, enquanto elas iam para a escola “apenas gayzinhos” era como se não existisse um problema, uma questão a ser percebida e resolvida pela direção, mesmo que elas apanhassem ou <i>atendessem</i> os <i>boys</i> no banheiro da escola. A questão e o problema surgem quando os adereços femininos começam a ficar mais presentes no ambiente. (p. 59-60)</p>
<p>Relações Raciais e de Gênero</p>	<p>D1: O currículo oculto funciona como mecanismo que legitima as desigualdades sociais, raciais e de gênero presentes na escola. (p.48)</p> <p>D6: os jovens chegam à Escola marcados pela diversidade, fruto da quantidade e qualidade das experiências e relações sociais, anteriores e concomitantes à experiência escolar. (p.15)</p> <p>D6: levar em conta o jovem como sujeito implica considerar que no interior da escola existem processos, lugares, situações e, sobretudo, relações que podem contribuir na construção da subjetividade do jovem. (p.17)</p> <p>D14: currículo escolar esportivizado, com ênfase principalmente nos esportes coletivos, tem sido apontado por estudiosos como problemático para a equidade de gênero no contexto escolar, uma vez que esse conteúdo está culturalmente associado a representações de masculinidade e, socialmente, é mais praticado pelo sexo masculino, que tem mais legitimidade para praticá-lo em outros espaços sociais. (p.63)</p> <p>D14: No caso da percepção da professora – que enxerga que os conflitos são em função das habilidades e não do gênero – a questão é que devemos considerar que a aquisição dessas habilidades é marcada por gênero, seja em relação às oportunidades, seja quanto aos reforços dessas ao longo – mas não exclusivamente – de todo o processo escolar. (p.66)</p> <p>D14: gênero parece ser a primeira categoria atuante na expectativa de aprendizagem e envolvimento com os conteúdos, sobrepondo-se até mesmo à habilidade corporal, dado que esta é atribuída aos meninos antes mesmo de ser observada na prática.(p.76)</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016

Os trabalhos analisados sinalizam a violência como, ainda, um problema crônico da Escola Básica. Trata-se, inclusive de um fenômeno comumente banalizado nos dias de hoje, cada vez mais espetacularizado, de forma gratuita, graças aos avanços tecnológicos e das redes sociais que permitem a transmissão simultânea ou o compartilhamento quase imediato das situações de violência correntes no ambiente escolar, principalmente entre adolescentes e por questões sem grande relevância social para quem não faz parte dos sujeitos ou grupos nelas envolvidos. O **quadro 09** apresenta as mensagens referentes às violências presentes no ambiente escolar e as consequências dessa prática na vida e nas sociabilidades de nossos estudantes.

Quadro 09: Quadro Matricial das categorias relacionadas às “Sociabilidades Adolescentes”: Violência e escola.

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Violência e escola	<p>T5: A violência é um fenômeno social (p.101).</p> <p>T5: a banalização da violência fez com que ela se firmasse no interior da sociedade, como fato normal e corriqueiro para a solução de conflitos de qualquer natureza e isso, de certa forma, atraiu grande número de adolescentes. As notícias nas mídias não mais chocam seus telespectadores. Transformaram-se em uma tendência entre os jovens (p.102)</p> <p>T5: hoje o que predomina é uma tendência em considerar a violência como “ferramenta” indispensável e talvez única para resolver as diferenças (p. 105)</p> <p>T5: a violência, pela linguagem, pode ser pior do que a que atinge o corpo (p.107)</p> <p>T6: A escola hoje está muito violenta (p.17)</p> <p>T6: A preocupação das escolas estava mais voltada para a solução dos problemas que emergiam do que a sua prevenção (p. 18).</p> <p>T6: Será utilizado a expressão “ violências na escola”, devido à pluralidade de dimensões envolvidas e suas múltiplas manifestações, que incorpora não só a ideia de violência física, de utilização da força ou intimidação, mas também aquela que ocorre no plano simbólico, psicológico e institucional do fenômeno (p.22).</p> <p>D2: Notamos, então, as violências como um dos problemas que mais incomoda a população jovem de Bom Pastor. (p.62)</p> <p>D2: As situações violentas, assim, limitam a circulação dos adolescentes em suas comunidades. (P.63)</p> <p>D7: Os jovens reagem à cultura formal da escola, a qual substituem por uma cultura delitativa originária de seu meio, que caracteriza por uma inversão de valores <i>standards</i> da classe média (p.26)</p> <p>D10: A escola é atingida pela violência urbana quando precisa alterar as suas rotinas, e neste caso fica exposta a uma situação que não consegue ter controle (p. 13)</p> <p>D10: A violência contra a escola está relacionada à destruição da estrutura escolar e do seu patrimônio, como exemplos a pichação de paredes, a danificação e/ou destruição de mesas, carteiras, ventiladores, janelas. (p. 18)</p> <p>D10: A violência na escola é produzida no interior do espaço escolar, entretanto não está ligada às atividades institucionais da escola. (p.20)</p> <p>D10: A violência à escola é aquela que representa uma oposição às atividades institucionais e aqueles profissionais que representam a instituição (p.20)</p> <p>D10: a violência da escola, também chamada violência institucional, ou violência simbólica, é aquela expressa por profissionais da educação que envolve discriminações sociais e raciais, abusos de autoridade e de poder (p.20)</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

A grande questão é que a escola, ao se manter inerte e omissa, na maioria dos casos, acaba por ratificar a violência como prática aceitável na resolução de conflitos ou na resolução de diferenças pessoais e coletivas, quando na verdade, deveria fazer o oposto disso. A inércia da escola maximiza o problema. Por isso as escolas permanecem cada vez mais violentas, algumas quase insustentáveis tanto

para estudantes, quanto para professores, técnicos e demais profissionais da educação.

Note que, ao tratar de violência e exclusão na Escola Básica, os trabalhos detiveram-se à análise das ocorrências de situações de violência na escola, independente de autorias. Porém, um dos trabalhos registra a violência de autoria institucional, ou seja, praticada pela escola, manifestada especialmente contra sujeitos homossexuais que assumem identidade feminina ou transexual, após, especificamente, quebrarem as regras do vestuário tradicional de estudantes ao passarem a vestirem-se, e portarem-se, como meninas e sofrendo, conseqüentemente, todo tipo de violência por negarem o que a sociedade espera e aceita como “normal” para o corpo e o comportamento masculino, já que não deixaram de ser os meninos que são, biologicamente, claro. No entanto, tanto as sociabilidades destes adolescentes, quanto a transfobia⁶⁸ que sofreram na escola não foram bem desenvolvidas no debate levantado, evidenciando problemas estruturantes no trabalho que poderia ter focado mais nas conseqüências da violência cotidiana na vida destes adolescentes, visto que moramos em um país patriarcal, machista, cristão, racista e homofóbico⁶⁹ que mais mata homossexuais no mundo e que mais exclui pessoas transexuais de espaços formativos, condenando-as a viver à margem social cuja única forma de sobrevivência parte da exploração sexual de seus corpos⁷⁰.

⁶⁸ Transfobia é a aversão dedicada a pessoas travestis, transexuais e transgêneros, trazendo sérias conseqüências para a vida e para a existência dessas pessoas, dentre elas perseguições, exclusão social e assassinatos em massa. O Brasil é hoje o país que mais mata pessoas transgênero no mundo, somente no período entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 (seiscentos e quatro) mortes no país, segundo pesquisa da organização não governamental *Transgender Europe* (TGEU), rede europeia de organizações voltada para o apoio aos direitos da população transgênero no mundo, divulgada em novembro de 2015.

⁶⁹ A homofobia pode ser entendida de forma genérica como uma manifestação preconceituosa caracterizada pela aversão contra sujeitos(as) homossexuais em geral. Surgido inicialmente nos Estados Unidos, no início da década de 1970, o termo homofobia foi utilizado para designar “o medo expresso por heterossexuais de estarem na presença de homossexuais” (JUNQUEIRA: 2007); (PRADO: 2015); (BORRILLO: 2015) e carrega em si diversas cargas ideológicas de gênero, hierarquias, política, sexualidade, exclusão social, violência física e simbólica⁶⁹; e se realiza de forma negativa contra as homossexualidades, estabelecendo de forma arbitrária um (não)lugar social para sujeitos homossexuais. A homofobia, no entanto, é bem mais que uma discriminação dirigida a um indivíduo, ela volta-se para todo um coletivo idealizado a partir das marcas caricatas de gênero e de modelo comportamental (heterossexual) que condena e exclui tudo o que foge a esta caricatura. Sua dimensão, portanto, não é apenas pessoal, dirigida a sujeitos homossexuais, mas social, logo, também política; podendo até mesmo existir independente da condição sexual e suas vítimas.

⁷⁰ Segundo o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais, realizado pelo Grupo Gay da Bahia, amparado por dados apresentados por agências internacionais sobre crimes homo-transfóbicos, o Brasil continua sendo o campeão mundial em assassinato de pessoas homossexuais e transgêneros,

Ao longo de sua história, a escola estudou-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças, responsável por reduzir a figura do “outro” (considerando “estranho”, inferior”, “pecador”, “doente”, “perverso”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente normal. (JUNQUEIRA, 2009, p.14)

Uma realidade contraditória se revela diante de nossos olhos: a escola, que deveria ser um local de acolhimento e integração, muitas vezes aparece regida por um currículo segregador que resulta na manipulação de atos e intenções realizados pelos sujeitos que nela circulam, no caso de nosso objeto, nos atos de seus estudantes adolescentes, direcionando-os para uma seleção meritocrática individual, que reforça a diferenciação intelectual e social através de questões relativas a gêneros, cor da pele, religião, *status* social, *status* intelectual e cognitivo, dentre outros, que determinam lugares diferenciados que, futuramente, poderão refletir na posição social que estes(as) estudantes atingirão na sociedade. A leitura dessa realidade converge para a afirmação de que não podemos tratar sociabilidades adolescentes sem abordar a questão das violências que podem permear estas relações, pois a prática de tais violências também sinalizam a demarcação de territórios, caracterizam grupos e engendram, simbolicamente ou não, poder e hierarquias dentro da estrutura social existente na Escola Básica.

Há, como vemos, uma contracultura dentro da Escola Básica, que parte das sociabilidades juvenis e pode destoar dos objetivos pretendidos pela cultura escolar tradicional para seus(as) estudantes. Trata-se de uma resposta ou da resistência contra um sistema educacional que privilegia uns em detrimento de outros, podendo até mesmo ser um grito de socorro, que, por vezes, transforma-se em atitudes delitivas, pautadas na inversão dos valores sociais privilegiados pela classe média brasileira. Esta conduta resulta em violências na escola, da escola e contra a escola⁷¹ e podem afetar a rotina da mesma de forma prejudicial não só ao patrimônio escolar, mas também à função social da instituição.

sendo 40% dos assassinatos de transexuais e travestis cometidos no ano de 2013, em todo o planeta, aconteceram no Brasil.

⁷¹ A violência na escola é aquela que ocorre no interior dos espaços escolares, entre ou contra estudantes, sem, no entanto ligar-se diretamente às atividades institucionais da Escola. A violência à escola ocorre contra tudo o que representa a escola enquanto instituição: patrimônio, professores, saberes, rotina, currículo, etc; enquanto que a violência da Escola é aquela que ocorre no campo

A demarcação de espaços através das pichações nas paredes, especialmente nos banheiros das escolas, a danificação ou destruição total de mesas, carteiras, ventiladores, janelas, livros didáticos, etc., são alguns dos exemplos de resistência de estudantes contra a forma bancária e imutável da Escola Básica, que transparecem as autorias como quase uma forma desesperada de dizer “estamos aqui, olhem para nós!”, ao mesmo tempo em que é um aviso aos demais adolescentes de “este é meu espaço, não ultrapasse sem permissão!”. O **quadro 10** apresenta como as autorias são abordadas nos trabalhos analisados.

Quadro 10: Quadro Matricial das categorias relacionadas às “Sociabilidades Adolescentes”: Violência e escola.

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Autorias	<p>D4: são autorias construídas na sua vida cotidiana, ao darem novos sentidos e significados ao mundo, a si próprio, às relações com os outros jovens e com as instituições, como a família e escola, aos seus lugares de convívio (p. 36)</p> <p>D4: Estas autorias estão relacionadas à diversas maneiras de ser jovem, podendo ser mais ou menos visíveis de acordo com as diferentes situações de vida de cada um. (p.36)</p> <p>D4: As autorias surgem em meio a complexas interações entre os próprios jovens, as instituições, adultos responsáveis pelos grupos mais organizados (teatro, igreja, futebol), suas famílias, seus locais de trabalho e a escola. (p.59)</p>

Fonte: quadro elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

O grande problema é que mesmo com essas condutas a escola continua não enxergando seus adolescentes, pelo menos não da forma correta. Vê-se o delito, mas não o que o motiva. Pune-se o delito, mas não corrige o que o motiva; e enquanto a escola não mudar a concepção de suas estratégias de ensino, sua atual constituição institucional, os problemas provenientes desta “cegueira” continuarão sem solução.

Como vimos, as Teses e as Dissertações aqui analisadas abordam diferentes espaços de sociabilidades adolescentes na Escola Básica, diversos fatores que as motivam e os diversos problemas que dela resultam. No entanto,

simbólico, também chamada de violência institucional, manifestada nas discriminações direcionadas a estudantes, por parte de seus profissionais: professores, corpo técnico, funcionários, etc, e motivada por preconceito de ordem social, sexual, religiosa, econômica, etc., baseada na perseguição pessoal e no abuso de poder e autoridade. Para aprofundamento do tema, ver os trabalhos de Elis Palma Priotto (2006; 2008); Elis Palma Priotto e Lindomar Wessles Boneti (2009); Miriam Abramovay et. al. (2005); Suzana Caldeira e Isabel Rego (2001); Luiza Mitiko Kamacho (2001); Bernard Charlot (1997). Claire Colombier (1989); Ilana Manteman (2000); Maria Auxiliadora pereira (2003); Marília Pontes Spósito (2002); dentre outros.

alguns caminhos de pesquisa foram deixados de lado, resultando assim em lacunas na pesquisa sobre sociabilidades na produção dos Programas de Pós-Graduação brasileiros, entre 2004 e 2013. Algumas dessas lacunas serão abordadas a seguir, sinalizando a importância de tais estudos para a concepção mais próxima da realidade social de estudantes escolares brasileiros e da forma como se sociabilizam nos espaços escolares ou, a partir dela, em espaços não escolares.

2.2. OS “NÃO DITOS” DAS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE SOCIABILIDADES ADOLESCENTES DEFENDIDAS ENTRE 2004 E 2013

Ao longo deste trabalho percebemos como adolescência é um período especial de nossa formação individual. Falamos aqui, pois, de um período de mudanças, onde, com elas, manifestam-se várias formas de insegurança pessoal, tais quais: com o corpo, com a voz, com as habilidades comunicativas, esportivas e cognitivas; com a cor/raça, com o gênero, com a sexualidade; com a condição social; com as deficiências; dentre tantas outras. Acima de tudo, falamos de um período que necessita atenção redobrada da sociedade como um todo, já que, este denota maior necessidade dos sujeitos adolescentes de se sentirem seguros, pertencentes a determinado(os) grupo(os) para serem felizes com eles(as) mesmos(as) e com o mundo.

Em contrapartida, a adolescência é um período vulnerável de nossas vidas para o desenvolvimento dos males da alma e da psique, quando nos percebemos sujeitos sem encaixe social, ou seja, excluídos por apresentarmos quaisquer características pessoais que nos torna “diferentes”, diminuídos ou secundários, logo dispensáveis, discriminados e excluídos do convívio grupal.

Um aspecto negligenciado nos trabalhos sobre sociabilidades adolescentes defendidos entre 2004 e 2013 diz respeito a não ênfase aos danos psicológicos causados pelos “ruídos”⁷² nas sociabilidades dos adolescentes escolares analisados

⁷² O uso do termo “ruído” não é comum nas pesquisas do campo da Educação, seus usos são mais frequentes no campo dos estudos da linguagem para designar quaisquer elementos responsáveis por interferências no processo comunicativo de mensagens entre locutor ou emissor, quem emite a mensagem; e interlocutor ou receptor, quem a recebe ou deveria recebê-la de forma íntegra. Tais ruídos podem ocorrer nas esferas internas e externas à comunicação e apresentam-se divididos em quatro grupos distintos: a) Físico, de origem externa, são sons presentes no ambiente que interferem diretamente sobre a compreensão ou emissão da mensagem vinculada; b) Fisiológico, de origem interna, ocorre quando qualquer questão fisiológica, como uma dor de cabeça, por exemplo, interfere na compreensão ou emissão da mensagem vinculada; c) Psicológico, também de origem interna, realiza-se na cabeça da pessoa, quando nos distraímos no momento da comunicação, resultando assim, na não decodificação da mensagem vinculada; e d) Semântico, o ruído se manifesta na

nas referidas pesquisas. Entendamos por **ruídos de sociabilidade**, tudo aquilo que perturba e prejudica a tessitura das relações sociais entre os sujeitos envolvidos: preconceito social, de cor, de gênero, de sexualidade, etc, qualquer fator significativo que resulte em comportamentos voltados para a violência física e simbólica, estas tradicionalmente abordadas como *bullying*, perseguições ou invisibilizações, contra determinados sujeitos ou grupos de sujeitos, ou seja, tudo o que pode contribuir para o adoecimento físico, mental e espiritual dos sujeitos, no caso de nosso estudo, sujeitos adolescentes, fazendo-os perderem o interesse pela escola, repetirem de ano, abandonarem a instituição ou, em casos mais desesperadores, tirarem a própria vida.

Se pensarmos nossas relações sociais atreladas à afetividade e aceitação, percebemos nossa constante busca por um encaixe social, que representa muito mais que ter ou não ter amigos(as), grupos ou clãs, mas sim nossa necessidade excessiva de sermos amados e aceitos, valorizados pelo que somos longe do conforto das relações familiares. Porém, como vimos linhas acima, nossa análise nos apresenta uma escola que pode ser cruel com quem não consegue se encaixar nos modelos esperados e privilegiados por ela e pelos grupos que nela circulam.

É evidente que a escola não conhece seus adolescentes, suas histórias, seus dramas de família e dramas pessoais, suas limitações cognitivas, suas identidades sexuais, suas dificuldades de relacionamento de se auto afirmarem enquanto os sujeitos únicos que são, muito menos como essas dificuldades interferem no rendimento e nas relações desses estudantes dentro da escola. A resposta a esse triste quadro pode estar no fato de a Escola Básica brasileira seguir os preceitos educacionais esperados de um modelo capitalista de produção não penas de capital, mas de mão-de-obra uniformizada, que, desde sua concepção, privilegia o gênero, a cor/raça, a meritocracia, a competição, a seleção; e, enquanto celebra a excelência de uns, tenta varrer para baixo do tapete a “ineficiência” de outros(as), ignorando que é justamente nestes(as) “ineficientes” que se revelam as deficiências da própria escola.

incompreensão de mensagens com mais de um sentido ou pelo desconhecimento de assuntos referentes à saberes técnicos restritos a determinantes falantes, como jargões médicos e jurídicos, por exemplo. Para mais informações a respeito, ver os trabalhos de Margarida Maria Krohling Kunsch (1997); David K. Berlo (1970); José Luiz Fiorin (2004); DUBOIS, et alii (1978); e Francis Vanoye (1996).

A relevância destes trabalhos, portanto, nos direcionam para a importância de refletir sobre currículos escolares, visíveis e ocultos, passando, fundamentalmente, pela necessidade de trazer para o centro do debate a discussão da integração das “minorias” presentes na composição da escola e como estas podem contribuir para mudanças positivas no processo de escolarização na escola Básica brasileira.

Este é um ponto fundamental que deve ser discutido nos cursos de formação inicial e continuada de professores, de preferência com o vigor e a atenção que merece para, assim, trabalharmos de forma efetiva para a diminuição das diferenças entre a realidade do mundo jovem e a realidade do mundo escolar, diferença esta que há muito não dialoga de forma eficaz e compreensível. Talvez por isso a existência de tantas lacunas na produção de conhecimento sobre as sociabilidades adolescentes nos Programas de Pós-graduação brasileiros, entre os anos de 2004 e 2013.

Uma lacuna estrutural talvez esteja no fato de que as teses e dissertações analisadas nada falam sobre como as licenciaturas e os cursos de formação continuada de professores podem atuar de forma produtiva como facilitadores das relações de sociabilidades estabelecidas entre seus estudantes ou enquanto agentes de combate de possíveis problemas existentes nos espaços escolares, entre seus estudantes, motivados por quaisquer questões de ordem hierárquica, baseada na opressão de uns em benefício de outros(as), ou seja, esta lacuna aponta para a necessidade de uma formação inicial e continuada de professores(as) voltadas para a atuação com alunos(as) reais e não ideais e com competência e a qualificação condizentes a esse lugar profissional (COELHO; SILVA, 2015).

De acordo com o apresentado até aqui, vimos que as relações sociais ocorridas na escola são dinâmicas, ocorrem paralelamente às regras escolares. Logo, os grupos de adolescentes tem total autonomia para decidirem suas próprias regras, a forma como se organizam hierarquicamente, quem entra e quem sai dos grupos aos quais pertencem. Isso não ocorre, todavia, na Instituição Escola Básica, que, tradicionalmente, tenta uniformizar seus estudantes sem dar voz a seus anseios e sem garantir aos adolescentes autonomia para opinarem ou mudarem a configuração dos espaços escolares aos quais são submetidos(as).

Mesmo com o grande referencial teórico formado por pesquisas para o desenvolvimento de uma melhor educação no país, as escolas brasileiras ainda

seguem o mesmo modelo bancário do início da escolarização brasileira. As escolas, quando estruturadas, seguem um padrão considerado ideal para estimular o ensino aprendizagem composto por: a mesma disposição de sala, as mesmas carteiras perfiladas aos moldes militares, o mesmo quadro, os mesmos livros, o mesmo modelo de quadra, o mesmo modelo de cantina, o mesmo cardápio de merenda, a mesma obrigatoriedade de manter a postura esperada de um(a) aluno (a) ideal (uniforme alinhado, calçados lustrosos, cabelos curtos, bem penteados, de preferência presos, material impecável, comportamento passivo diante do(a) mestre, conteúdo na ponta da língua, etc.) e isso transformou a escola em um espaço de angústias aumentadas que, associadas à angústias trazidas de casa, podem transformar a escola em um espaço de guerra, em detrimento de um espaço de conhecimento e afetividade.

Temos nesta realidade, portanto, uma lacuna em aberto para a pesquisa das sociabilidades: o afeto! Afeto em espaços escolares: como a relação afetiva dos adolescentes nos momentos de alimentação na cantina da escola, por exemplo. Por que não estudar as sociabilidades de estudantes durante os momentos de alimentação, a tradicional hora da merenda? Esta linha de pensamento permanece silenciada, desforme, sem voz na pesquisa científica. Não esqueçamos que o compartilhar alimentos é uma característica afetiva de nossa cultura que nos revela afeto, mas quando falamos afeto, não nos referimos à forma romantizada de afeto, mas no sentido mais genérico que nos induz a investigar “como eu afeto o outro e como o outro me afeta”, “como eu me encaixo no jogo de forças que configuram minha interação com o outro?” “como eu me configuro nesse espaço?”; “como esse espaço me transforma?”⁷³

Podemos também estudar o afeto que adolescentes tem com o próprio corpo, primeiro espaço a se configurar, principalmente nesta fase em que o interesse corporal é maior, graças às mudanças biológicas e hormonais da adolescência. É preciso buscar entender como estes estudantes desenvolvem o afeto com seus próprios corpos, pois, a aparência nesta fase da vida é muito valorizada e pode ser a porta de entrada para a aceitação ou a exclusão social, neste último caso, causando

⁷³ Para maior entendimento sobre como a afetividade é uma dimensão do ser humano que envolve paixões, emoções, sentimentos e aversões que nos constitui enquanto os sujeitos individuais e sociais que somos e determina nossa relação com nossos corpos, almas e mundo, ver os trabalhos de Wallon (1995); Pino (1998) Chauí (1995); dentre outros(as).

danos irreversíveis para a constituição da autoestima do sujeito, prejudicando suas relações sociais até mesmo na fase adulta.

Podemos ainda estudar o afeto que determina as escolhas de uns e a exclusão de outros na formação de grupos de trabalho, nas práticas de Educação Física, na formação de grupos para o desenvolvimento das atividades ou na formação dos times nas atividades esportivas. Como o afeto determina o convívio de estudantes e seus relacionamentos na escola Básica, já que somos seres interativos que nascemos para nos relacionarmos uns(mas) com os outros(as).

Outra lacuna latente nas pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós Graduação brasileiros no decênio simbólico privilegiado nesta pesquisa, diz respeito às sociabilidades que os adolescentes realizam nas Redes Sociais, muitas destas relações iniciadas na escola e partem para o espaço virtual, onde é permitido ler e escrever sobre quaisquer assuntos, independente da legalidade do que é lido ou escrito. Neste sentido, a internet adquire status propício para a propagação anônima (já que nem sempre se pode identificar os autores reais dos discursos presentes em seu *ciberespaço*) de ideologias que normalmente se apresentam veladas no cotidiano das relações sociais em sua modalidade presencial. A importância de estudar as sociabilidades na internet se dá pelo motivo de ser, o *ciberespaço*, um local em que o acontecimento se produz, independente do fato poder ou não referir-se a uma realidade exterior. (Henn, 2012, p.114).

O final da década de 90 até o primeiro decênio dos anos 2000 foram marcados pela popularização das redes sociais, principalmente o Twitter⁷⁴, o Orkut⁷⁵

⁷⁴ O *Twitter* funciona como um micro blog de postagens de mensagens com no máximo 140 caracteres. Qualquer pessoa pode criar um perfil no Twitter do qual pode vincular-se a outros perfis por um sistema de seguir e ser seguido. Uma de suas ferramentas mais utilizadas para evidenciar um tema é o símbolo sustentado (#) com o qual pode-se criar uma hashtag que após clicada, leva o sujeito a uma página comum.

⁷⁵ O Orkut é um site de relacionamento criado pela empresa Google, que não se encontra mais em funcionamento, mas já figurou como a rede social mais utilizada no Brasil. Funcionava basicamente através da troca de interações entre usuários através de perfis e comunidades. Cada perfil era de responsabilidade das pessoas que se cadastravam no site, as comunidades e os perfis eram criados pelas pessoas que, ao efetuarem o cadastro, poderiam indicar, criar conteúdos ou convidar amigos, além de poderem participar de grupos de discussão sobre determinado assunto. Entre suas ferramentas mais utilizadas para evidenciar um tema estavam os fóruns, com tópicos, nova pasta de assunto e mensagens que ficavam alocados dentro das pastas do assunto. Assim como no Twitter, os membros do Orkut eram livres para escrever e compartilhar o que desejarem e o meio mais usado para isso era a participação nas comunidades que disponibilizam os fóruns de discussão onde os membros podiam simplesmente responder a questão de um fórum determinado ou criar outro a sua escolha. Durante sua existência, muitas comunidades foram criadas para disseminar preconceitos de todas as ordens e sobre públicos diversos.

e o Facebook⁷⁶, popularização esta maximizada com os avanços tecnológicos na produção de *smartphones* que possibilitaram a utilização da internet nos aparelhos celulares o que prontamente foi assimilado para o cotidiano do público adolescente. As teses e Dissertações analisadas produzidas entre 2004 e 2013 foram, desse modo, produzidas/defendidas no auge das vivências das redes sociais, cuja lógica é regida pelo caráter social de partilha dentro de um ambiente “livre” de regras, com o atrativo da ausência de barreiras temporais e espaciais e com a quase obrigação de adesão das pessoas que vivem a era moderna do mundo globalizado e capitalista, principalmente a juventude de forma geral (GONÇALVES, 2010). Conseqüentemente, sendo, portanto, mais um agente de segregação social.

Entender as redes sociais como um meio de segregação social é saber que através das redes sociais usuários(as) constroem suas relações afetivas a partir da interação à distância entre pessoas que compartilham uma nova relação de espaço-tempo (LEVY, 1996;1997;1998;1999). Estas relações apesar de ocorrerem no mundo digital, onde aceita-se tudo e vive-se uma realidade não necessariamente condizente com a vida real, podem amplificar a níveis inimagináveis a massificação de hierarquias que não teriam a mesma forma e força de inculcação, quando vivenciadas no mundo real.

A escola não pode seguir inerte às influências das redes sociais na constituição de seus estudantes, principalmente quando falamos no cotidiano de adolescente que, muitas das vezes, passam mais tempo interagindo de forma voluntária, em uma realidade virtual, ocasionada pela interatividade conectada a uma grande rede, vivenciando dessa forma mais o universo do *ciberespaço* e cada vez mais distantes das relações afetivas da vida real, baseadas no diálogo e no “olho no olho”.

A liberdade quase anônima oferecida pela internet é o ambiente perfeito para a manutenção de hierarquias, através da divulgação de pensamentos preconceituosos, cada vez mais frequentes, principalmente nas redes sociais,

⁷⁶ O Facebook é hoje rede social mais popular do mundo. Fundamentalmente objetiva a divulgação de comentários a perfis, participação em grupos de discussão e compartilhamentos de conteúdos diversos e interação dinâmica através de aplicativos de jogos virtuais. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, no início dos anos 2000 figurava entre o mais utilizado entre estudantes universitários (GONÇALVES, 2010). Suas ferramentas mais utilizadas para evidenciar um tema são: a postagem direta na guia Status; o *Facetalk* (bate-papo); e a criação de uma página ou de um grupo de discussão que pode ser curtida por qualquer pessoa que a visite. Tanta facilidade refletiu-se na frequência cada vez maior de mensagens e páginas de conteúdos preconceituosos de todas as ordens e contra todos os públicos.

dirigidas especificamente contra negros, judeus, nordestinos, indígenas, homossexuais, transgêneros, religiosos, dentre outros considerados grupos ditos “menores” ou “inferiores” (RODRIGUES, 2013); sem falar na exposição cada vez maior de meninas adolescentes em idade escolar que se deixam filmar em cenas de sexo e tem, posteriormente, seus vídeos compartilhados nas redes sociais, resultando em graves problemas para a vida social destas adolescentes. É como se o ambiente digital estivesse acima das leis e, como tal, tornou-se um ambiente seguro para burlá-las. Neste sentido, as sociabilidades desenvolvidas neste ambiente podem refletir no aumento dos casos de violência em espaços reais, como a escola, por exemplo, onde adolescentes passam maior parte do dia.

Um caminho possível para a democratização do espaço escolar e para tornar a escola mais próxima da realidade de seus adolescentes pode iniciar por trazer para dentro da escola, conteúdos da vida virtual, até mesmo para problematizar e desconstruir preconceitos, a partir de casos “problema” obtidos nas redes sociais a que estes estudantes têm acesso diário, pois estão quase sempre *online*. Já que falamos em caminhos, a partir do próximo tópico, discorreremos sobre possíveis caminhos de pesquisa sobre Sociabilidades Adolescentes que podem reforçar o entendimento global desta temática, a partir da produção de Teses e dissertações em nossos Programas de Pós-graduação em todo o território brasileiro.

2.3. CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE SOCIABILIDADES ADOLESCENTES NA ESCOLA BÁSICA

Como vimos no tópico anterior, as Teses e Dissertações sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica, aqui analisadas, possuem algumas lacunas a sanar, estas convergem para a necessidade de uma formação docente, inicial e continuada, pautadas em uma prática política de formação, sobretudo, formação cidadã de seus estudantes. Isso implica formar estudantes para a vida, para a interação social, para a liberdade de vivenciarem, sem limites ou medos, suas identidades, respeitando e valorizando as identidades dos outros(as) dentro e fora dos espaços escolares.

Ao localizarmos as lacunas das Teses e Dissertações produzidas e defendidas no Brasil, no período de 2004 e 2013, nos permitimos sinalizar alguns

caminhos investigativos que seriam interessantes para o entendimento de como se configurou naquele período as relações de sociabilidade entre adolescentes, comparando-as com as estabelecidas atualmente seja na escola ou em espaços não formativos, como festas populares, *raves* e também nas redes sociais, por exemplo.

Sempre haverá necessidade de estudar o modo como adolescentes configuram suas relações de sociabilidade, pois trata-se de um fenômeno social, temporal e dinâmico de criação e recriação constante do universo em que estes(as) mesmos(as) adolescentes atuam, conseqüentemente, mudam-se também as normas que regem o espaço que disputam, tanto físico quanto psíquico, organizando-se em leis para coexistirem, alocando-se e realocando-se em grupos que circulam pela Escola Básica desenhando hierarquias que sustentam a base das relações sociais correntes na escola enquanto instituição.

Como vimos, a produção dos Programas de Pós-graduação da região Norte apresenta uma lacuna na realização de pesquisas sobre Sociabilidades Adolescentes em todo o seu território. Como nos integramos a um programa que mantém uma tradição em estudos voltados para a educação no campo e educação do campo e à educação ribeirinha, um caminho interessante para a pesquisa neste programa pode estar no estudo das sociabilidades de adolescentes do sexo feminino, vítimas de escarpelamento motivado pela imprudência de condutores de embarcação que mantem o eixo do motor de seus barcos sem a devida proteção; pois, estas adolescentes, ao voltarem para a escola, quando voltam, são obrigadas a conviverem com a nova condição, entre os demais estudantes que valorizam a imagem como marca de sociabilidade dentro dos espaços escolares⁷⁷. Outro caminho investigativo diz respeito à análise da influência do sotaque interiorano ou “caboclo” paraense nas relações de sociabilidades adolescentes na escola básica da capital do estado, a cidade de Belém do Pará; e como este fenômeno linguístico pode resultar em ridicularização e exclusão de sujeitos, conhecidos como “caboclos”, do meio social.

Esta temática vai muito além de um preconceito meramente linguístico (BAGNO,1999), pois nos sinaliza a existência de um o preconceito social, visto que

⁷⁷ Sobre as sociabilidades ver artigo de BASSALO, L. M. B; ALMEIDA; Edwana Nauar de. “Joga Ela Fora”: Um Estudo Sócio-Educacional Sobre o Escarpelamento de Mulheres/Meninas Ribeirinhas. Anais da VI Jornada de Pós-Graduação da Faculdade Integrada Brasil Amazônia. Belém: set. 27-28, 2013. P.136. Disponível em: << <http://fibrapara.edu.br/docs/54-anais-6.pdf>>>.

a escola, ao privilegiar a língua padrão como certa e condenar ao erro seus “desvios” no caso apresentado, o sotaque interiorano ou “caboclo” paraense, revela a superioridade do erudito sobre o popular, logo, a influência de hierarquias herdadas de uma escola tradicional, aristocrática, portanto, centrada na valorização de uma cultura de maior capital cultural, econômico e também dominante, em detrimento de culturas consideradas inferiores, marcadas socialmente através da linguagem e reforçando o ideário popular que nos revela a existência de um lugar social atribuído ao caboclo paraense a partir de um contínuo.

Tomemos primeiro como base o contínuo de urbanização. Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto da escrita, também chamado ortografia do padrão correto da pronúncia, também chamado ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas. Enquanto os falares rurais ficavam muito isolados pela dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam a influência de agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola. Nas cidades também se desenvolvia o comércio e, depois, a indústria; ali se instalavam as repartições públicas civis e militares, as organizações religiosas e outras instituições sociais que são depositárias e implementadoras de culturas de letramento. No âmbito dessas instituições, são usados preferencialmente estilos monitorados da língua tanto na modalidade escrita quanto na oral. Conforme nós já vimos, há domínios sociais onde predomina uma cultura de oralidade, por exemplo, o domínio do lar, e há outros como o domínio da escola, dos hospitais, dos escritórios, das repartições públicas, dos cartórios, etc., onde predominam culturas de letramento (BORTONI-RICARDO, 2004, p.51-52).

A proposta do estudo do sotaque paraense como marca de sociabilidade entre adolescentes, justifica-se pelo constante desafio de superar o preconceito e as situações jocosas as quais são submetidos os(as) falantes desta modalidade linguística dentro dos espaços de letramento, em especial a Escola Básica. Justifica-se também pelo aumento da produção interativa digital, realizado por jovens, sobre conteúdo relativos à cultura paraense, onde o sotaque caboclo surge como principal característica privilegiada, principalmente em canais do *youtube* direcionados ao público adolescente e cada vez mais populares entre os assuntos privilegiados por este público.

A Resolução n. 2 de 1º de julho de 2015 (BRASIL, 2015), que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de

segunda licenciatura) e para a formação continuada, atentam para a necessidade de um currículo voltado para a valorização da identidade sociocultural dos estudantes, bem como a realidade concreta em que vivem e se relacionam com a escola e com a cultura. Esta resolução também nos apresenta em seu Aet. 3º, § 5º, os princípios da formação do magistério da educação Básica, nos quais se encontram:

Art. 3º

(...)

§5º. São princípios da Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica:

(...)

XI - a compreensão dos profissionais do magistério como agentes formativos de cultura e da necessidade de seu acesso permanente às informações, vivência e atualização culturais.

§ 6º O projeto de formação deve ser elaborado e desenvolvido por meio da articulação entre a instituição de educação superior e o sistema de educação básica, envolvendo a consolidação de fóruns estaduais e distrital permanentes de apoio à formação docente, em regime de colaboração, e deve contemplar:

- I - sólida formação teórica e interdisciplinar dos profissionais;
 - II - a inserção dos estudantes de licenciatura nas instituições de educação básica da rede pública de ensino, espaço privilegiado da práxis docente;
 - III - o contexto educacional da região onde será desenvolvido;
 - IV - as atividades de socialização e a avaliação de seus impactos nesses contextos;
 - V - a ampliação e o aperfeiçoamento do uso da Língua Portuguesa e da capacidade comunicativa, oral e escrita, como elementos fundamentais da formação dos professores, e da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras);
- (BRASIL, 2015, p. 05);

Outro caminho investigativo sobre as sociabilidades adolescentes nas Escolas da região norte do Brasil, que também é extremamente necessário, devido sua relevância social, diz respeito às sociabilidades de adolescentes homossexuais e transgêneros na escola, em como a escola pode atuar como facilitadora de garantias de permanência digna desses adolescentes na escola até a conclusão de seus estudos e, assim, permitir que mais sujeitos homossexuais e transgêneros possam ter uma realidade diferente daquela em que são obrigadas atualmente a viver, longe da escola e dependentes muitas vezes da exploração sexual de seus próprios corpos para viverem, já que não conseguem outro tipo de subsistência, seja por serem homossexuais ou transgêneros, seja por não terem formação mínima exigida para disputar uma vaga de emprego no mercado de trabalho.

A proposta de estudo das sociabilidades de adolescentes homossexuais e transgêneros na escola justifica-se pela necessidade de combater um problema grave que é a homofobia neste país, apontado recentemente como o que mais mata pessoas homossexuais e transgêneros no mundo e, contraditoriamente, o que mais “consome” estes sujeitos no mercado da prostituição e a cidade de Belém não foge à esta dura realidade⁷⁸. Justifica-se também pela necessidade de fazer da escola um espaço de conscientização e de formação cidadã, no sentido de valorização da vida e dos direitos, nossos e do(a) outro(a). Isso exige um certo repertório teórico por parte dos professores, repertório este que deve ser construído desde a formação inicial, conforme o que nos apresenta a resolução n. 2, de 1º de julho de 2015, em seu Art. 8º, sobre as aptidões esperadas dos(as) professores(as):

Art. 8º - O(A) egresso(a) dos cursos de formação inicial em nível superior deverá, portanto, estar apto a

(...)

VII - identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;

VIII - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras (BRASIL, 2015, p. 07-08).

⁷⁸ Em Belém, dados do Movimento LGBT do Estado mostram que somente em 2009 pelo menos seis travestis foram mortos na região metropolitana. Em junho de 2012, três travestis foram baleadas por dois homens o que resultou na morte da travesti Bianca no local, as outras duas, Letícia (registrada com o nome de Renilson Cabral Ribeiro, 31 anos) e Elóia (Leandro Oliveira Matos, 24 anos), tiveram ferimentos graves e foram encaminhadas para atendimento emergencial no Hospital Metropolitano, na cidade de Ananindeua, próxima à capital Belém. Meses depois, em outubro, mais uma travesti foi encontrada morta a tiros na estrada do centro de abastecimento da cidade de Belém - Ceasa, no bairro periférico do Curió-Utinga. Ela tinha 18 anos e se chamava Emerson Moraes Costa, mas usava Raica como nome social e estipula-se que morta após a realização de um programa onde o pagamento foi seu assassinato. E em dezembro de 2012, na ilha de Mosqueiro, distrito de Belém do Pará, o menor de idade identificado aqui apenas como “P” fora atraído, através da internet, para uma emboscada onde foi, amarrado, humilhado, violentado, esfaqueado e deixado agonizando até a morte chocando os moradores da pequena cidade litorânea carinhosamente chamada de “bucólica”. Quando “P” foi encontrado ainda estava com vida, porém, como estava sem roupa e apresentava estar naquela situação por manter relações sexuais com outro(s) homem(ns), consensual ou não, a ele foi negado o direito ao Socorro unicamente por ser visto como gay, como se fosse um castigo por sua possível condição sexual. Esses casos servem para nos alertar que algo precisa ser feito, e com urgência, para a luta contra a ideologia homofóbica em nossa sociedade e na escola não pode e nem deve ficar inerte a esta luta. Além destes, muitos outros casos se quer foram registrados, pois ainda trata-se de um assunto que não gera estatística. Muitas pessoas homossexuais e transgêneros são agredidas diariamente, mas temem denunciar o agressor que às vezes está bem próximo, seja na família, seja na vizinhança ou seja na própria escola, por saberem que nada será feito pelas autoridades policiais além de reforçarem o constrangimento a que homossexuais e transgêneros conhecem há muito tempo.

Inclinamos nossas sugestões de caminhos para a pesquisa sobre a temática das Sociabilidades Adolescentes a temas relevantes de nossa contemporaneidade, especificamente da realidade teórica do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, ao qual somos vinculados, mas que podem ser adaptados à realidade sociocultural de outras regiões do país. A temática das sociabilidades adolescentes nos apresenta muitos outros caminhos possíveis para a pesquisa científica e precisa ser estimulada, principalmente nos Programas de pós-graduação da região Norte do país que por muito tempo manteve-se inerte na produção deste conhecimento, sem atentar para o fato de que, conhecer nossos estudantes adolescentes, suas formas de sociabilidade e suas relações com a Escola Básica é fundamental para a formação docente, logo, é fundamental para nossa atuação enquanto professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas ponderações finais pretendem não apenas retomar algumas das questões mais relevantes desta pesquisa como a de que a Escola Básica surge como espaço de sociabilidades e de hierarquias resultantes do processo de interação humana, em seus diversos processos históricos, e que estas atuam na manutenção do poder de um grupo específico sobre os demais dentro do espaço escolar. Mas também pretendem funcionar como instrumento norteador de novas reflexões sobre um ensino de adolescentes favorável ao desenvolvimento de suas sociabilidades nos espaços escolares sem que a Escola Básica brasileira perca sua função principal de ensinar e formar conhecimentos.

De maneira geral podemos afirmar que as pesquisas analisadas divergem em muitos pontos que vão da demarcação etária de seus sujeitos, já que alguns trabalham com adolescentes (sujeitos entre 12 e 18 anos) e outros com jovens (sujeitos de 12 a 21 anos, em que alocam a adolescência como um “subgrupo” de um grupo maior: a juventude); passando pelos métodos utilizados nas pesquisas que também são um ponto de divergência, indicando, inclusive, uma falha estrutural no entendimento de alguns autores entre método e metodologia científica; apontando a violência como principal agente determinante de sociabilidades adolescentes nos espaços escolares; e chegando ao uso da temática das sociabilidades em alguns trabalhos, apenas como mote para o desenvolvimento de outros temas, chegando inclusive a ser mencionada, por alguns(mas) autores(as), apenas no título e no resumo de seus trabalhos.

Vimos que há a predominância de estudos sobre sociabilidade adolescentes na Escola Básica nos campos de conhecimento ligados às humanidades, especificamente no campo da Educação; defendidos entre os anos de 2004 e 2013, no entanto, também vimos que nem todos(as) os(as) autores(as) destas pesquisas atuam ou atuaram profissionalmente, exclusivamente, na Escola Básica, o que nos leva ao questionamento sobre o que podem fazer de forma eficaz pelo objeto de seus estudos, isto é, quais suas contribuições efetivas para a facilitação das sociabilidades entre adolescentes escolares.

Por outro lado, não negamos a importância destes trabalhos para a reflexão sobre as sociabilidades vividas entre adolescentes na Escola Básica brasileira, pois os(as) autores(as) enfatizam a importância da permanência destes adolescentes na

escola e atentam para o papel da Escola Básica enquanto instituição formativa, sobre as sociabilidades desenvolvidas no interior desta instituição e suas influências no desempenho escolar destes estudantes, pois entendem a escola como espaço social comum voltado não apenas para a escolarização, mas também para as sociabilidades.

A Escola Básica brasileira é apontada implicitamente, nos trabalhos analisados, como uma instituição de reprodução de hierarquias, uma instituição que não consegue acompanhar as mudanças atuais do mundo moderno, e, por não conhecer seus estudantes, seus gostos e interesses, sobre a forma como se relacionam atualmente; atrelado ao fato de pouco refletir sobre o ensino para adolescentes e as necessidades básicas de constituição social destes; não consegue visualizar, logo, muito menos atender aos constantes pedidos de socorro de seus estudantes, ficando, assim, impotente, muitas vezes sem saber que atitudes tomar (ou quando as toma, o faz de forma ineficiente) contra os crescentes índices de violência física e simbólica, correntes no cotidiano escolar e que caminham para a naturalização de um estado de caos educacional, o que amplia o desafio diário de tornar a escola mais coerente com a realidade dos adolescentes do século XXI, e isso implica a busca por equalização dos conflitos correntes em suas relações de sociabilidades de estudantes com seus pares na escola, com suas respectivas famílias e com a própria escola.

Neste sentido, compreende-se a necessidade de estudarmos mais de perto como se dão as relações de sociabilidades entre adolescentes na escola Básica, principalmente nesse momento em que as relações se dividem entre o social e o virtual; e, assim, identificar como se constroem as hierarquias que norteiam as aproximações entre grupos e a exclusão dos “estranhos no ninho”, mapear os problemas resultantes dessas sociabilidades e traçar metas para corrigi-los, aperfeiçoando assim, o processo formativo desses adolescentes e de suas redes de socialização nos espaços escolares, sejam eles formativos ou não. É preciso também que a escola aprenda a ver seus/suas estudantes como seres que precisam interagir, socializar, estabelecer laços com outros seres de igual necessidade, muitas vezes longe da rigidez das fileiras das carteiras escolares.

Acreditamos na importância das pesquisas sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica brasileira, tanto que, neste trabalho, além de apresentarmos o mapeamento das Teses e Dissertações produzidas e defendidas entre 2004 e 2013,

nos Programas de Pós-graduação do Brasil, sobre esta temática, também apresentamos as lacunas, através dos “não ditos” presentes nos trabalhos analisados, tais quais a investigação das sociabilidades a partir dos laços de afeto e momentos de refeição, a partir da relação com a imagem do próprio corpo e como determinante de agrupamentos em grupos de estudos e nas atividades esportivas das aulas de Educação Física; a influência das sociabilidades realizadas nas redes sociais sobre as sociabilidades estabelecidas no cotidiano escolar. Também sinalizamos caminhos investigativos e específicos para a realidade dos programas de Pós-graduação em Educação da região Norte, em especial para o Programa ao qual estamos vinculados, pautado na investigação das sociabilidades adolescentes a partir da (des)valorização de sujeitos advindos do interior do estado ou mesmo ribeirinhos das ilhas próximas a cidade de Belém, popularmente conhecidos como “caboclos” que vem estudar nas escolas da cidade; e também, de forma mais geral, investigar as sociabilidades de adolescentes homossexuais e transgêneros nas escolas, de forma a combater o preconceito e fomentar o debate sobre igualdade, homofobia/transfobia e assim, fazer da escola um espaço de conscientização e de formação cidadã no sentido de valorização da vida e dos direitos, nossos e do(a) outro(a), saberes estes que, segundo a Resolução n. 2 de 1 de julho de 2015, devem constituir o repertório teórico da formação inicial e continuada de professores(as) brasileiros(as).

Por fim, enfatizamos a adolescência como um período importante na formação de nossas identidades, pois nela ocorre boa parte da formação de nosso caráter, a partir da construção de nossos grupos extrafamiliares, em busca de pertencimento, compreensão, cumplicidade, aceitação social entre novos pares. Também enfatizamos a importância de uma formação de professores, tanto inicial quanto continuada, voltada para o enfrentamento das demandas advindas dessa fase da vida e para a promoção de uma transformação em seu fazer pedagógico que resulte em uma mudança efetiva e também qualitativa no processo de ensino-aprendizagem cotidiano da Escola Básica e ratificamos a urgência de conhecer nossos estudantes adolescentes, suas formas de sociabilidade e suas relações com a Escola Básica para, de posse de tal conhecimento, traçarmos as melhores estratégias de nossa atuação docente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F.M.B; ALVES, E.M; CRUZ, M.P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de *habitus* na Obra de Pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia** v.1, n.1, jan-jun 2009. Disponível em: <<http://revistascientificas.ifrj.edu.br:8080/revista/index.php/revistapct/article/viewFile/14/14>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

ARAÚJO, Maria Dolores Pinto. **Escola, criança favelada e processos de socialização**: estudo sobre padrões de socialização no ambiente familiar e na escola. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2009.

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

_____.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRANTES, Pedro. **Os Sentidos da Escola**: Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade. Oeiras: Celta Editora, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São. Paulo: edições Loyola, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARBOSA, Daniele de Souza. **“Tamo Junto e Misturado!”**: um estudo sobre sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. 2007.191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2007.

ASSALO, Lucélia. M. B; FURTADO, Luisa Escher. **Gênero e Psicologia Social**: algumas aproximações. In: XIV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2007, Rio de Janeiro. Anais XIV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2007.

BASSALO, Lucélia M. B.. **juventude@resistências a heteronormatividade.com.br**. In: 4.º Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: composições e desafios para formação docente, 2009, Rio Grande. Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: composições e desafios para formação docente. Rio Grande: FURG, 2009.

BASSALO, Lucélia M. B.. **Juventude e feminismo**. In: Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, 2010, Minas Gerais. Juventude Contemporânea um mosaico de possibilidades, 2010.

BASSALO, Lucélia M. B.. Jovens **mulheres, internautas feministas**: um estudo sobre os sentidos e significados acerca das relações de gênero e geração. In: XXIX Congresso ALAS - Crisis y Emergencias Sociales en América latina, 2013, Santiago - Chile. XXIX Congresso ALAS. Santiago: XXIX Congresso ALAS CHILE, 2013. p. 1-9.

BASSALO, Lucélia M. B.. **Igualdade ou Heteronormatividade? jovens mulheres comunicando sentidos, formando significados**. In: 37a Reunião Nacional da ANPED, 2015, Florianópolis. 37a Reunião Nacional da ANPED, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKER, D. **O que é a Adolescência?**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BÉVORT, evelyne, BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 de nov. 2016.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Ensaio Geral, 1).

BORTONI-RICARDO, S. **Educação em língua materna: a Sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

_____. **Escritos de Educação**. 15. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

_____. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996.

_____. **A Dominação Masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas: o que o falar quer dizer**. Prefácio Sérgio Miceli. Tradução Sérgio Miceli *et. al.* São Paulo: Ática, 1996.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas: o que o falar quer dizer**. e. ed. Prefácio Sérgio Miceli. Tradução Sérgio Miceli *et. al.* São Paulo: Ática, 2003.

BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Lei nº 10. 639 de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” o currículo da rede do ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

_____. **Resolução n. 2, de 1º de julho de 2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília, 2015.

BRUM, Dalva Marisa Ribas. **Expressões Juvenis na Cultura Escolar:** um olhar para a escola pública. 2004. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CALLEGARO, Carlos Augusto. **Juventude(s) e escola:** suas culturas em diálogo. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2007.

CATANI, Afrânio Mendes; GIGLIOTI, Renado de Souza Porto. **Culturas Juvenis:** múltiplos olhares. São Paulo: Editora da UNESP, Coleção paradidáticos (Série Cultura), 2004.

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Silvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas.** Rio de Janeiro/RJ: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A cor Ausente:** um estudo sobre a presença do negro na formação de professores – Pará, 1970-1989. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

_____; COELHO, Mauro Cezar. **Lugar de Formação:** A produção Intelectual Sobre Ensino de História na Pós-Graduação Stricto Sensu na Região Norte. Revista História & Ensino, Londrina, v.21, n.2, p. 181-207, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://ufpa.academia.edu/WilmadeNazar%C3%A9Ba%C3%ADaCoelho>>. Acesso em: 07 de novembro de 2016.

_____; COELHO, Mauro Cezar. Preconceito e Discriminação para Além da Sala de Aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar. In.: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia Maria Pedroso; SILVA, Carlos Ademir Farias da. (Org.). **Formação de Professores, livro didático e Escola Básica.** São Paulo: Livraria da Física, 2016 A.

_____; SILVA, Carlos Ademir Farias da. Preconceito, Discriminação e Sociabilidades na Escola Básica. In.: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia Maria Pedroso; SILVA, Carlos Ademir Farias da. (Org.). **Formação de Professores, livro didático e Escola Básica.** São Paulo: Livraria da Física, 2016 B.

_____. **Formação de Professores no Brasil:** notas e contextos. Revista Documento/monumento. Vol. 15.N.1. set. 2015. Disponível em: <<https://ufpa.academia.edu/WilmadeNazar%C3%A9Ba%C3%ADaCoelho>>. Acesso em: 07 de novembro de 2016.

_____ ; COELHO, Mauro Cezar. Hierarquias em Perspectiva na escola: música, raça e preconceito no ensino fundamental. In.: _____ ; COELHO, Mauro Cezar . (Org.). **Trajetórias da Diversidade na Formação, Patrimônio e Identidade**. São Paulo: Livraria da Física, 2012

_____ ; COELHO, M. C. Sociabilidades e Hierarquias no Ensino Fundamental: música, cor e preconceito. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. (Org.). **ENSINO E PESQUISA: investigações sobre a educação das relações étnico-raciais**. 1. ed. Belém: Editora Açaí, 2013, v. 1, p. 11-35.

_____ ; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. A Lei nº 10.639/03 e a Formação de Professores: trajetória e perspectivas. **Revista da ABPN** . v. 5. n. 11. jul.–out. 2013. p. 29-54. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/398/283>>. Acesso em: 01 mai. 2016.

_____ ; COELHO, Mauro Cezar. **Entre Virtudes e Vícios: educação, sociabilidades, core e ensino de História**. São Paulo: Livraria da Física, 2014

DAYRELL, Juarez. **A Música Entra em Cena: O Rap e o Funk na Socialização da Juventude em Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2001. 412 f.

_____ ; **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Revista de Estudios sobre juventud, México, 9. ed, n. 22, p. 296-313, jan.-jun, 2005.

DEBESSE, M. **A Adolescência**. São Paulo: Europa-América, 1946.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. **A socialização e a formação escolar**. Revista Lua Nova nº.40-41 São Paulo Aug. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451997000200011#nt>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016.

ENQUITA, Mariano Fernández. Organização Escolar e Modelo Profissional. In.: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). **Formação Continuada e Gestão da Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FERRÃO, Aline de Araújo. **A violência na Escola e o seu papel de Socialização**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2011.

FERREIRA, N. S. A. As Pesquisas denominadas “estado da Arte”. Educação & Sociabilidade, campinas, V 23, n 79, 2002. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>>. Acesso em: 23 de abril de 2016.

FERREIRA, Antônio Eustáquio. **Função Paterna e Sociabilidade Violenta em Jovens escolares**. 2012. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de

Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

FORSÉ, Michel. **Les réseaux de sociabilité**: um état des lieux. In: *L'Année sociologique*, n. 41, 1991

FRÚGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Sandra Regina Netz (trad.). 6a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educação Musical e Sociabilidade**: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960. 2007. 333 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GONÇALVES, R. PATRÍCIO E V.. **Facebook**: rede social educativa? <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf> 2010. Acesso em: 14 de novembro de 2016.

HENN, Roanldo Cesar, et.al. **Transformações do Acontecimento nas redes Sociais**: das mobilizações contra a homofobia à crise de dupla sertaneja. *Brazilian Journalism Research: Mídias Digitais, Convergências e Prática Jornalística: desafios e perspectivas*. V. 8. N°1, 2012.

HÉRAN, François. La sociabilité, une pratique culturelle. In: **Economie et statistique**, n. 216, 1988. Disponível em: <<[HTTP://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1988_num_216_1_5267](http://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1988_num_216_1_5267). Acesso em: 16 de jun de 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2014. Brasília: MEC, 2014.

JUNQUEIRA, R.D. **Homofobia**: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas*, Natal, v.1, n.1, jul./dez.2007.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**: as razões do improvável. São Paulo Ática, 1997.

LEITE, Gelson Antonio. **Juventude e Socialização**: os modos do ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte - MG. 2011.190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996;

_____. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1997;

_____. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998;

_____. **A máquina universo**. Porto Alegre: ArtMed, 1998;

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

LIMA, Emanuel José Batista de. **Adolescentes e Jovens e suas Bases de Apoio: relações de amizade com suporte social no enfrentamento à violência**. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

LOPES, João Teixeira; DIAS, Isabel. Representações estudantis da família e dos amigos: contributos para uma sociologia dos afectos. In: **Sociologia** – Revista da Faculdade de Letras, n. 6, Porto, 1996.

LOPES, João Teixeira. **Tristes Escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano**. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

MAYER, H. Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In M. R. Cardoso (org). **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001. pp. 81-101.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Adolescente no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar à periferia urbana**. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

MEIRELLES, Mauro. **As Redes que se Tecem nas Escolas Públicas de Ensino Médio de Porto Alegre: o uso das tecnologias digitais e construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica**. 2005. 309 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MELO, Maria Tereza Leitão de. **O Chão da Escola: construção de afirmação da identidade**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, n. 5, p. 391-397, jul./dez. 2009. Disponível em: <<
<http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/31/191>>>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.

MONTEIRO, Roberta Araújo. **Desamparo e Intensidades em Ato na Adolescência: riscos ao devir**. 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Porto Alegre, 2011.

MONZELI, Gustavo Arthur. **Em Casa, na Pista ou na Escola é Tanto Babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis**. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Educacional) – Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

MORAES, Ulisses Quadros de. **Pierre Bourdieu: campo, habitus e capital simbólico**. Um método de análise para as políticas públicas para a música popular e a

produção musical em Curitiba (1971 – 1983). Anais do V Fórum de Pesquisa Científica em Arte Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2006 -2007. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/ulisses_moraes.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2016.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Pedagogia da Cultura Corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2008.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002.

NÓVOA, Antônio. **Desafios do Trabalho do Professor no Mundo Contemporâneo**. São Paulo: SINPRO-SP, 2007.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. **Na “Periferia” da Quadra**: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. Análise sociológica, v. 25, n. 105-106, 1990.

PIOVANI, Verônica Gabriela Silva. **Escola, Tecnologia e Sociabilidade na Educação Física**: intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do Plano CEIBAL e do PROUCA. 2012. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

POUZAS, Ubiratan Santos. **Lazer, Juventude E Ensino Médio/Técnico**: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sobre o mesmo nome. In.: BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Ensaio Geral, 1).

RAMIREZ, Rosa Eulógia. **Perfil dos Valores Juvenis Contemporâneos**: uma análise comparativa entre escolas particulares e públicas da capital e do interior do Estado do Rio Grande do Sul. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

RIBEIRO, Célia Carlota Rodrigues Pereira Marques. **Relações de Sociabilidade entre adolescentes em contexto escolar**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Escola Superior de Educação de Paula Francinetti: Porto, Portugal, 2010. 152 f.

RODRIGUES, Anderson Patrick. **“QUE TIME É TEU?”**: um debate sobre homofobia nas aulas de Educação Física. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Pará, 2013.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **A Emergência da Concepção Moderna de Infância e Adolescência**: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. 1996. Xxx f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

SANTOS, Félix Requena. **Amigos y redes sociales**: elementos para uma sociología de la amistad. Madrid: Centro de investigaciones sociológicas, 1994.

SANTOS, Claudemir José dos. **Futebol se Aprende na Escola**: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A socialização como fato social total**: notas introdutórias sobre a teoria do habitus., Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 41 maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000200008>. Acesso em: 16 Jun 2016.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (org.), **Simmel**. São Paulo: Ática, (Coleção Grandes Cientistas Sociais), 1983.

SILVA, Gilda Odinto do Valle. **Cultural Capital, Classe e Gênero em Bourdieu**. INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. v.l, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **As relações étnico-raciais precisam ser reeducadas para que de fato todas as pessoas possam exercer plenamente a sua cidadania**. Entrevista Informativo da FAI-UFSCar. Setembro/Outubro de 2012. Disponível em: <<<http://www.fai.ufscar.br:8080/noticias/201cas-relacoes-etnico-raciais-precisam-ser-reeducadas-para-que-de-fato-todas-as-pessoas-possam-exercer-plenamente-a-sua-cidadania201c>>>. Acesso em: 11 de março 2016.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de Pensar a Sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu. **Revista Ars Historica**. Jan. /Jun. 2014, p. 139.151.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua**: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social; Rev. Sociol. USP,S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993 (editado em nov. 1994)

TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. **Escola, Juventude e Violência**: um estudo no ensino médio. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

THIJM, Franklin Eduard Auad. **O que Dizem Teses e Dissertações sobre Relações Étnico-raciais em Educação (2004-2013)**. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará – Belém, 2014.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. **Educação Física Escolar e Relações De Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos**. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Física) - Universidade Estadual De Campinas, 2012.

VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. Educação e Sociedade, Ano XXIII, nº78, abril de 2002. Disponível em: <[HTTP://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0101-7330200200020006](http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0101-7330200200020006)>. Acesso em 16 de junho de 2016.

VILLAS, Sara. **Formas de Sociabilidade entre Alunos de uma Escola de Ensino Médio/Técnico**. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

VIEIRA, Inês Almeida. **“Delicadeza e Espírito de Grupo”**: o basquetebol como invenção cultural. 2009. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal do Ceará, 2009.

WACQUANT, Löiq J.D. **O legado sociológico de Pierre Bourdieu**: duas dimensões de uma nota pessoal. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 19, p. 95-110, nov. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n19/14625.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANEXOS

ANEXO A - Resumo das Teses sobre a temática da Sociabilidade Adolescente na Escola Básica.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Adolescente no pátio, outra maneira de viver a escola**: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar à periferia urbana. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

O objetivo deste trabalho é investigar a sociabilidade praticada por adolescentes da periferia urbana da cidade de Porto Alegre, considerando seus jeitos de viver a escola e a inserção escolar, através da análise das memórias individual e coletiva. O foco do estudo está relacionado ao fenômeno de alguns adolescentes, entre 12 e 18 anos de idade, que vão à escola, mas resistem em participar das aulas, circulando espaços institucionais ou, simplesmente, passando a maior parte do tempo no pátio.

O recorte sobre a realidade pesquisada foi delimitado pela opção em estudar um fato ligado à vivência da adolescência na periferia urbana dentro dos marcos da instituição escolar. Os conceitos de sociabilidade, processos de socialização e de escolarização, identização, memórias individual e coletiva, adolescência e periferia urbana, escola como espaço sociocultural foram articulados numa composição de atores vinculados ao campo das ciências sociais, especialmente da sociologia, da antropologia e da ciência da educação.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, articulando práticas metodológicas como observações, entrevistas abertas e grupos de discussão.

A tese desenvolvida é a de que os processos de escolarização dos adolescentes de periferia urbana, cuja característica central é a circulação pelos espaços escolares, evidenciam a escola como um espaço, no qual se pratica preferencialmente a sociabilidade, e apontam para um rearranjo nas relações de poder presentes na mesma.

Palavras-chave: adolescência, escola, sociabilidade.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educação Musical e Sociabilidade**: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960. 2007. 333 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

Esta tese propôs-se a investigar e compreender como se constituía e estava constituída uma sociabilidade pedagógico-musical em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia, nas décadas de 1940 a 1960. Dos vários espaços, seis ganharam destaque nas entrevistas e documentos pesquisados: a Banda Municipal de Música, a aula particular de música, a escola, o Conjunto Orquestral do Liceu, a Banda Lira Feminina Uberlandense e o Conservatório musical de Uberlândia. Os tipos ou formas de sociabilidade estabelecidos nesses espaços, quando se ensinava/aprendia música, foram estudados utilizando a História Oral como método, combinando as fontes orais com fontes escritas e icnográficas. A partir dos relatos orais foi possível “entrar” no cotidiano da aula de música, compreender meandros da prática pedagógico-musical nos “jeitos” de ensinar/aprender música, nos conteúdos, no repertório, bem como no tipo de interação na qual cada agente estava envolvido: seja quando ensinava/aprendia, seja quando se tocava em conjunto ou individualmente, ou quando se apresentava na cidade ou fora dela. Considerando que cada espaço se organizava em torno de determinadas práticas pedagógico-musicais, ideias, valores, gostos é possível afirmar que cada um tinha uma produção e divulgação pedagógico-musical que mantinha suas especificidades. No entanto, quando se pensa em uma sociabilidade pedagógico-musical em uma visão mais macro é possível dizer ainda que tanto a produção quanto a divulgação pedagógico-musical têm suas regularidades no processo interativo de se ensinar/aprender música na cidade de Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960.

Palavras-chave: educação musical, sociabilidade, espaços de ensinar/aprender música; História Oral.

VIEIRA, Inês Almeida. “**Delicadeza e Espírito de Grupo**”: o basquetebol como invenção cultural. 2009. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal do Ceará, 2009.

O principal intuito deste estudo focaliza a sociabilidade entre os jogadores de basquete, enfatizando a construção e difusão do espírito de equipe, principalmente, entre jovens. A pesquisa é de abordagem interdisciplinar e se baseia em estudos sócio-históricos e antropológicos, para explicar como a dinâmica do basquete projeta aspectos da competição social em que ela está inserida, tais como a máxima “do sentido de equipe”, enfatizada em vários dos mecanismos de sua estrutura de encenação em quadra. Essa dinâmica pode ser vista como uma metáfora da realidade, ordenadora disputa regulada, cujo resultado sinaliza os processos de sociabilidade lúdica que fortalecem a perspectiva do trabalho em conjunto.

Apoie-me em conceitos como o de sociabilidade, de acordo com Simmel, para mostrar como se constrói e se difunde o sentido de equipe na dinâmica do basquete. A descrição das observações do jogo de basquetebol visou mostrar a construção dessa forma de sociabilidade entre seus participantes. A investigação analisou dois grupos: a escolinha do clube sócio recreativo BNB (Banco do Nordeste do Brasil) e a escola pública federal CEFET-Ce (Centro Federal de Educação Tecnológica). Essas organizações educacionais realizam, cada uma a seu modo, trabalho conjunto com jovens de ambos os sexos, em Fortaleza. Esta tese focaliza eventos vivenciados por atores desse jogo em atividades competitivas, ocorridas nesta década, iniciada em 2000, prolongando-se em 2009. Tais rituais são compreendidos a partir da perspectiva de Hobsbawm, dentre outros autores como Cuche e Peinaro. Segundo Hobsbawm, essas iniciativas têm a importância de fortalecer identidades culturais no contexto de suas trocas sociais através da incorporação e veiculação ou reinvenção de símbolos e de tradições dos grupos que incorporam essa prática.

A pesquisa de campo inclui entrevistas, observações diretas, com registro em diário de campo, fotografias, pesquisa documental, acesso a jornais, revistas, internet (trabalhos localizados em bibliotecas virtuais), etc. Além da coleta de informações junto aos atletas das duas instituições referidas, a investigação, considerou treinamentos e competições oficiais como Copa CEFET – 2006; Encontro Regional Anual dos CEFETs Norte e Nordeste, em 2005 e 2006; transmissões por meio de televisão, de competições nacionais e internacionais. Esta tese mostra o basquete como uma prática experimentada por diferentes grupos, na vida em sociedade, em diversos contextos históricos. O jogo tem sido apropriado por segmentos empresariais e filantrópicos para promover “programas sociais”. Por suas especificidades de princípios e propósitos de disciplinar o trabalho em grupo, reprimindo o abuso da força física é nomeado por adeptos de “o jogo da delicadeza”.

Palavras-chave: competição; “jogo da delicadeza”; identidade cultural; sociabilidade.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. **Na “Periferia” da Quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola.** 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

Os objetivos desta pesquisa estão delimitados pela compreensão da dinâmica cultural dos alunos que se situam à margem das aulas de Educação Física - na “periferia” da quadra -, análise da participação e apropriação das aulas de Educação Física por estes alunos, bem como a investigação dos fatores que permitem a existência do fenômeno da “periferia” da quadra. Para isso, o conceito de “periferia” da quadra não se restringiu somente ao significado de espaço físico dos arredores da quadra ou seus “cantos”, mas também como uma referência subjetiva aos tempos da aula de Educação Física vivenciados pelos alunos que se distanciaram da proposta inicial do professor. O método de pesquisa centrou-se na etnografia, sendo o trabalho de campo desenvolvido por 6 (seis) meses com uma turma de 7º ano de uma escola pública em suas aulas de Educação Física. Em termos de procedimentos metodológicos foram utilizados entrevistas semi-estruturadas, análise de documentos e, principalmente, a observação das aulas de Educação Física. O referencial teórico desta pesquisa está calcado nas Ciências Humanas, principalmente em autores e obras que dialogam com a Antropologia e com a Educação. A partir desse escopo, pode-se chegar à compreensão de que o fenômeno da “periferia” da quadra não foi exclusivo de alguns alunos ou grupos de alunos, mas vivenciado por toda a turma. Tal quadro se desenhou não por opção dos alunos, mas pela existência de três fatores que determinaram a “periferia” da quadra: prática pedagógica esportiva e, predominantemente, não-diretiva do professor de Educação Física, compreensão de que a Educação Física era um tempo e espaço menos rígido do processo educacional e a tradicional rigidez escolar. Assim, a “periferia” da quadra configurou-se como um pedaço (Magnani, 1984, 2002) situado entre os ditames escolares e o convívio social mais amplo do aluno na escola. Ante o exposto, a “periferia” da quadra permitiu a existência de uma rede de sociabilidade nas aulas de Educação Física, vivenciada a partir de três modelos de participação: pedacinho (im)praticante, pedacinho ativo e pedacinho flutuante. A sociabilidade vivenciada pelos alunos a partir desses pedacinhos, apesar de possibilitar a vivência de outras relações na escola, deu-se no limite do conformismo declarado, esboçado em conflitos de gênero, prática irrefletida do esporte e na compreensão da Educação Física como um momento de sair da rotina rígida da escola. Dessa forma, houve, por parte dos alunos, uma apropriação limitada, para não dizer ausente, dos conhecimentos da cultura corporal. Entretanto, mesmo inseridos num horizonte limitador de ensino-aprendizagem da Educação Física – na “periferia” da quadra -, os alunos esboçaram críticas às aulas de Educação Física, ao professor e a escola, além de apontarem algumas alternativas. Por fim, conclui-se que a intervenção docente é significativa para a superação da “periferia” da quadra, pois, ao professor, cabe a responsabilidade de provocar novos arranjos frente ao conhecimento dos alunos, para que estes, mais instrumentalizados, possam inserir-se no mundo de forma mais livre e autônoma.

Palavras-Chaves: Educação Física. Cultura. Escola. Diferença. Sociabilidade

FERREIRA, Antônio Eustáquio. **Função Paterna e Sociabilidade Violenta em Jovens escolares**. 2012. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

O suporte fundamental desta tese constituiu-se de psicanálise em situações sociais críticas, cujos instrumentos utilizados para pesquisa foram: entrevistas semiestruturadas para o estudo 1 e grupo focal para o estudo 2. Empreendemos a Análise do Discurso desenvolvida por Pêcheux (1983), Minayo (2000) e Orlandi (2005), bem como a investigação dos verbos modais “poder”, “querer”, “dever” e “ter que/ter de”, em seus variados modos, identificando como esses verbos, na forma utilizada pelos respondentes, se relacionam com as modalidades epistêmicas ou deônticas, conforme orientação de Santos (2000), Alves (2007) e Martins (2011). O objetivo principal desta pesquisa foi refletir como o modo pelos quais as transformações na família e o declínio do patriarcado pode haver influenciado o chamado “declínio da função paterna”, no seu sentido mais tradicional. Analisar aspectos relativos à emergência das concepções modernas de infância e adolescência, da sociedade, do narcisismo, como contribuíram para o “declínio do pai”, e como influenciaram o declínio da função paterna e subsidiaram a sociabilidade violenta dos jovens escolares. Especificamente, levantar informações acerca das ações consideradas violentas pelos jovens na escola; identificar fatores que contribuem para a violência escolar entre os jovens e verificar a relação entre sociabilidade violenta em jovens escolares e a função paterna. Como resultado pode-se concluir que as crianças e os jovens foram submetidos gradativamente à condição de sujeitos. Porém, as transformações na família e nos modos de lidar com os componentes, principalmente as crianças e os jovens, modificaram as relações entre pais e filhos. Novos “atores sociais” e o Estado interferem na vida familiar, ocupando o lugar de pai simbólico, substituindo a função dos progenitores e enfraquecendo a autoridade do pai e de sua função. Portanto, esse estudo nos leva a pensar que a violência considerada como produtora de sentidos é que norteia a atual sociabilidade violenta em jovens escolares, em razão do declínio da função paterna.

Palavras-chave: Função paterna; Violência; Sociabilidade violenta entre jovens escolares.

TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. **Escola, Juventude e Violência: um estudo no ensino médio.** 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

Este estudo está centrado na temática escola, juventude e violência. Seu propósito foi investigar a violência na, à e da escola, examinando as relações interpessoais que nela ocorrem, procurando captar a percepção do aluno a respeito do problema, na condição de quem a pratica, sofre ou apenas observa; quais são as formas de violência recorrentemente praticadas e sofridas pelos jovens-adolescentes na escola e o que os motiva a praticar esses atos, bem como quais são as representações que possuem a cerca da instituição escolar, particularmente, do Ensino Médio. Para o encaminhamento da investigação, fez-se uso de uma abordagem quanti-qualitativa, numa perspectiva interpretativa. A pesquisa foi desenvolvida em três fases e como instrumentos para coleta de dados foram utilizados questionário, grupo focal e entrevista. Os jovens que frequentavam o Ensino Médio Regular na rede pública estadual na cidade de Ponta Grossa – PR, foram a população alvo da pesquisa, sendo que no ano de 2011, quando os dados foram coletados, eram 9.678 jovens em 23 escolas. Na primeira etapa, houve a composição da amostra que representasse o universo pesquisado, o que levou a aplicação de 428 questionários junto aos jovens estudantes de nove escolas localizadas em regiões distintas da cidade. Em um segundo momento foram realizados dois grupos focais com dois encontros cada, dos quais participaram 12 estudantes e, por fim, na terceira etapa, foram realizadas nove entrevistas, em profundidade, com jovens adolescentes que já tivessem se envolvido (sofrido ou praticado) em alguma situação de violência no contexto escolar. Paralelamente, trabalhou-se na composição de um referencial teórico que pudesse parametrizar a análise dos resultados encontrados. A investigação revelou que as formas mais recorrentes de violência que os sujeitos *sofreram* foram: falta de respeito, agressões verbais e brincadeiras maldosas; *praticaram*: agressões verbais, falta de respeito e agressões físicas; *presenciaram*: agressões físicas entre alunos, ameaças/intimidações e vandalismo. Tais violências tem como principal cenário a sala de aula, com ou sem a presença do professor, sendo que o professor é a última pessoa a quem o aluno costuma recorrer quando sofre ou presencia situações de violência, o que sugere que as dinâmicas desse espaço podem estar gestando grande parte as violências que se manifestam na escola. A maioria das agressões são motivadas por causas que parecem seu fúteis e banais: fofocas, ciúme de namorado(a), provocações, esbarrões, implicâncias, brincadeiras de mau gosto, “olhares tortos” e ofensas mútuas. O enfrentamento das violências se dá de forma burocrática pela equipe pedagógica da escola através de advertências e registros em diversos livros-ata ou, então, acionando os policiais da patrulha escolar, não existindo programas preventivos. O diálogo é sugerido pelos estudantes como forma de gerir os conflitos, porém, inexistem canais institucionais que o propicie. A violência praticada e sofrida pelos jovens na escola tem consequências diretas sobre o processo de ensino-aprendizagem e pode ser interpretada como uma tentativa de restaurar, ou de conquistar, o que a falta de diálogo e de argumentação não foram capazes de resolver, instituindo-se como primeiro recurso a ser utilizado pelo agressor, ou

então, como único paradigma. O desrespeito à autoridade docente está intimamente relacionado ao não cumprimento do pacto implícito à relação pedagógica. Conclui-se que a escola precisa preocupar-se em fornecer aos jovens-adolescentes padrões adequados de interação e sociabilidade e trilhar o caminho da reinstitucionalização.

Palavras-chave: Violências e escola; Ensino Médio; Juventude; Autoridade; respeito.

ANEXO B - Resumo das Dissertações sobre a temática da Sociabilidade Adolescente na Escola Básica.

BRUM, Dalva Marisa Ribas. **Expressões Juvenis na Cultura Escolar**: um olhar para a escola pública. 2004. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. .

A presente pesquisa teve por objetivo analisar aspectos referentes às questões de gênero, classe e etnia presentes no Projeto Político Pedagógico, nas relações entre professores e alunos, e na cultura escolar cotidiana que evidenciam elementos orientadores de uma política cultural que reforçam as diferenças apontadas como objeto central dessa investigação e trazem à luz as práticas sociais escolares que reforçam preconceitos e conduzem a discriminações. Para a obtenção dos dados foram realizadas observações em sala de aula, aplicação de questionário com os alunos e entrevistas com professores/as e alunos/as da escola em estudo. A discussão teórica apresentou-se como um diálogo entre as teorias críticas e pós-críticas, na qual o pensamento dos autores Tomaz Tadeu da Silva e Henry Giroux estabeleceram-se como eixo central da discussão. Os resultados da pesquisa apontam para uma sociabilidade juvenil em transformação, na qual a escola como espaço produtor de significados tem, por um lado, reproduzido discursos e práticas discriminatórias, mas por outro lado, apresenta algumas resistências e caminhos que apontam para uma sociabilidade mais democrática e igualitária no que se refere a gênero, classe e etnia.

LIMA, Emanuel José Batista de. **Adolescentes e Jovens e suas Bases de Apoio**: relações de amizade com suporte social no enfrentamento à violência. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

Esta dissertação teve como objetivos mapear as bases de apoio familiares e comunitárias para adolescentes e jovens estudantes no bairro do Bom Pastor, Zona Oeste de Natal/RN e conhecer de que forma esses recursos são usados pelos adolescentes e jovens estudantes dessa comunidade. Bases de apoio referem-se tanto a atividades ou organizações formais quanto a formas de apoio espontâneas ou informais – redes de amizade e solidariedade, relações afetivas significativas na vida de crianças e jovens disponíveis na comunidade. Nossa discussão tem como base uma pesquisa realizada com 382 adolescentes e jovens estudantes da Escola Estadual Jean Mermoz, alunos do Ensino Fundamental II e Médio, com idade entre 13 e 24 anos. Focamos as situações de violência vivenciadas por esses estudantes, sejam elas ocorridas no âmbito familiar, ou na comunidade. Em relação a esse aspecto os participantes recorrem com mais frequência às bases de apoio informais, sobretudo os amigos, indicando eu as bases formais não e configuram como dispositivo de suporte social. A busca das bases informais aponta que as relações estabelecidas informalmente no espaço da rua. (quando procuram amigos, parentes ou vizinhos) têm mais ressonância, configurando-se como um lugar importante no qual há troca de valores e afetos. Pensar o fortalecimento desses laços sociais é importante e aponta para o enfraquecimento da lógica hegemônica voltada para a produção de sujeitos como identidades privatizadas, para o fortalecimento de uma ética comprometida com a desmontagem de uma sociabilidade ancorada no medo, na impotência, na redução dos espaços de circulação e de enfrentamento dos dispositivos montados para reforçar a exclusão social, a intolerância e a discriminação. Deve-se voltar para a construção da amizade como um sistema de reciprocidade, de trocas afetivas, como um espaço de agenciamento político e de produção de formas de vida potentes contra a anestesia social.

Palavras-chave: Adolescentes; Jovens; Violência; Bases de apoio; Amizade.

MEIRELLES, Mauro. **As Redes que se Tecem nas Escolas Públicas de Ensino Médio de Porto Alegre**: o uso das tecnologias digitais e construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica. 2005. 309 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Há diferenças significativas nos níveis de fluência digital entre os alunos da Rede Pública de Ensino de Porto Alegre em função de suas diferentes condições de acesso e utilização de computadores, conectividade e sociabilidade. Utilizamos uma atmosfera de 430 casos obtidos em 19 escolas da Rede Pública de Ensino como objetivo de mapear as relações tecidas na rede de interações entre agentes humanos e não-humanos que compõe o entorno das Escolas Estaduais de Ensino Médio. Para reconstruirmos as múltiplas relações que se estabelecem no processo de produção do conhecimento, utilizamos a ideia de rede sociotécnica, principalmente, no que se refere a interesses políticos, econômicos e sociais de grupos envolvidos, sobretudo à luz tal abordagem, a dimensão meramente instrumental da ciência. Trabalhamos com métodos estatísticos para o estabelecimento de indicadores de acessibilidade, usabilidade, interconectividade, sociabilidade fluência no uso do suporte informático. O conceito Weberiano de tipo ideal serviu de subsídio à construção de parâmetro de análise. Com o uso deste aporte metodológico-conceitual estabelecemos distâncias existentes entre diferentes pontos dessa rede de interações. Os indicadores permitiram identificar sete níveis distintos de fluência digital entre os alunos, sendo dois relacionados à acessibilidade (Não fluentes I e II) , dois à usabilidade do suporte e da internet (Não fluentes III e IV) e três relativos ao nível do domínio que estes possuem com relação à utilização do suporte informático (Fluente no Suporte Informático; Fluente Potencial; Fluente do Uso do Suporte Informático e das Tecnologias e da Informação e Comunicação).

CALLEGARO, Carlos Augusto. **Juventude(s) e escola**: suas culturas em diálogo. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2007.

Este trabalho analisa os grupos culturais juvenis como espaço de formação dos jovens e as possibilidades de suas autorias como elementos importantes na constituição de uma cultura da escola. Por meio de questionários e entrevistas organizou-se um diálogo com jovens e professores da escola, onde foi possível, com o escutar de suas falas, conhecer as características socioculturais destes jovens, seus pertencimentos a grupos, bem como, o significado que estes atribuem a escola. A pesquisa permitiu refletir sobre as vivências e as percepções juvenis sobre a sua condição e como são reconhecidos pelos professores da escola. Também, foi possível aprofundar uma compreensão sobre as situações de autorias vividas pelos jovens, sempre em torno de algumas categorias, como a sociabilidade, solidariedade e reconhecimento. A pesquisa possibilitou perceber que estes jovens, que emergem no cotidiano escolar e que se associam em grupos culturais juvenis, organizados de várias maneiras e em vários espaços, quando vistos, reconhecidos e respeitados, trazem elementos para dialogar com os diversos autores da vida escolar, construindo, dessa forma, suas autorias e conhecimentos que podem colaborar na constituição de uma nova cultura da escola.

Palavras-chave: Grupos culturais juvenis – cultura da escola – sociabilidade - autorias

SANTOS, Claudemir José dos. **Futebol se Aprende na Escola**: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

Nesta dissertação procuramos investigar o complexo processo de aprendizagem do futebol no Brasil, focando uma cidade mediado interior de São Paulo. Geralmente, tal processo é atribuído aos fatores mais essencializados que permeiam as representações do jogar 'a brasileira' (dom, jeito, inato) distanciando apreensão do fenômeno como uma construção simbólica e material essencialmente constitutivas. Procuraremos retomar essa discussão tendo como recorte empírico o fenômeno emergente das chamadas "escolinhas de futebol" (públicas e "privadas) como co-partícipes desse processo. Por um lado o surgimento dessas "escolinhas", nas décadas de 70 e 80, trouxe à tona a contraposição entre diferentes concepções sobre as formas de jogar, aprender e representar o futebol no país e, por outro lado, fomentou os investimentos de políticas sociais de lazer mais voltadas à juventude. Compreender esse processo é possibilitar, a partir do instrumental teórico, e metodológico das Ciências Sociais, a apreensão de uma importante faceta da sociabilidade esportiva disseminada em alguns centros urbanos brasileiros.

Palavras-chave: Futebol; Escolinhas de Futebol; Projetos Sociais; Antropologia

BARBOSA, Daniele de Souza. “**Tamo Junto e Misturado!**”: um estudo sobre sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. 2007.191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2007.

A pesquisa procurou compreender os significados que os jovens alunos atribuem à sociabilidade no cotidiano escolar e seus possíveis impactos na vivência escolar. Pretendeu-se ainda discutir as relações de sociabilidade entre os mesmos no cotidiano escolar, bem como identificar e analisar os espaços e tempos escolares utilizados pelo jovem aluno nas relações de sociabilidade.

Os conceitos de sociabilidade e juventude foram articulados numa composição de autores vinculados ao campo das ciências sociais, especialmente da Sociologia e da Educação.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, articulando práticas metodológicas de coleta de dados como observação participante, questionário, entrevistas abertas e sessões de grupo focal. A investigação foi realizada com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, de uma escola da rede estadual de ensino, localizada em um bairro de periferia, no município de Juiz de Fora, Minas Gerais.

A partir da vivência com os sujeitos pesquisados bem como dos relatos dos mesmos, pôde-se conhecer as dinâmicas em torno do cotidiano escolar dos jovens alunos. Foi possível assim, entender como se dão as relações de amizade, através da caracterização das turmas, bem como suas origens e sua ocupação espacial na instituição de ensino. Foi possível ainda apontar, através das posturas dos grupos, as interações presentes nas relações de sociabilidade dos jovens alunos. A partir delas, procuramos compreender os sentidos da escola atribuídos pelos agrupamentos e, através das estratégias construídas pelos mesmos, entender a relação existente entre esses sentidos e a amizade no interior da instituição de ensino.

Palavras- Chaves: Juventude, Sociabilidade, Escola.

RAMIREZ, Rosa Eulógia. **Perfil dos Valores Juvenis Contemporâneos**: uma análise comparativa entre escolas particulares e públicas da capital e do interior do Estado do Rio Grande do Sul. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

Partindo do entendimento de que os valores pessoais são considerados fatores de influência na conduta dos atores sociais e na definição dos seus objetivos de vida, este estudo busca compreender a postura dos jovens da sociedade contemporânea, a partir da conformação de seus valores. Para tanto, investiga-se o sistema de valores humanos presentes em estudantes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre e Uruguaiana, capital do estado do Rio Grande do Sul e cidade fronteira localizada no Noroeste do estado, respectivamente. A intenção é investigar se fatores como peculiaridades locais e das instituições de ensino, confessionais ou laicas, públicas ou privadas, em que estão inseridos, podem atenuar ou acentuar a predileção por determinados valores e conduzir certas condutas sociais da juventude. A metodologia teve como base a escala proposta por Milton Rokeach, *Rokeach Value Scale* (RVS), que permite organizar valores com relação à prioridade e importância atribuídas pelo jovem. No total, 400 alunos do terceiro ano do Ensino Médio de oito escolas participaram da pesquisa. A escola foi escolhida para ser o cenário da pesquisa, por se entender que além de um local de construção do saber, ela também se configura como um espaço de situações e interações sociais, que podem ser determinantes na conformação das identidades juvenis.

Palavras-chave: Juventude; Valores; Sociabilidades e Educação.

VILLAS, Sara. **Formas de Sociabilidade entre Alunos de uma Escola de Ensino Médio/Técnico**. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

O presente trabalho insere-se nos estudos da Sociologia da Educação e se propõe a uma investigação etnográfica sobre as formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico de uma instituição federal. A especificidade da dupla forma de ingresso nessa escola – por concurso, em que os alunos são divididos em três categorias socioeconômicas, ou por admissão automática de alunos egressos da escola de nível fundamental da mesma instituição – produz uma relativa heterogeneidade socioeconômica e cultural do corpo discente, impactando as formas de sociabilidade do grupo.

As questões que orientaram a investigação foram: quais as formas de sociabilidade entre os alunos na escola? Como as práticas culturais cotidianas e a relação com os estudos e com a escola interferem na formação dos grupos de afinidade? Qual o papel da escola, na contemporaneidade, como espaço primordial de sociabilidades?

Através da pesquisa empírica tentei produzir interpretações sociológicas para o fenômeno da sociabilidade no cotidiano escolar, bem como tornar inteligível a complexidade de que se revestem essas formas de relação. Os dados coletados na observação, nos grupos de discussão e no questionário foram analisados a partir de princípios teórico-metodológicos do Interacionismo Simbólico e da Etnometodologia. Para tal, baseei-me nos trabalhos de Héran (1988), Santos (1994) e Simmel (2006), no que se refere aos conceitos teóricos da sociabilidade e em Abrantes (2003), Dayrell (1999, 2001, 2004, 2007), Lopes (1996) e Willis (1991), com os estudos acerca da sociabilidade juvenil na escola.

A pesquisa revelou a significativa interferência das relações de amizade e dos grupos de afinidades na construção da identidade juvenil; o modo como a escola se constitui num espaço ímpar para fomentação de sociabilidades; a produção de estigmas e estereótipos gerados por diferenças de status perante a instituição e por formas díspares de relação com os estudos e com a escola. Foi possível, portanto, explicitar tanto a natureza social quanto contextual das formas de sociabilidade.

Palavras-Chaves: sociabilidade, juventude, escola.

ARAÚJO, Maria Dolores Pinto. **Escola, criança favelada e processos de socialização**: estudo sobre padrões de socialização no ambiente familiar e na escola. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2009.

O objetivo desta investigação, realizada em 2008, foi o de analisar as condutas sociais de alunos residentes em favelas, bem como as ações e reações da escola diante dessas condutas, buscando identificar possíveis semelhanças e diferenças entre alunos cujas famílias, apesar de residirem em favela, ocupam posições sociais distintas. A hipótese norteadora da investigação foi a de que, embora as condições sociais e econômicas desses alunos sejam bastante semelhantes, as condutas sociais apresentadas pelas crianças faveladas expressam uma hierarquia, pouco evidente, mas presente, de posições sociais que as diferenciam e de que os padrões sociais aceitos pelos professores reforçam essa hierarquia. Utilizaram-se como aporte teórico as contribuições de Pierre Bourdieu (1988), especialmente no que se refere aos conceitos de capital cultural e *habitus*, para análise dos padrões de condutas colocados em ação por crianças moradoras de favela em ambiente familiar e na escola. O procedimento básico foi a observação sistemática do comportamento natural (Selltiz, Wrightsman e Cook, 1987) dos padrões de condutas dos alunos em diferentes momentos de sua vida no lar, na vizinhança e na escola, com base em sete indicadores: 1) padrões de conduta moral; 2) condições materiais; 3) padrões de alimentação; 4) padrões de higiene; 5) padrões de vestimentas; 6) uso e controle dos espaços sociais; e 7) transgressão às normas e suas consequências. Foram selecionadas três alunas e três alunos, de uma escola estadual, localizada na Região Sul da cidade de São Paulo, cuja maioria do alunado é residente de favelas da região. O principal achado foi a constatação de uma espécie de homologia entre as condições e práticas sociais da escola com as crianças cujas famílias possuem “posição social mais elevada”, embora uma delas tenha conseguido romper este círculo vicioso e, apesar de ser uma das mais pobres entre os sujeitos pesquisados, conseguir obter bom rendimento e relativa aceitação na escola.

Palavras-chaves: processos de socialização, criança, família, favela, escola

FERRÃO, Aline de Araújo. **A violência na Escola e o seu papel de Socialização**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2011.

A temática violência na escola como um objeto de estudo já está mais consolidada em alguns países, tais como França, entretanto a definição de violência na escola ainda suscita discussão. No Brasil, ela começou a ser abordada por pesquisadores nas últimas décadas, quando a violência cresceu nas grandes cidades e também quando a rede pública de ensino teve uma grande expansão. Neste contexto a violência na escola ganha relevância social. Diante de tais fatos, esta pesquisa se propõe a analisar as diversas violências que se entrelaçam às dinâmicas escolares e alteram significativamente a sociabilidade daqueles que pertencem à instituição. Os valores da cultura da violência, como suspensão dos direitos dos outros e imposição através da força ou de sua ameaça podem conflitar com o papel de socialização da instituição de ensino. Há uma tensão entre dois modelos de orientação na escola que representa um grande desafio para o cumprimento de seu papel social de formação moral e intelectual. Da mesma forma, este trabalho procura analisar se a violência presente na comunidade pode se reproduzir no espaço escolar. Para isso, a entrevista foi realizada com o corpo docente e uma análise de textos escritos pelos discentes de duas instituições diferentes da mesma rede de ensino.

Palavras-chave: Violência; Escola; Socialização.

LEITE, Gelson Antonio. **Juventude e Socialização**: os modos do ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte - MG. 2011.190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

A pesquisa buscou compreender os modos de ser jovem aluno de camadas médias de uma escola privada, confessional, do ensino médio de Belo Horizonte, problematizando os significados atribuídos a sua condição juvenil e a sua condição de aluno. Pretendeu-se, ainda, discutir algumas formas de sociabilidade no espaço escolar e seus projetos de futuro. O referencial teórico usado nesta pesquisa foi articulado numa composição de autores vinculados ao campo das Ciências Sociais, especialmente da Sociologia da Educação e da Juventude. A pesquisa utilizou-se uma abordagem qualitativa, procurando apreender os processos pelos quais os jovens pesquisados constroem significados para o seu modo de ser jovem no espaço escolar. A pesquisa de campo teve uma duração de seis meses. Foram utilizados variados instrumentos de coletas de dados: observação de campo, aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas. A observação de campo foi feita em duas turmas do 2º ano do ensino médio, com uma duração de quatro meses. O questionário foi aplicado para 73 alunos, contemplando essas duas turmas. As entrevistas semi-estruturadas foram feitas com nove jovens tendo em média a duração de uma hora cada. Além disso, foi realizado um grupo de discussão com seis jovens com duração de duas horas. Os resultados sugeriram que, para os jovens das camadas médias pesquisados, a escola ocupa um tempo privilegiado em suas vivências cotidianas, influenciando significativamente suas formas de sociabilidade. Constatamos, também, que as estratégias familiares são condicionantes fundamentais no processo de escolarização desses jovens e nas elaborações dos seus projetos de futuro. Quanto aos significados atribuídos a essa fase da vida, os jovens utilizaram, principalmente, as noções de responsabilidade e de autonomia, demonstrando maneiras diferentes de representação da condição juvenil.

Palavras-Chave: Juventude, Classe média, Escola.

PIOVANI, Verônica Gabriela Silva. **Escola, Tecnologia e Sociabilidade na Educação Física**: intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do Plano CEIBAL e do PROUCA. 2012. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

O objetivo da investigação foi de analisar as possibilidades pedagógicas da Educação Física (EF) escolar dentro dos Programas um Computador por Aluno. Para isto, se realizou uma intervenção pedagógica, de acordo com alguns dos princípios metodológicos da pesquisa-ação. Foram desenvolvidas três experiências de uso do computador por aluno, na disciplina de EF, as quais foram realizadas com turmas do 5º e 6º ano de uma escola municipal de Ensino Fundamental da cidade de Brusque - Santa Catarina, Brasil e de duas escolas de Ensino Primário da cidade de Montevideú, Uruguai. Foram trabalhados como estratégia metodológica e conteúdo destas experiências pedagógicas nestas escolas, os “Jogos da Cultura Popular”, no período de Junho à Outubro de 2011. Destaca-se que as ações pedagógicas foram planejadas conjuntamente com os professores de EF das turmas, numa unidade didática, utilizando como suporte metodológico o computador por aluno. Para assim, os alunos produzirem e criarem o conteúdo de suas práticas e pesquisas sobre a temática, e disponibilizarem em Blogs. Após as experiências dos “Jogos da Cultura Popular” em suas turmas, era propiciado o intercâmbio das atividades entre as turmas dos dois países, com a intenção de ampliar o conhecimento da cultura dos alunos, especificamente da cultura corporal; fundamentando-se na Pedagogia Freinet e a Mídia-Educação. Para a produção de dados foram utilizados: relatórios de matrículas das escolas, Projeto Político Pedagógico, questionário aos alunos para conhecimento de características pessoais, sociais, comportamentais e familiares, diário de campo, postagens e comentários dos Blogs, entrevista participante com professores de EF e grupos de alunos e entrevista não-estruturada com alguns dos grupos de alunos. Para a análise dos dados foram utilizados: a estatística descritiva (para informações do questionário), com ajuda do programa SPSS 15.0; e a análise de conteúdo (para informações das questões abertas do questionário, do diário de campo, postagens e comentários dos Blogs e das entrevistas aos professores e alunos), com a colaboração do programa NVivo9 para a organização das unidades temáticas de análise. Os resultados do estudo evidenciaram que existe a necessidade das políticas públicas, vinculadas à inclusão das tecnologias na educação, considerarem e atenderem as dificuldades técnicas relacionadas aos laptops, bem como, atenderem de forma especial a formação inicial e continuada dos professores de EF, orientada nas práticas pedagógicas e metodológicas, para o uso das tecnologias nas suas propostas de ensino. Também se constatou que existe a necessidade de mudanças nas práticas curriculares da escola, por parte das equipes pedagógicas que trabalham diretamente com os alunos. A investigação demonstrou a relevância da utilização das técnicas e princípios da pedagogia Freinet, relacionadas e acrescentadas pela mídia-educação e media literacy, para os professores de EF utilizarem as tecnologias nas suas propostas de ensino. Todas as questões levantadas sobre as possibilidades pedagógicas abertas para EF escolar a partir dos programas um computador por aluno levam a pensar a necessidade

de a inclusão digital ser refletida criticamente, desde as práticas, pelas escolas uruguayas e brasileiras, ou seja, por seus professores, alunos e pais.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Um computador por aluno, Mídia-educação, Media Literacy, Jogos da cultura popular.

POUZAS, Ubiratan Santos. **Lazer, Juventude E Ensino Médio/Técnico**: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

Este estudo procurou entender algumas questões que envolviam a escolarização e o lazer no Colégio Técnico da UFMG (Coltec), as quais tencionavam o cotidiano dessa escola. Nesse aspecto, o Coltec representa uma instituição que exige um grande esforço por parte dos jovens, pois eles enfrentam uma extensa carga horária na dupla jornada escolar que, além disso, exige atividades extraclases. Esse contexto afetava a vida cotidiana dos alunos em suas buscas de vivências e momentos de lazer. Como estrutura metodológica, o trabalho realizou, primeiramente, um levantamento bibliográfico no intuito de contextualizar o problema a ser investigado. Essas leituras possibilitaram maior compreensão da dinâmica local e de como se estabelecem as relações entre os sistemas e os sujeitos na instituição. Assim, em caráter inicial, foi empregado um processo de Observação nas intermediações do Coltec, e depois se adotou, também, o uso de Grupos Focais com alguns jovens. A partir desses aparatos metodológicos, foram construídas cinco categorias, que foram exploradas no diálogo com as questões levantadas no estudo. A pesquisa revelou que os jovens buscam certo “equilíbrio” entre seus deveres no colégio e as vivências de lazer, que são realizadas através dos interstícios escolares, brechas no tempo que encontram entre as aulas e em horário de almoço, e a partir de práticas transgressivas. O trabalho mostrou, também, que os jovens se constituem em distintos grupos culturais na instituição, marcados por afinidades, amizades, sociabilidades e companheirismo. O estudo evidencia, ainda, que os alunos são dotados de certa “liberdade” de ação no Coltec, mas, por outro lado, são amplamente controlados e que o Grêmio Estudantil era o principal criador e fomentador dos eventos de lazer na escola. Além disso, essa agremiação juvenil representou ser um espaço de atuação dos jovens, pautado na participação e no envolvimento com as diretrizes do colégio. Outro aspecto que se manifestou na pesquisa foi a importância de uma maior abrangência e incentivo aos diversos tipos de conhecimento que podem ser adquiridos nas instituições escolares. Tal saber vão além das disciplinas tradicionais extensamente empregadas e, muitas vezes, perpassam pelo âmbito do lazer, da cultura e da vida política dos estudantes.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Sociabilidades. Escola.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. **Educação Física Escolar e Relações De Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos.** 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Física) - Universidade Estadual De Campinas, 2012.

Este trabalho buscou entender como se dão as relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar. Por meio de uma pesquisa do tipo etnográfica, em três (3) séries de duas (2) escolas pertencentes à Região Metropolitana de Campinas, foram observadas aulas de educação física que apresentavam uma variação de conteúdos ao longo dos bimestres e realizadas entrevistas semiestruturadas, com professores/as e alunos/as das turmas. As análises feitas indicam que, embora no campo dos discursos da educação física haja práticas que são, a priori, generificadas (ginástica é feminina e o futebol masculino), no contexto pesquisado não foram essas determinações que interferiram na aprendizagem de meninos e meninas nas aulas, mas sim uma noção, compartilhada entre os sujeitos, da certeza de que os meninos eram mais aptos e capazes nas atividades independente do conteúdo, como se ser menino por si só já fosse indicativo de maiores habilidades corporais. Assim, de acordo com o campo, os meninos e meninas lidavam de maneiras distintas com aprendizagem de novos movimentos e conteúdos, sendo que eles arriscavam-se mais nas aprendizagens e demonstravam mais confiança nas próprias capacidades e habilidades e elas denotavam maiores capacidades de se organizar, as quais foram evidenciadas em alguns momentos nos conteúdos de ginástica. Nos conteúdos esportivos e/ou atividades que envolviam competição, a certeza do sucesso e crença na maior habilidade corporal dos meninos ficava evidenciada dada a situação de competição. Este trabalho permite entender como as construções de gênero influenciam nos modos de participar e aprender nas aulas de educação física, assim como a diversificação de conteúdos desta disciplina, em alguns momentos, pode ser um fator desconcertante das relações de gênero presentes na escola.

Palavras-Chave: Gênero; Educação Física; Escola; Relações Interpessoais.

MONZELI, Gustavo Arthur. **Em Casa, na Pista ou na Escola é Tanto Babado:** espaços de sociabilidade de jovens travestis. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Educacional) – Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

O objetivo deste trabalho foi compreender, a partir da vivência com quatro jovens que em algum momento da pesquisa se autodenominaram travestis, residentes na cidade de São Paulo (SP), as principais técnicas utilizadas por elas para o manejo e a manipulação de suas próprias características corporais, subjetivas e identitária, a fim de se inserirem em determinados espaços de sociabilidade, focalizando-se nos contextos familiares, de instituições formais de ensino e também de prostituição. Procurou-se organizar o trabalho em quatro sessões. Na primeira, inicia-se uma contextualização histórica do debate e da produção acadêmica sobre a temática referente ao gênero e à sexualidade, em seguida apresenta-se a entrada em campo, a partir de contribuições etnográficas e, por último, contextualizam-se os territórios onde a pesquisa aconteceu. Na segunda Seção, pondera-se a multiplicidade de formas de considerar e construir signos do que é considerado feminino em corpos assignados como masculinos. Além disso, apresenta-se a história de cada interlocutora desta pesquisa, tentando assinalar suas vivências singulares nestes processos de promoção de construção corporal, subjetiva e identitária. Na terceira seção, discute-se as diferentes técnicas e estratégias utilizadas por elas para se inserirem em diferentes contextos como família, escola e prostituição, e como estas relações são construídas a depender dos sujeitos envolvidos, bem como de seus interesses e desejos. E, por último, contextualiza-se as proposições da terapia ocupacional social e suas possíveis implicações na vida cotidiana dos sujeitos em seus territórios de pertencimento, apontando como a circulação destas jovens em seus territórios tem rebatimentos nos níveis de inserção e restrição, possibilitando ou não suas existências em diferentes espaços. Acredita-se que esta dissertação vem contribuir, para além da multiplicidade de formas e construção e compreensão dos corpos, subjetividades e identidades travestis, com um diálogo, em meio às articulações possíveis entre terapia ocupacional social e a circulação dos sujeitos em seus territórios de pertencimento.

Palavras-chave: Travestilidade; Terapia Ocupacional Social; Corpo; Montagem/desmontagem de corpos.